



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERRITÓRIO, AMBIENTE E
SOCIEDADE**

ANDRÉA ARAUJO DE JESUS

**METROPOLIZAÇÃO DO TURISMO NO LITORAL NORTE DA
BAHIA: O CASO DE PRAIA DO FORTE**

**Salvador - Bahia
2024**

ANDRÉA ARAUJO DE JESUS

**METROPOLIZAÇÃO DO TURISMO NO LITORAL NORTE DA
BAHIA: O CASO DE PRAIA DO FORTE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Território, Ambiente e Sociedade da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Dinâmicas territoriais, de ambiente e de sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Sá de Carvalho.

**Salvador - Bahia
2024**

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica. UCSAL. Biblioteca Dom Geraldo Majella Agnelo

J58 Jesus, Andréa Araujo de
Metropolização do turismo no Litoral Norte da Bahia: o caso de
Praia do Forte. / Andréa Araujo de Jesus. _ Salvador, 2024.
164f.: il.

Tese (Doutorado) em Dinâmicas Territoriais, de Ambiente e
Sociedade) – Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de
Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Território, Ambiente e
Sociedade.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Sá de Carvalho

1. Turismo. 2. Metropolização. 3. Praia do Forte. 4. Litoral Norte da
Bahia. I. Carvalho, Silvana Sá de - Orientadora II. Universidade
Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
III. Título.

CDU 711.557

TERMO DE APROVAÇÃO


ANDRÉA ARAUJO DE JESUS

"METROPOLIZAÇÃO DO TURISMO NO LITORAL NORTE DA BAHIA: O CASO DE PRAIA DO FORTE".


Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de Doutor(a) em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social.

Salvador, 11 de dezembro de 2024.


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 SILVANA SA DE CARVALHO
Data: 24/03/2025 13:38:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>


Silvana Sá de Carvalho (orientadora – UCSAL)

Documento assinado digitalmente
 JOSE RODRIGUES DE SOUZA FILHO
Data: 24/03/2025 13:18:06-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>


José Rodrigues de Souza Filho (examinador interno - UCSAL)



Pedro de Almeida Vasconcelos (examinador interno - UCSAL)

Documento assinado digitalmente
 ALIGER DOS SANTOS PEREIRA
Data: 24/03/2025 09:06:14-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Aliger dos Santos Pereira (examinadora externa - UNEB)

Documento assinado digitalmente
 JEAN HENRIQUE COSTA
Data: 24/03/2025 07:57:15-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Jean Henrique Costa (examinador externo – UERN)

Dedico este trabalho ao meu filho Daniel.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Abel Ribeiro de Jesus e Maria do Carmo Araujo de Jesus que sempre me incentivaram profissionalmente, especialmente ao apoio do meu pai com o seu entusiasmo constante com a tese

Agradeço ao meu marido Euripdis Francisco Teixeira que esteve sempre ao meu lado nos momentos pessoais e profissionais mais importantes da minha vida, além de ter vivenciado comigo os primeiros passos da nossa carreira na docência acadêmica.

Agradeço também a Jandira, aos meus irmãos Ângela, Alan e Adriano, aos meus sobrinhos e também as minhas cunhadas Luana e Michelli que formam um núcleo familiar de muita cumplicidade.

Sou grata também aos colegas de profissão que tive a oportunidade de conviver ao longo da minha carreira e trocar experiências valiosas, especialmente aos meus colegas docentes do Departamento de Turismo da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, ao qual pertenço, e que cobriram minha ausência para a conclusão do doutorado.

Não poderia deixar de citar os professores do Programa de Mestrado em Turismo e Hotelaria da Univali - SC que me acolheram e tive a oportunidade de ter uma excelente experiência.

Agradeço também aos meus inúmeros familiares da família Ribeiro de Jesus e Oliveira Araujo, muitos pertencentes a área acadêmica por servirem como referência profissional.

Agradeço em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Silvana Sá de Carvalho, profissional competente, pessoa humana singular, que sem o sem apoio este trabalho não teria sido concluído.

Por fim, agradeço ao meu filho por ser o meu maior motivador.

Viajar é mudar a roupa da alma.
(Mário Quintana)

Viajar pinta cores coloridas nas telas
das nossas vidas.
(Autor desconhecido)

RESUMO

Esta tese de doutorado versa sobre o processo de metropolização turística em Praia do Forte e suas configurações espaciais resultantes, ou seja, aborda o fenômeno complexo de transformação urbana e socioeconômica dessa localidade costeira no Estado da Bahia, Brasil. O objetivo geral foi analisar como a atividade de turismo e lazer interferiram na produção do espaço urbano, ocorrido em Praia do Forte, nas últimas cinco décadas; e se está provocando uma Metropolização Turística a partir da Cidade do Salvador. A metodologia utilizada foi a de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio do método monográfico-descritivo, que é classificada como exploratória e explicativa. Para coletar dados, foi utilizada uma combinação de pesquisa documental e entrevistas, seguida de visitas ao local da pesquisa para perceber as transformações urbanas e sociais atuais. Os resultados deste estudo mostram que o turismo é uma das principais atividades econômicas de Praia do Forte. Um papel importante foi o da família Klaus Peters, cujo Plano Diretor de Praia do Forte, projetado por arquitetos conceituados, também foi crucial para o desenvolvimento do destino. São dois os achados resultantes desta pesquisa: o primeiro é que houve um importante efeito do turismo na metropolização de Praia do Forte, mas que não é ainda um processo completo de metropolização, uma vez que esta carece ainda de uma infraestrutura de serviços que uma metrópole deve possuir. O segundo achado é que o sucesso de Praia do Forte não derivou do crescimento da Cidade do Salvador, mas de um Plano Urbanístico e uma execução muito bem implementada, bem como de políticas públicas realizadas.

Palavras-chave: Turismo. Metropolização. Praia do Forte. Litoral Norte da Bahia.

ABSTRACT

This doctoral thesis deals with the process of tourist metropolization in Praia do Forte and its resulting spatial configurations, that is, it addresses the complex phenomenon of urban and socioeconomic transformation of this coastal location in the State of Bahia, Brazil. The general objective was to analyze how tourism and leisure activities have interfered in the production of urban space, which has occurred in Praia do Forte over the last five decades; and whether it is causing a Tourist Metropolization from the City of Salvador. The methodology used was a qualitative approach, developed through the monographic-descriptive method, which is classified as exploratory and explanatory. To collect data, a combination of documentary research and interviews was used, followed by visits to the research site to perceive the current urban and social transformations. The results of this study show that tourism is one of the main economic activities in Praia do Forte. An important role was played by the Klaus Peters family, whose Master Plan for Praia do Forte, designed by renowned architects, was also crucial to the development of the destination. There are two findings resulting from this research: the first is that there was an important effect of tourism on the metropolitanization of Praia do Forte, but that it is not yet a complete process of metropolitanization, since it still lacks the infrastructure of services that a metropolis should have. The second finding is that the success of Praia do Forte did not derive from the growth of the City of Salvador, but from an Urban Plan and a very well-implemented execution, as well as from public policies.

Keywords: Tourism. Metropolitanization. Praia do Forte. North Coast of Bahia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Distritos e Localidade de Mata de São João/BA	17
Figura 2	Dinâmica Perversa do Turismo nas Costas Nordesteiras	51
Figura 3	Ciclo de vida de um destino turístico.	57
Figura 4	Igreja de São Francisco antes e depois da reforma e seu entorno (prainha).	66
Figura 5	A prainha e suas embarcações pesqueiras tradicionais	67
Figura 6	Destaque para a atmosfera de veraneio da Vila.	67
Figura 7	Apresentação urbana da Vila na atualidade	68
Figura 8	Lojas na “Vila” de Praia do Forte	68
Figura 9	Castelo Garcia D’Ávila	69
Figura 10	Reserva Sapiranga	70
Figura 11	Projeto Baleia Jubarte	72
Figura 12	Condomínio La Laguna Praia do Forte	76
Figura 13	Projeto Tamar	78
Figura 14	Projeto Tamar, visto de cima	78
Figura 15	Atividade “Biólogo por um dia” do Projeto Tamar	79
Figura 16	Projeto Tamar – Interação Social da comunidade com o projeto	79
Figura 17	Sede do Projeto Baleias Jubarte	80
Figura 18	Alunos visitando o Projeto Baleias Jubarte	80
Figura 19	Fotos externas e internas do Castelo Garcia D’Ávila	82
Figura 20	Reserva Sapiranga	83
Figura 21	Klaus Peters	89
Figura 22	Firmo Azevedo, Arquiteto e Professor da UFBA	91
Figura 23	Klaus (Cacau) Peters, filho do Klaus Peters	96
Figura 24	Hotéis em Praia do Forte	108
Figura 25	Via Metropolitana	108
Figura 26	“Vila” da Praia do Forte, Mata de São João/BA – em 1975	112
Figura 27	“Vila” da Praia do Forte, Mata de São João/BA – em 2023	112
Figura 28a	Travessia de balsa para acessar Praia do Forte	113
Figura 28b	Travessia de balsa para acessar Praia do Forte	114
Figura 29	Modelo modificado e ampliado de Lundgren para a região de Salvador	116
Figura 30	Modelo modificado/ampliado de Lundgren-região de Salvador/Litoral Norte	117

Figura 31	Ocupação do Litoral Norte, 2010	118
Figura 32	Mapa sobre residências secundárias, 2010	119
Figura 33	Investimentos estimados em empreendimentos turísticos	120
Figura 34	Síntese das áreas de proximidade – Camaçari e Praia do Forte	121
Figura 35	Imagens de satélite do litoral de Mata de São João em 2005 e 2018	122
Figura 36	Áreas em Mata de São João em 2021	123
Figura 37	PIB total e por setores de atividades em Mata de São João	124
Figura 38	Mapeamento do uso do solo – Praia do Forte	124
Figura 39	Imagem de Bancos e Correios em Praia do Forte	125
Figura 40	Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC)	126
Figura 41	Pequeno Shopping	130
Figura 42	Clínica de Oftalmologia e Cirurgia	130
Figura 43	Tradicional sorveteria de Salvador instalada em PF	131
Figura 44	Área interna do Castelo Garcia D'Ávila	131
Figura 45	A vila de Praia do Forte, um verdadeiro <i>shopping</i> a céu aberto	134
Figura 46	A costa de Praia do Forte	134
Figura 47	O Castelo Garcia D'Ávila	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Desenho da Metodologia da Pesquisa	21
Quadro 2	Principais artigos utilizados	24
Quadro 3	Comparativo das fases de Holder (<i>apud</i> Queiroz) e Butler	58
Quadro 4	Número de Estabelecimentos de serviços turísticos de acordo com a Turisforte	132

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	JUSTIFICATIVA	17
1.2	OBJETIVO GERAL	20
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
1.4	METODOLOGIA	21
2	URBANIZAÇÃO E METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO	30
2.1	A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA	30
2.2	COMPREENDENDO A METROPOLIZAÇÃO	36
3	TURISMO E URBANIZAÇÃO	42
3.1	COMPREENDENDO A ATIVIDADE TURÍSTICA	42
3.1.1	Aspectos conceituais e campo de estudo do turismo	44
3.1.2	Abordagem atual sobre a atividade turística	50
3.1.3	Turismo de Sol e Mar	52
3.1.4	Turismo e as transformações no espaço	53
3.2	METROPOLIZAÇÃO TURÍSTICA	55
4	OBJETO DO ESTUDO – PRAIA DO FORTE	60
4.1	HISTÓRIA	63
4.2	ECONOMIA	73
4.3	IMPACTOS EM GERAL E TURISMO SUSTENTÁVEL	74
4.4	EDUCAÇÃO	75
4.5	DESENVOLVIMENTO URBANO	75
4.6	O CASTELO GARCIA D'ÁVILA E OS RELEVANTES PROJETOS AMBIENTAIS EM PRAIA DO FORTE	77
4.6.1	O Projeto TAMAR	77
4.6.2	O Projeto Baleia Jubarte e Araras Azuis	80
4.6.3	O Castelo Garcia D'Ávila	81
4.6.4	A Reserva Ambiental de Sapiranga	82
5	POLÍTICAS PÚBLICAS, GOVERNO DA BAHIA	84
5.1	INÍCIO DA COLONIZAÇÃO	87
5.2	PAPEL DOS PROPRIETÁRIOS DE TERRA	87
5.3	A CHEGADA DE KLAUS PETER E A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO	88
5.4	DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO E SUSTENTABILIDADE	89

5.5	IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS	89
5.6	<i>RESORTS</i> E O ECOCAPITALISMO	90
6	ENTREVISTAS	91
6.1	ENTREVISTA COM FIRMO AZEVEDO	92
6.1.1	Histórico e importância de Klaus Peters para a região	92
6.1.2	Planejamento e preservação	93
6.1.3	Venda e crescimento	94
6.1.4	Desafios e expansão	94
6.1.5	Educação e turismo	95
6.1.6	Cenário atual e perspectivas futuras	95
6.2	ENTREVISTA COM O FILHO DE KLAUS PETERS (CACAU)	96
6.2.1	A importância do turismo planejado	97
6.2.2	A importância da família Klaus Peters para Praia do Forte	98
6.3	ENTREVISTA COM O CASAL NOBERT E DÉBORA LEITSCH	101
7	METROPOLIZAÇÃO TURÍSTICA EM PRAIA DO FORTE	102
7.1	PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO	102
7.2	O TURISMO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19	109
8	PESQUISAS REALIZADAS – RESULTADOS E ANÁLISES	112
8.1	OCUPAÇÃO DO LITORAL NORTE DA BAHIA: O CASO DE PRAIA DO FORTE	114
8.2	PESQUISA DE CAMPO	125
8.3	PRAIA DO FORTE HOJE	132
9	RESULTADOS	136
10	ACHADOS E CONCLUSÕES	139
10.1	HOUVE METROPOLIZAÇÃO DE PRAIA DO FORTE?	139
10.2	O SUCESSO DE PRAIA DO FORTE DERIVOU DO CRESCIMENTO DA CIDADE DO SALVADOR?	139
	REFERÊNCIAS	141
	APÊNDICES: A, B e C	154

1 INTRODUÇÃO

O Brasil experimentou, nas últimas décadas, um grande crescimento na população urbana. O processo de urbanização está em crescente mudança com expressiva velocidade, extensão e profundidade. Este fenômeno pode ser observado nas mudanças socioespaciais verificadas e atestadas em estudos que tratam sobre a urbanização e que costumam creditar esse fato tanto ao crescimento vegetativo quanto ao fluxo migratório para a cidade. Com esse movimento, a cidade se transforma, causando grandes modificações no seu tecido urbano e nas relações socioespaciais.

Quando ocorre este crescimento da metrópole e conseqüente alargamento por outros territórios através do tecido urbano, a sociedade e a vida cidadina penetram no campo e nos espaços de influência persuadidos pelo modo de vida da metrópole em outros espaços.

Até o final do século passado, este movimento de grande crescimento das cidades, ocasionado especialmente pela migração do homem do campo para as capitais em busca de melhores condições de vida e trabalho e que contribuiu para a concentração e desenvolvimento da indústria e do comércio nas capitais, era compreendido como urbanização. No entanto após o início do ano 2000, esse movimento passou a ter uma nova configuração com algumas características que o diferem do fenômeno anterior.

O entendimento que se tem hoje sobre esse fenômeno é que estamos diante de uma nova fase da urbanização ou de estágio superior do desenvolvimento metropolitano compreendido como uma pós-urbanização – a metropolização do espaço. Trata-se de um fenômeno de grande expressão, que ganhou mais impulso com a globalização e que promove a complexa articulação de questões econômicas, sociais, políticas e culturais do local ao global (Silva, 2008).

A metropolização submete as grandes cidades aos fenômenos de dilatação, de aumento e diversificação das mobilidades, intensificando inclusive a pressão sobre os espaços naturais e agrícolas. Este fenômeno se verifica com o crescimento das forças econômicas de atração metropolitana e se apresenta também na atividade turística. Se a urbanização é compreendida como um momento de desenvolvimento das cidades e concentração das atividades produtivas, na metropolização, este movimento perde força, pois se espalha, se desconcentra, se orienta em direção oposta àquela cidade que detém o poder da atração e influência metropolitana (Lencioni, 2015).

Para compreender a metropolização, é importante antes discorrer sobre o conceito de metrópole, conceito este que originalmente vem do grego com o significado de “cidade-mãe” e esteve sempre atrelado a um sentido de domínio de outros territórios no que tange à oferta de

bens e serviços. No entanto, vale lembrar que os conceitos se modificam de acordo com o contexto de cada momento histórico. Então, a mesma palavra com que se definia uma metrópole no momento da era grega hoje tem um significado um pouco diferenciado, pois atualmente se tem uma sofisticação de bens, serviços e outras variáveis de análise apesar de o termo permanecer o mesmo. (Firkowski; Moura, 2020).

No todo, o termo “metropolização” refere-se ao processo. Caracteriza tanto formas e tamanhos como funções e dinâmicas das agregações mais humanas do nosso tempo. A questão da metropolização abre, portanto, um fabuloso campo para a pesquisa em ciências humanas e sociais. Este é um nome, de alguns anos, para conhecer as suas formas, as suas funções, para ouvir os seus desejos, para identificar os seus riscos, mas também as suas promessas para o futuro da humanidade, que polarizou a metropolização (Méo, 2008).

Na lógica do fenômeno da metropolização, é necessário que ocorra um processo contínuo de desenvolvimento que estimule a mobilidade de pessoas que geralmente dependam das forças de atração da metrópole. No entanto esta força de atração, com o tempo, faz com que outras localidades próximas vão também se desenvolvendo com a ocupação e instalação de equipamentos básicos da vida urbana.

A partir da década de 70 e, mais e intensamente na década de 90 do século passado, percebe-se no litoral brasileiro, especialmente no nordestino, um processo de ocupação que vem se realizando sobretudo mediante grandes empreendimentos turísticos e imobiliários. Para Silva, Silva e Carvalho (2008), as grandes causas do crescimento ao Norte de Salvador seriam o rompimento do isolamento do acesso por via rodoviária, com a construção da Estrada do Coco e da Linha Verde, respectivamente, em 1975 e em 1993, o potencial de uso do seu território para turismo, recreação e lazer, incluindo as residências secundárias, e o rápido crescimento de Salvador e sua Região Metropolitana.

Dessa forma, acredita-se que a exploração da atividade turística, especialmente nas zonas costeiras nordestinas, através da indução de políticas de desenvolvimento econômico, tenha sido capaz de oportunizar a estruturação da metropolização do espaço do Litoral Norte de Salvador, e este será o objeto de estudo deste trabalho, especificamente na localidade de Praia do Forte - PF, no município de Mata de São João, pela sua relevância na atividade turística.

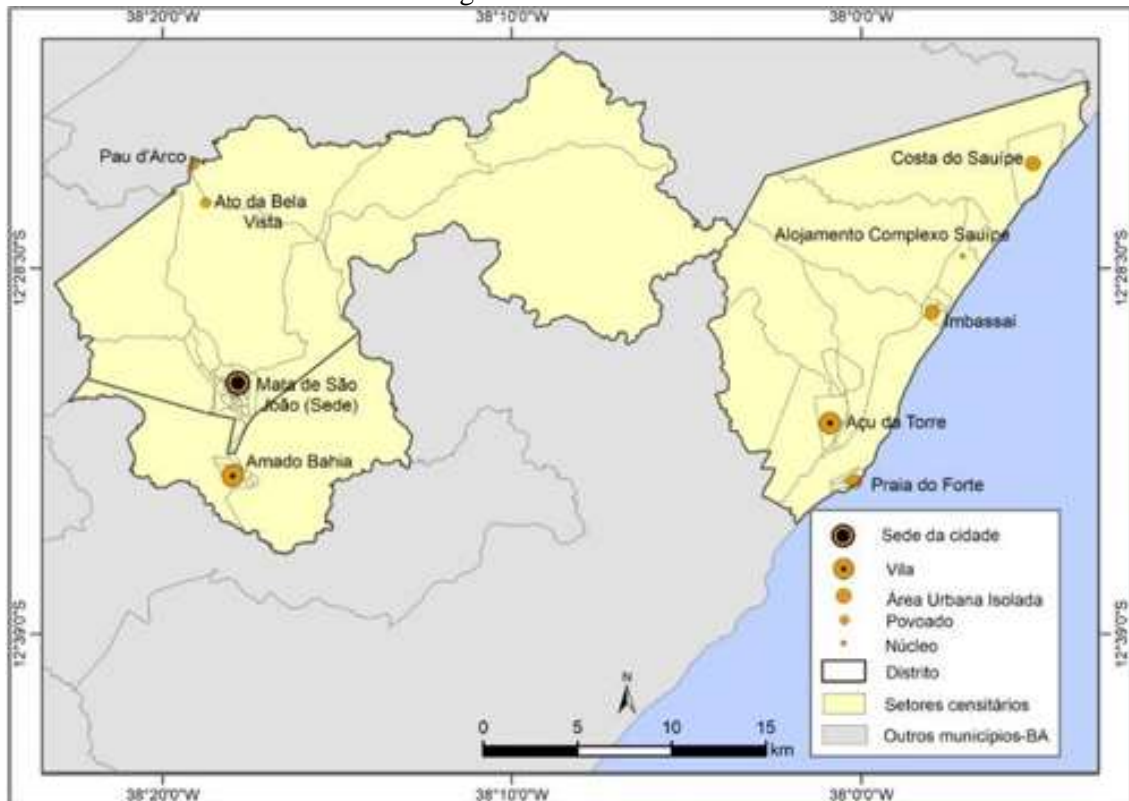
O Litoral Norte de Salvador passou por grandes e rápidas transformações desde o ano de 1975, quando foi reformada a BA-099, também chamada de Linha Verde, que liga o município de Lauro de Freitas (na Região Metropolitana de Salvador) às praias do Litoral Norte do Estado, terminando na divisa de Sergipe. Trata-se de uma estrada turística, sendo que está

duplicada, com pedágio e com boa conservação e infraestrutura até a Localidade de Praia do Forte, na cidade de Mata de São João. Essa rodovia está dividida em Estrada do Coco (construída em 1975) que vai do Aeroporto Internacional de Salvador até Praia do Forte, e a Linha Verde (construída em 1993), que vai da Praia do Forte até Sergipe.

Esta acessibilidade assegurou a multiplicação dos imóveis de veraneio e segundas residências e de equipamentos turísticos, inclusive de grandes *resorts* internacionais ao longo da costa. Foi nesse período que ocorreu a criação da Região Metropolitana de Salvador, em 1973, que hoje contempla, além de Salvador, 12 Municípios, a saber: Itaparica; Camaçari; Madre de Deus; Pojuca; Mata de São João; Vera Cruz; Candeias; Lauro de Freitas; Simões Filho; São Francisco do Conde; São Sebastião do Passé; e Dias d'Ávila (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2015).

O foco desta tese concentra-se na Localidade de Praia do Forte, do Município de Mata de São João, Bahia, Brasil, a qual é apresentada na Figura 1 e a localidade de Praia do Forte, na sua costa leste, tendo próximas as localidades de Açú da Torre e Imbassaí. A intenção do trabalho é verificar se houve metropolização na localidade de Praia do Forte a partir da Cidade do Salvador e se esta metropolização foi influenciada pela atividade turística.

Figura 1 – Mata de São João/BA



Fonte: Santana, Silva e Guidice (2020).

1.1 JUSTIFICATIVA

A metropolização turística no Litoral Norte de Salvador representa um fenômeno complexo que exige uma análise aprofundada, especialmente se considerado o impacto significativo que o turismo exerce sobre a localidade pesquisada, no caso, o município de Mata de São João, com interesse especial na localidade de Praia do Forte. Nesse contexto, a justificativa para a investigação desta temática se fundamenta na necessidade de se compreender as dinâmicas urbanas e turísticas que contribuem para a transformação dessa região e fazem com que este estudo se torne relevante na análise dos processos contemporâneos de desenvolvimento urbano litorâneo.

É importante informar que, de acordo com as definições do IBGE e conforme a Figura 1, Praia do Forte é considerada uma “Área Urbana Isolada”, sendo Açú da Torre e Amado Bahia consideradas, cada uma delas, uma “Vila”. Neste trabalho, optamos por chamar Praia do Forte uma “localidade” – lugar no território nacional que possui um aglomerado permanente de habitantes – por ser o termo mais adequado segundo a definição do IBGE. Algumas vezes, porém, pode ser chamada de “Vila”, porque este é o nome referente à área central da localidade

onde estão dispostos os bares, restaurantes, pousadas, e outros equipamentos. Por este motivo é muito referida pela população por este termo. Abaixo apresentamos as definições do IBGE (2010):

- **Cidade**

É a sede de um município, independentemente do número de habitantes.

- **Localidade**

É um lugar com um aglomerado permanente de pessoas, com edificações para cultura, esporte e lazer.

- **Município**

É uma unidade autônoma de menor hierarquia na organização político-administrativa do Brasil.

- **Vila**

É a sede de um distrito que não abriga a cidade.

O litoral de Mata de São João, inicialmente caracterizado por sua paisagem exuberante e culturalmente rica, tem experimentado uma crescente metropolização turística. A intensificação desse fenômeno não apenas redefine a geografia da região, como também desencadeia substanciais mudanças sociais, econômicas e ambientais. Diante disso, a investigação se propôs a desvendar a origem dessa metropolização, bem como suas implicações no tecido urbano e na qualidade de vida dos seus residentes. (Santana; Silva; Guidice, 2020).

Santos (2011, p.1) assim comenta sobre as grandes transformações ocorridas no litoral de Mata de São João:

[...] de uma pequena e simples localidade pesqueira passou a ser um elegante destino turístico, representativo da nova forma de urbanização e que vem se destacando no século XXI, onde a produção do espaço está assentada no consumo de paisagens e atividades de lazer e entretenimento.

Considerando que o processo da metropolização nas regiões costeiras e turísticas ocorre em diversas áreas no país, tratar este tema academicamente permitiu explorá-lo com maior consistência e observar os seus efeitos no tecido social, contribuindo assim com a comunidade acadêmica de turismo bem como colaborar com os gestores públicos para melhor orientar as políticas públicas e estratégias de gestão de acordo com os objetivos apropriados ao melhor desenvolvimento sustentável da região.

A motivação para a escolha deste tema nasceu da intenção de pesquisar sobre uma temática que contemplasse a atividade turística, área de meu interesse profissional. Numa conversa com a orientadora sobre redefinição de caminhos, surgiu esta proposta que foi abraçada com bastante entusiasmo, já que, como baiana, conheço a região pessoalmente, sendo

graduada e mestra em Turismo e Hotelaria e docente com Dedicção Exclusiva do Curso de Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Contribuiu também o fato de ter vivenciado alguns exemplos claros de transformações espaciais. Quando criança, passava as férias, no final da década de 70, fazendo *camping* com os pais em Praia do Forte, junto ao Farol ali existente, quando nada mais existia, além da pequena vila de pescadores. Durante as décadas de 80 e 90, residi no bairro de Itapuã, um local que testemunhou um intenso processo de urbanização. Simultaneamente, os estudos no centro da cidade me aproximaram das transformações do coração histórico de Salvador. Atualmente, as visitas à casa de veraneio em Ipitanga, em Lauro de Freitas, servem como um portal para o passado, permitindo comparar a cidade da juventude com a metrópole contemporânea. No período de residência no condomínio em Itapuã chamado de Colina da Fonte, na década de 80, foi possível observar grandes transformações espaciais, ao se iniciar a formação das chamadas favelas em seu entorno. Com o passar dos anos e a chegada de infraestrutura, mesmo escassa, hoje se constituem parte informal da Cidade do Salvador.

Já na casa de praia, foi vivenciada toda a transformação do espaço proporcionada pela metropolização na cidade de Lauro de Freitas, quando primeiramente foram aparecendo algumas casas de veraneio. Na medida em que os serviços e infraestrutura urbana iam se tornando mais efetivos, houve um aumento do número dessas casas de veraneio e até mesmo algumas pessoas passaram a residir no local. Hoje, 35 anos depois, muitas pessoas já moram na região e aparecem os primeiros empreendimentos de prédios de vários andares, de forma que logo esta área praiana apresentará uma outra configuração espacial, arquitetônica e social.

Diante de todos esses motivos apresentados, a investigação sobre a metropolização turística em Praia do Forte não apenas contribui para a compreensão específica desse destino, mas também oferece validade para o entendimento mais amplo dos processos urbanos contemporâneos e das interações entre turismo e urbanização. Ao abordar essa temática, o trabalho buscou preencher uma lacuna no conhecimento, além de fornecer uma base sólida para futuras pesquisas e intervenções práticas.

No aspecto social, este trabalho contribui para uma melhor compreensão sobre o fenômeno da metropolização e, assim, poderá auxiliar o poder público e privado no gerenciamento da atividade turística para futuras intervenções no sentido da melhoria da qualidade de vida da comunidade local, dos residentes temporários de casas de veraneio e dos turistas, levando a um desenvolvimento favorável da região que atenda todos os atores da comunidade.

Numa perspectiva profissional, este doutorado trará grande conhecimento acadêmico, oportunizando um amadurecimento profissional necessário para a atuação enquanto docente. Valorizará também a UERN e, especialmente, o Departamento de Turismo, pois contarão com mais uma professora com doutorado no seu quadro profissional, bem como a UCSAL e seu Programa de Doutorado Território, Ambiente e Sociedade, que terão mais uma aluna doutora.

Este trabalho é fruto de 25 anos de dedicação pessoal, mesmo através de inúmeros percalços, passando pela Graduação em Turismo, pela morada em Bom Jesus da Lapa coordenando uma sede *on-line* da Unopar, pelo Mestrado na Faculdade de Turismo Univali em Santa Catarina, pela prestação de concurso na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, em Mossoró e, particularmente, equilibrando viagens sistemáticas entre Mossoró e Salvador, onde residem marido, por conta de ser concursado em uma empresa baiana, e filho que, em decorrência de um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), a família optou em deixá-lo em Salvador onde tem maior apoio profissional e familiar, mesmo sendo tão difícil esse afastamento como mãe.

Finalmente, ainda no sentido pessoal, será de grande relevância do ponto de vista emocional finalizar este ciclo profissional para abrir novos caminhos de vida.

1.2 OBJETIVO GERAL

Sabe-se que o turismo costuma diluir barreiras do espaço na contemporaneidade e tem impulsionado transformações substantivas. Ademais, no caso da região tratada, ocorreram expressivas modificações no seu tecido urbano motivadas pela atividade, gerando certa centralidade e metropolização. Considerando esta metropolização ocasionada pela atividade turística verificada na região do Litoral Norte de Salvador, especificamente nos municípios de Lauro de Freitas, Camaçari e Mata de São João, o intuito deste trabalho foi verificar até que ponto o turismo foi o veículo indutor do desenvolvimento dessa metropolização.

O objetivo geral deste trabalho foi analisar como as atividades de turismo e lazer interferiram na produção do espaço urbano ocorrida em Praia do Forte, nas últimas cinco décadas; e se está ocorrendo uma Metropolização Turística a partir da Cidade do Salvador.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

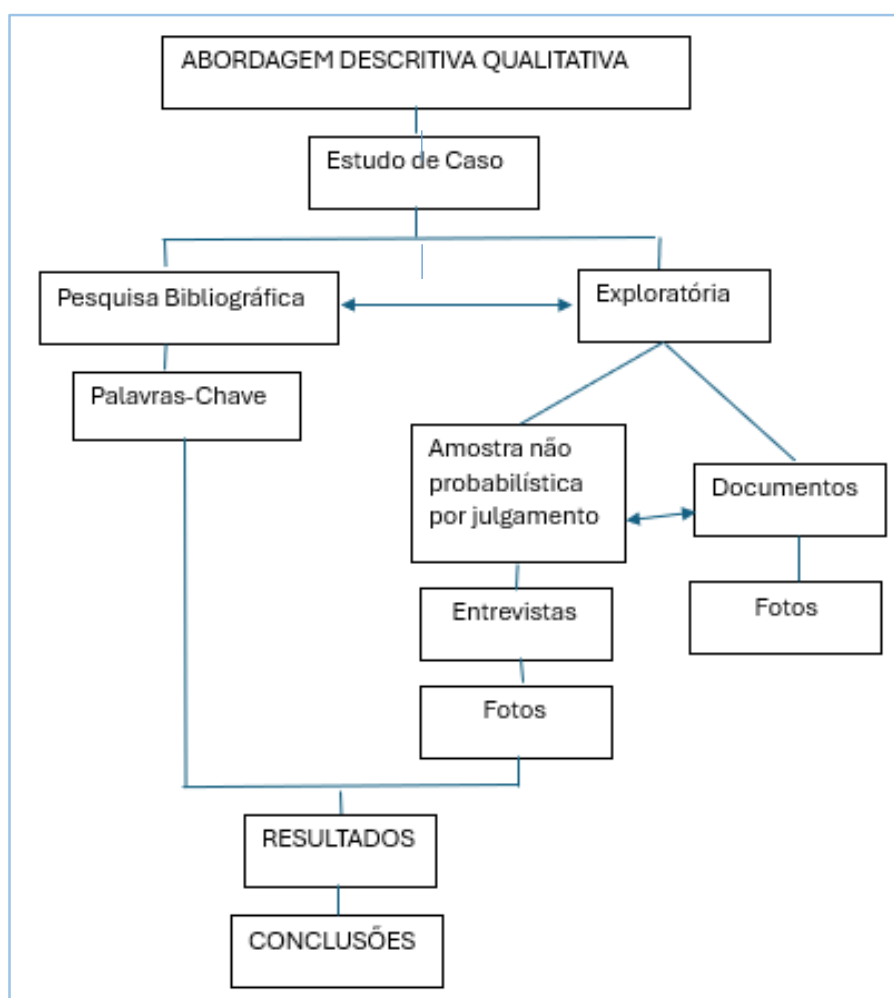
Para a consecução de seu objetivo geral, o trabalho apresenta os seguintes objetivos específicos, a saber:

- a) Pesquisar o histórico das grandes intervenções e políticas no Litoral Norte de Salvador;
- b) Caracterizar as ocupações turísticas e serviços do espaço litorâneo de Praia do Forte;
- c) Analisar o papel dos atores sociais dentro do processo de metropolização (Estado, Poder privado, dentre outras).

1.4 METODOLOGIA

O Quadro 1 apresenta um *framework* (estrutura) da metodologia utilizada:

Quadro 1 – Desenho da Metodologia da Pesquisa



Fonte: A Autora.

Nas cinco últimas décadas estudadas, sabe-se que a Cidade do Salvador foi crescendo e englobando bairros antes afastados (década de 60) como Amaralina, Pituba, bem como municípios como Lauro de Freitas e Camaçari, em um processo conhecido como de conurbação urbana.

Existe uma metropolização que vai de um contínuo de Salvador e segue até Arembepe. Mas PF não tem esse contínuo urbano. São 36 km de vazio e, apesar de estar se desenvolvendo muito, ela é ligada, mas não forma um *continuum* partindo de Salvador. Poderá se tornar, ou já seria, um núcleo urbano importante. Mais cedo ou mais tarde, vai dispor de uma estrutura relevante à medida que possuir mais equipamentos urbanos típicos de uma metrópole.

Do aeroporto a Praia do Forte são 60 km e de Arembepe a Praia do Forte são 36 km. O que explica que Praia do Forte, uma localidade tão afastada, tenha-se desenvolvido tanto e de uma maneira tão singular, diferentemente de outras localidades como essas citadas? Foi um processo de conurbação partindo de Salvador? Houve outros motivos que causaram esse desenvolvimento peculiar? Praia do Forte passa por um processo de metropolização, ou ainda carece de características próprias para tanto?

A metodologia foi desenvolvida para responder à questão principal do trabalho: analisar como as atividades de turismo e lazer interferiram na produção do espaço urbano em Praia do Forte nas últimas cinco décadas; e se está ocorrendo uma Metropolização Turística a partir da Cidade do Salvador.

A pesquisa foi focada também nos objetivos específicos, como no histórico das grandes intervenções e políticas no Litoral Norte de Salvador; na caracterização das ocupações turísticas e serviços em Praia do Forte; bem como no papel dos atores sociais dentro do processo de metropolização (Estado, Poder privado, entre outros).

A pesquisa, de abordagem **descritiva qualitativa**, é um **estudo de caso**, sendo classificada como **exploratória** e baseada em **pesquisa bibliográfica**, teve como objetivo ganhar familiaridade com o tema, perceber como está o seu estado da arte na atualidade através da leitura de livros, artigos, análise de documentos oficiais, planos de desenvolvimento urbano, relatórios de turismo e estudos ambientais provenientes de fontes governamentais e organizações locais. Este método permitiu entender a evolução nas transformações no espaço da destinação pesquisada.

A pesquisa exploratória busca levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim seu campo de trabalho e mapeando as condições de manifestação deste objeto. É considerada uma preparação para a pesquisa explicativa. Já a pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

Para coletar dados, foi utilizada uma combinação de pesquisa documental e visitas ao local de pesquisa. Ao levantar o contexto local de Praia do Forte, visitado presencialmente, foi

possível perceber as transformações urbanas e sociais, coletando estes dados em primeira mão sobre as dinâmicas atuais. Foram percorridos *in loco* a vila, ruas e loteamentos e fotografados equipamentos urbanos que estão presentes em uma metropolização, como agência de bancos, SAC, correios, shoppings, supermercados, loteamentos etc.

Vale ressaltar que esses dados foram primeiramente coletados através do referencial teórico. Foram utilizadas as palavras-chave para buscas como: Turismo; Metropolização; Praia do Forte; Litoral Norte da Bahia. A existência de vários artigos bastante ricos sobre o tema facilitou sobremaneira a consulta a mapas, gráficos e tabelas e, através das visitas realizadas, foi possível realizar a confirmação de algumas informações, bem como a interação com o ambiente e a melhor compreensão sobre estas novas dinâmicas espaciais da metropolização.

A abordagem qualitativa foi desenvolvida por meio do método descritivo, utilizando como base as discussões sobre a produção do espaço geográfico através do turismo, em um estudo de caso em Praia do Forte. Além disso, foi empregado o método histórico, com o objetivo de trazer análises de fatos e fenômenos que expliquem a realidade atual.

As entrevistas conseguidas muito contribuíram para a coleta de informações, uma vez que foram de pessoas que vivenciaram todas as décadas do período deste trabalho. É importante destacar que todas as entrevistas e procedimentos de pesquisa foram conduzidos respeitando a ética e a confidencialidade para garantir que elas estivessem em conformidade com as normas éticas de pesquisa. Por este motivo os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento autorizando a publicação das suas entrevistas. Foi também efetuada uma abordagem cuidadosa na coleta e análise de dados, somente considerando artigos publicados em periódicos reconhecidos e livros editados, visando garantir a maior precisão e objetividade possível nas conclusões.

Para a execução da pesquisa, foram desenvolvidas as seguintes etapas:

– Levantamentos bibliográficos (Leitura e fichamento dos documentos pré-selecionados): artigos, livros, dissertações e teses. A investigação foi realizada utilizando palavras-chave, como: produção do espaço geográfico; uso e ocupação do solo no Litoral Norte do Estado da Bahia; Turismo; Metropolização turística; Praia do Forte; Mata de São João. Relevância especial tiveram os cerca de 30 artigos/documentos, provenientes de pesquisas sobre o tema, realizados pelos pesquisadores Sylvio Bandeira, Silvana Sá de Carvalho e outros, conforme apresentado no Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 – Principais artigos utilizados

Título	Autores	Tipo	Ano
Globalização, turismo e residências secundárias: o exemplo de Salvador-Bahia e de sua região de influência.	Sylvio Bandeira de Mello e Silva, Barbara Christine Nentwig Silva e Silvana Sá de Carvalho	Artigo	2010
Cartografia da Acessibilidade a equipamentos urbanos: um estudo com análise de proximidade.	Silvana Sá de Carvalho e Sílvio Bandeira de Mello e Silva	Artigo	2010
O marketing territorial público e privado de Salvador e sua região de influência imediata.	Sylvio Bandeira de Mello e Silva e Silvana Sá de Carvalho.	Artigo	2011
Metropolização e turismo no litoral norte de Salvador: de um deserto a um território de enclaves?	Sylvio Bandeira de Mello e Silva, Barbara-Christine Nentwig Silva e Silvana Sá de Carvalho	Artigo	2008
Ocupação territorial e impactos ambientais em Mata de São João.	Gabriella Almeida de Faria, Juan Carlos Rossi Alva e Silvana Sá de Carvalho	Artigo	2012
Vende-se uma região: o marketing territorial público e privado do Litoral Norte da Bahia.	Sylvio Bandeira de Mello e Silva e Silvana Sá de Carvalho	Artigo	2011
Transporte, acessibilidade e interação no Litoral Norte da Bahia: uma contribuição política territorial.	Silvana Sá de Carvalho e Sylvio Bandeira de Mello e Silva	Artigo	2010
O papel do turismo nas transformações espaciais no litoral da Região Metropolitana de Salvador: o caso de Mata de São João	Mariana de Oliveira Santana; Máina Pirajá Silva; Dante Severo Guidice	Artigo	2020
As implicações dos investimentos do Prodetur no processo de produção do espaço em Imbassá (Mata de São João-Ba)	Renan Lopes de Queiroz	Dissertação	2016
Políticas territoriais no Litoral Norte da Bahia: entre os meios geográficos e a avaliação ambiental estratégica	Marcus Henrique Oliveira de Jesus	Dissertação	2021
Praia do(s) forte(s): onde os fracos lutam para ter vez	Francisco Matos Brito	Livro	2018
Plano Diretor de Mata de São João	Prefeitura de Mata de São João	Lei	2006

Entrevista com o Prof. Firmo Azevedo [Apêndice A]	Firmo Azevedo	Entrevista	2024
Entrevista no <i>YouTube</i> do Klaus Peters Filho [Apêndice B]	Klaus Peters Filho	Entrevista	2023
O capital internacional como agente social produtor do espaço urbano: um estudo de caso de Praia do Forte – Mata de São João-BA	João Pedro Costa Cerqueira e Ednice de Oliveira Fontes Baitz	Artigo	2024
Dois séculos de pensamento sobre as cidades	Pedro de Almeida Vasconcelos	Livro	2012
Ciclo de Vida Organizacional (CVO) com o uso da Inteligência Competitiva (IC)	Aliger dos Santos Pereira; Maria Raidalva Nery Barreto; Fabiano Viana Oliveira; Rita Maria Weste Nano; Vera Alexandra Ferro Lebres	Artigo	2024
Coexistência entre o passado e o futuro: transformações urbano-estratégicas da Praia do Forte – BA	Ana Licks Almeida Silva; Marcia M. Couto Mello; Joanna Lima de Almeida Milanez	Artigo	2019
I Pesquisa de Demanda Atual Presencial Destino Praia do Forte	Innovare Consultoria e Serviços Ltda Consultor Técnico Responsável Fernando Augusto Melo do Amaral Oliveira (Bahia; SESAB)	Relatório	2018
O Futuro do turismo no Brasil a partir da análise crítica do período 2000-2019	Gui Lohmann <i>et al.</i>	Artigo	2019
Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios	Luzia Neide Coriolano	Artigo	2006
Vilegiatura marítima no Nordeste brasileiro: diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008.	Eustógio Wanderley Correia Dantas; Andrea de Castro Panizza; Alexandre Queiroz Pereira	Anais	2008
Urbanização turística e a produção do espaço nos centros do lazer: um estudo sobre praia do forte – Bahia	T. M. Sousa dos Santos	Artigo	2011
Análise e perspectivas do turismo no Brasil.	Wilson Abrahão Rabahy	Artigo	2020
Lazer na praia: segunda residência e imobiliário turístico no Nordeste	Alexandre Queiroz Pereira; Eustógio Wanderley Correia Dantas; Iara Rafaela Gomes	Livro	2016

Fragmentação e segregação socioespacial no processo de urbanização do litoral nordeste da Bahia: os dois lados da Rodovia BA-099 – “Estrada do Coco”.	Denise Silva Magalhães	Tese	2015
Especialidades turísticas: do regional à globalização	E.W.C. Dantas; A.Q. Pereira	Livro	2021
Turismo, desenvolvimento regional e sustentabilidade: o caso do projeto Tamar em Praia do Forte-Bahia.	Vivian Brito	Artigo	2013
O destino turístico da praia do forte - Bahia: Análise sob a Ótica da Hospitalidade Urbana	Josildete Oliveira; Luciano Tricárico	Artigo	2023
De Tatuapara à polinésia brasileira: territorialidades e temporalidades do turismo em praia do forte (BA).	Brandão, Paulo Roberto Baqueiro.	Artigo	2015

Fonte: A Autora.

Com a intenção contactar uma pessoa que representasse a realidade do momento inicial de desenvolvimento vivido por Praia do Forte, foi efetuada uma entrevista com o Prof. Firmo Azevedo, aposentado da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, que pode ser considerado uma “memória viva” de Praia do Forte. Desde os primeiros anos da localidade ele trabalhou na região desenvolvendo projetos de residências. Realizou projetos e manteve grande amizade com Klaus Peters, o proprietário que iniciou o projeto urbanístico da região.

Firmo foi sempre muito atuante na comunidade tendo sido um dos criadores e presidente por diversos anos da Turisforte – Associação Comercial e Turística de Praia do Forte e esteve envolvido na gestão do Projeto Tamar e na Fundação Garcia D’Ávila. Firmo é também empresário, proprietário do Sobrado da Vila Hotel, desde sua construção até os dias de hoje, em Praia do Forte. A entrevista integral consta do Apêndice A.

Através de pesquisa documental, foi selecionada também uma entrevista que está disponível no *YouTube* com o filho do Klaus Peters, Klaus (Cacau) Peters, que acompanhou todo o desenvolvimento do projeto urbanístico da localidade estudada (Apêndice B). A convite do arquiteto da empresa de arquitetura com sede em Nova York, amigo do seu pai, ele foi concluir o curso de arquitetura naquela cidade e depois acompanhou o arquiteto urbanista Wilson Reis Neto, que viajou com Klaus Peters Filho para alguns destinos no exterior para adquirir experiência sobre empreendimentos turísticos para perceber o que poderia ser aplicado ou não na localidade.

Para completar esta busca de dados através de entrevistas, foi realizada uma entrevista (Apêndice C) com Norbert Leitsch (Nobbi), alemão que veio da Itália, em 1985, contratado para chefiar o setor náutico do primeiro hotel em Praia do Forte, hoje o Tívoli; e sua esposa Débora Leitsch, baiana, que desde 1980 trabalhou com a família Peters. Hoje, o casal tem uma empresa de turismo receptivo, com sede em Praia do Forte, que atende principalmente alemães e outros europeus para roteiros turísticos em todo o Brasil.

- Coleta de dados, para diferentes períodos, em *sites* governamentais referentes ao número de unidades de hospedagem, tipos de hospedagem e localização dos empreendimentos.
- Levantamento de dados demográficos e econômicos da área de estudo no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
- Levantamento de imagens de satélite no *Google Earth Pro*.
- Observação direta no litoral do município de Mata de São João, com o intuito de fazer uma triangulação na coleta de dados e examinar o objeto de pesquisa sob múltiplas perspectivas.
- Agrupamentos e construção de um banco de dados.
- Análise crítica dos dados coletados.
- Construção de gráficos, tabela e mapas de análise que permitiram representar e sintetizar os resultados da pesquisa.
- Redação da Tese

Para a melhor sistematização do trabalho, este foi dividido nos seguintes capítulos:

No primeiro capítulo, **INTRODUÇÃO**, são apresentados o tema, a justificativa, os objetivos – geral e específicos – e a metodologia.

O segundo capítulo contempla o referencial teórico sobre a **URBANIZAÇÃO E METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO**, que é dividido em subitens, que versam sobre o processo de desenvolvimento da urbanização brasileira e os conceitos introdutórios sobre o fenômeno da metropolização do espaço; faz, ainda, uma análise sobre o estado da arte sobre este tema na atualidade, com ênfase nos estudos iniciados pelo autor Sylvio Bandeira e continuados por Silvana Sá de Carvalho e outros pesquisadores, e trata sobre os aspectos conceituais do campo de estudo do turismo, seu modelo de funcionamento, finalizando com seus pontos de conexão com a urbanização e o território.

O terceiro capítulo é dedicado a **TURISMO E URBANIZAÇÃO**. Ele versa sobre a atividade turística, fenômeno que se configurou como atividade de massas a partir da segunda metade do século XX e compreende um dos mais expressivos setores econômicos da atualidade,

movimentando grande parcela da economia mundial. É dividido em duas subseções: a primeira – **COMPREENDENDO A ATIVIDADE TURÍSTICA** – é dividida em três subitens que abordam: Os aspectos conceituais e campo de estudo do turismo; A abordagem atual sobre a atividade; Turismo e território. A segunda subseção – **METROPOLIZAÇÃO TURÍSTICA** – trata da simbiose entre o turismo e a metropolização.

O quarto capítulo discorre sobre **O OBJETO DO ESTUDO – PRAIA DO FORTE**, apresentando aspectos relacionados a Mata de São João e à Vila de Praia do Forte, com um estudo sobre o histórico do local, seus primeiros residentes, o início enquanto vila de pescadores, a compra da vila por um estrangeiro e as modificações propostas por ele e que resultaram num desenvolvimento sustentável que transformou a vila num grande destino turístico que a região se tornou hoje. Trata também sobre os investimentos do governo através do PRODETUR e como as destinações turísticas circunvizinhas foram beneficiadas pelo projeto.

O quinto capítulo aborda **POLÍTICAS PÚBLICAS, GOVERNO DA BAHIA**. Traz o desenvolvimento de Praia do Forte e a combinação de fatores que incluem políticas públicas bem-sucedidas, a emergência do turismo no mundo e a atuação de diversos atores locais

O sexto capítulo traz as **ENTREVISTAS**. A primeira com o arquiteto e professor da UFBA Firmo Azevedo, com uma análise sobre o desenvolvimento urbano de Praia do Forte, sua perspectiva como profissional da área, aliado ao seu conhecimento sobre a realidade baiana, com *insights* valiosos sobre diversos aspectos desse processo, desde o planejamento inicial até os desafios atuais e futuros.

Na sequência, a segunda entrevista é com o filho de Klaus Peters, que consta de um vídeo num canal do *YouTube*, e que também elucida aspectos importantes do ocorrido na localidade.

A terceira entrevista é com o casal Nobert e Débora Leitsch, que trabalham há 40 anos com turismo receptivo, tendo ambos convivido com a família Peters.

O sétimo capítulo trata da **METROPOLIZAÇÃO TURÍSTICA EM PRAIA DO FORTE**, fazendo um diálogo com o referencial teórico, como também discorrendo sobre a pandemia e seus efeitos no turismo e em Praia do Forte.

São apresentados no oitavo capítulo as **PESQUISAS REALIZADAS – RESULTADOS E ANÁLISE**, tratando-se da ocupação do Litoral norte da Bahia, no caso específico de Praia do Forte, descrevendo-se ainda os passos da pesquisa de campo e como se encontra hoje a localidade objeto de estudo

No nono capítulo, discutem-se os **RESULTADOS**, sendo então respondida a questão originária da pesquisa. Finaliza-se com o Capítulo 10 em que são abordados **ACHADOS E CONCLUSÕES** da pesquisa.

Nos **APÊNDICES**, após a listagem final das **REFERÊNCIAS** que embasaram o trabalho, são colocadas as entrevistas realizadas com o Professor Firmo Azevedo e com o casal Norbert e Débora Leitsch, além de um resumo da transcrição do vídeo que contém uma entrevista com o Arquiteto Klaus (Cacau) Peters, filho de Klaus Peters, a um canal no *YouTube*.

2 URBANIZAÇÃO E METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO

Este capítulo se inicia fazendo um histórico sobre a urbanização brasileira, depois trata sobre a concepção de metropolização e como se deu a dinâmica de urbanização e metropolização do espaço no litoral.

2.1 A URBANIZAÇÃO BRASILEIRA

Para melhor compreensão da questão urbana, faz-se necessário o entendimento do sistema urbano que, na conceituação de Davidovich (1984 *apud* Moura, 2016), trata-se de um componente espacial do desenvolvimento social, sendo resultado de uma evolução histórica. Além do mais, a rede de cidades que o compõem, em sua forma, distribuição no território, inter-relações e interdependências, é fruto de processos sociais de mudança e expressa as diferentes escalas da inserção regional na divisão social do trabalho. Ele explica, assim, que são várias redes regionais que correspondem aos diferentes tempos e modos dessa inserção.

A sociologia urbana, que nas décadas de 60 e 70 do século passado convivía com os estudos das questões agrárias, passou a ter como paradigma o estudo da questão urbana na sociedade brasileira. Reflexões sobre políticas públicas, conflitos sociais, violência e cidadania relacionam-se com o espaço urbano como campo principal de investigação sobre o fenômeno urbano industrial. Nesse contexto, autores como Faria (1991), Moura (2016), Carvalho (2018) e Ribeiro (2018) estudam as características da urbanização brasileira, apresentando-a como fruto de um modelo singular da América Latina, própria dos países periféricos, e que ocorreu como consequência do modelo urbano-industrial que foi implementado na América Latina.

Vale ressaltar que a reflexão sobre a urbanização brasileira costuma se relacionar com os processos de mudanças sociais que caracterizaram a constituição da sociedade urbano-industrial. Significa que toda a trajetória da urbanização brasileira está muito vinculada ao momento histórico brasileiro, às transformações sociais ocorridas naquele momento.

O sistema urbano brasileiro começou a se estruturar a partir do processo de colonização, acompanhando os caminhos abertos pelo povoamento do território, com emergência de vilas e cidades. Até os anos 30 do século XX, a urbanização era uma herança da colonização com maior importância das cidades litorâneas que serviam ao perfil de uma economia de produção e comercialização voltada para o estrangeiro, com um urbanismo que refletia a condição de dependência da economia nacional. As limitações nos transportes e comunicações dificultavam

tanto a conformação de uma rede urbana como a consolidação de uma metrópole nacional (Santos, 1967, *apud* Moura, 2016).

Segundo Moura (2016, p.72), somente na década de 40 é que se pôde prenunciar o estabelecimento de uma “rede brasileira de cidades, com uma hierarquia nacional”, ou seja, uma “urbanização interior, ligada à industrialização e à conformação de um mercado interno, aos transportes e à elevação geral no nível de vida do interior do país”, mas com resultados distintos em cada região, em função “das condições históricas e das possibilidades de mudanças que se criaram”.

O processo de urbanização acentuou-se a partir da década de 70 e ocasionou a formação de grandes conglomerados urbanos. Faria (1991) faz um balanço da problemática urbana brasileira, apresentando, primeiramente, os principais aspectos do processo de urbanização do Brasil nos últimos trinta anos, a saber:

[...] o ritmo de sua progressão, a conformação de um sistema brasileiro de cidades, a dinâmica do emprego e da estrutura de ocupação das cidades, a distribuição de renda e do consumo, o acesso aos serviços e equipamentos de consumo coletivo. (Faria, 1991, p.101).

O autor considera as tendências de curto prazo com base em indicadores que podem servir para uma análise mais concreta dos problemas urbanos brasileiros no futuro e apresenta os principais desafios que estas mudanças sociodemográficas colocam, analisando-as à luz da crise econômica e política no contexto da época em que foi elaborado o trabalho e afirma:

Em resumo, a sociedade urbana brasileira resultante do processo de crescimento, urbanização e mudança dos últimos trinta anos apresenta-se, estruturalmente, como uma sociedade complexa, espacial, ocupacional e socialmente diversificada, unificada, mas heterogênea, segmentada e, sobretudo, profundamente desigual. (Faria, 1991, p.105).

Todas essas transformações nos processos de mudança social se refletiram na estruturação do espaço urbano brasileiro. Os dados disponíveis atestam a velocidade, extensão e profundidade dessas mudanças no que se refere ao processo de urbanização, alimentada, pelo menos até o final da década de 60, por elevadas taxas de crescimento vegetativo.

A população urbana, definida pelo critério oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, que em 1950 mal atingia a cifra de 18 milhões de habitantes (representando 36% da população total), atingiu em 1980 a casa dos 80 milhões, ou seja, em trinta anos, a taxa

de urbanização subiu para 68%, revelando intenso fluxo migratório do campo para a cidade (Faria, 1991).

As migrações campo-cidade se constituem em um dos mais importantes movimentos migratórios internos do Brasil e, junto ao movimento de crescimento natural da população, constituíram uma das razões principais do alto grau de urbanização do país (Serpa, 2007). Dentro desse contexto, ocorreram também outros fenômenos resultantes dessas mudanças dos sujeitos para uma outra realidade. É possível citar a contribuição de Faria (1991) sobre como as experiências com novas modalidades de sociabilidade passaram a constituir o cotidiano de muitos. Ele cita que por volta de 1980 cerca de 30 milhões de pessoas que viviam nas cidades brasileiras estavam fora de seu lugar de nascimento.

Nos anos 70, um sistema urbano resultou desse crescimento que, do ponto de vista da sua organização espacial, expressava grande contradição. Verificaram-se estratos populacionais de rendas muito altas que, embora numericamente reduzidos, dispunham de grande poder de compra e de influência política e social, numa sociedade cujo autoritarismo e elitismo sociais saíram fortalecidos. Em contradição, havia uma massa de subempregados pobres como observado em diversas regiões metropolitanas do país.

Na concepção de Serpa (2007), a fuga dos campos não apenas agravou a polarização entre espaços urbanos e rurais, como também aprofundou as disparidades entre os Estados e Regiões, especialmente entre a Região Sudeste e suas megacidades, Rio de Janeiro e São Paulo, e a Região Nordeste, onde miséria e pobreza fazem parte do cotidiano da população. Segundo Ribeiro, Silva e Rodrigues (2011, p.31): “Somente entre 1960 e o final dos anos 70, o auge do ciclo, estima-se que saíram do campo em direção às cidades mais de 40 milhões de pessoas”.

Carvalho (2018) contribui com o tema analisando como se deu este processo na América Latina e afirma que houve um período longo de elevadas taxas de crescimento do PIB, de urbanização e industrialização sem precedentes, de mudanças nas estruturas demográficas, sociais e ocupacionais e, inclusive, de melhorias no desempenho de alguns indicadores sociais globais. No entanto destaca as mudanças na estrutura social e urbana das metrópoles de uma forma geral causadas pela Globalização, como a perda da relevância das atividades industriais e do proletariado industrial, o crescimento do setor terciário e do emprego em serviços e a substituição da estrutura de classes sociais no espaço urbano, ampliando as desigualdades, as distâncias e a segregação, com tendência a uma polarização social e urbana (Carvalho, 2018)

A autora ressalta também que esse processo no Brasil e América Latina ocorreu de maneira diferenciada do que se deu nos países europeus centrais. Na Europa, o desenvolvimento do modelo urbano-industrial foi lento, com influência do Fordismo e do Estado do Bem-estar

Social, que assegurava o direito à cidadania e às políticas públicas para todos os cidadãos. Com o modelo fordista, houve o desenvolvimento de uma sociedade salarial e de consumo. O Estado tinha características de gestão forte e interventor, que investia nas moradias de interesse social (Carvalho, 2018).

Lipietz (1989) corrobora essa visão, afirmando que o processo de desenvolvimento urbano que ocorreu a reboque da industrialização brasileira foi, inclusive, restrito e concentrado nos grandes centros urbanos, tendo sido chamado de “Fordismo Periférico”, pois não veio acompanhado dos benefícios que o Fordismo tradicional conseguiu propiciar em outros países. Em alguns casos, a contrapartida foi o crescente endividamento externo e ciclos de autoritarismos. Ainda segundo o autor:

[...] em alguns países a industrialização foi financiada por transferências de créditos e de tecnologia provenientes do “fordismo central”, ao mesmo tempo acompanhada de uma explosão urbana. No Brasil, esse fordismo esteve ligado à política de substituição de importações e às exportações de matérias-primas, como ressalta o autor. O que abriu a oportunidade para esse processo em alguns países foi o surgimento, “nos anos 70, da conjunção de um capital local autônomo, de classes médias urbanas relativamente abundantes e de embriões significativos de uma classe operária com experiência”. (Lipietz, 1989, p.317).

Já o Brasil teve um desenvolvimento tardio com características singulares. Vivenciou taxas elevadas de crescimento econômico e sofreu profundas transformações estruturais de urbanização e industrialização, bem como mudanças nas estruturas demográficas, sociais e ocupacionais e, inclusive, na melhoria de alguns indicadores sociais (Carvalho, 2018). Significa que, nesse período, conseguiu constituir uma rede urbana, mas sem que fosse oportunizada melhoria de qualidade de vida para a população em condições básicas como transporte, saúde e educação.

Analisando esse aspecto, Ribeiro, Silva e Rodrigues (2011) afirmam que existe um consenso na literatura sobre as particularidades da nossa urbanização quando comparada com o que ocorreu nos países europeus e nos Estado Unidos. Segundo o autor, no Brasil, ocorreram quatro características diferenciadas, como: a velocidade e intensidade da transferência da população do campo para a cidade; a constituição de um processo de metropolização precoce, produzindo uma rede urbana desarticulada; a dissociação entre urbanização e industrialização, gerando uma cidade marcada pela informalidade, irregularidade e precariedade em termos das condições habitacionais e urbanas de vida; e a segregação residencial e desigualdades socioespaciais.

Sobre o desenvolvimento do espaço urbano, o que se percebeu foi a concentração de um contingente populacional em um número reduzido de áreas metropolitanas como Rio de Janeiro e São Paulo bem como a alimentação de áreas metropolitanas de capitais regionais. Neste sistema, surgiram mais de 386 cidades com mais de 20 mil habitantes (Faria, 1991).

Estes movimentos migratórios das pessoas que vieram do campo em busca de trabalho ocasionaram um incremento da força salarial e certa transformação nas relações de trabalho no campo. Este modelo de expansão capitalista, apesar de ter sido produtivo em alguns aspectos, favoreceu um modelo brasileiro de desenvolvimento da exclusão na medida em que sustentou a expansão do pequeno comércio, dos serviços pessoais, do trabalho doméstico mal remunerado, da pequena indústria e da construção civil marginal (Faria, 1991).

Para Barreira (2010), trabalhadores, moradores e desempregados são personagens inseridos no universo da segregação social, oscilando entre a tragédia cotidiana e a estratégia dos espaços de luta pelo reconhecimento dos direitos de cidadania.

As cidades são, na abordagem de Kowarick (1983), permeadas por uma condição de desigualdade refletida nos temas da ausência ou da precariedade da moradia e da oferta limitada e estratificada de equipamentos e serviços públicos. Uma visão de totalidade implicou, portanto, na percepção da vida urbana em sua dinâmica contraditória, destacando-se a presença de processos sociais de acumulação e segregação verificados nas metrópoles como lugar por excelência de validação e expansão do capital imobiliário.

O referido autor compreende as cidades como palco de desigualdades sociais e conflitos, que fica evidente na ausência ou na precariedade de moradia, na oferta limitada e estratificada de equipamentos e serviços. Percebe as contradições da vida citadina e assim inaugura o trabalho com o conceito de espoliação urbana, traduzindo os supostos da desigualdade em uma sociedade cujo desenvolvimento era acompanhado de formas variadas o conceito de "exclusão social" que, na visão de Barreira (2010, p.3):

[...] teve por objetivo agregar, de modo estrutural, a ideia de uma força de trabalho submetida a formas de extorsão que extrapolavam o domínio da fábrica. O uso deficitário do transporte, a precariedade da moradia, a dificuldade de acesso a bens coletivos de consumo configurava a vigência de condições insatisfatórias de reprodução social, típicas do capitalismo consolidado em uma metrópole brasileira de "subdesenvolvimento industrializado".

Esse fenômeno ocorre em decorrência de uma série de fatores vinculados ao problema habitacional, mas que têm origem em processos socioeconômicos e políticos mais amplos

existentes no modelo capitalista, e que pode levar à destruição dos meios autônomos de vida, expropriação da terra e dos instrumentos produtivos. Tem-se então a espoliação urbana como fenômeno que ocorre com indivíduos que já não costumam ter acesso a bens coletivos e garantias cotidianas de sobrevivência. Sobre essa questão, Barreira (2010, p.3) também afirma:

Mais do que denunciar as condições de vida na cidade, o conceito de espoliação urbana é uma arma teórica capaz de atingir o cerne das desigualdades sociais, definindo-se não só pela carência de bens de consumo coletivo tais como moradia, transporte, água e luz, estendendo-se também a práticas de autoconstrução e consequente aumento da jornada de trabalho.

No contexto do capitalismo, a classe trabalhadora costuma resolver seu problema de habitação se utilizando do aluguel de habitações cada vez mais deterioradas ou ela mesmo constrói suas moradias como barracos em favelas.

Carvalho e Pereira (2018) chamam a atenção para o momento da fase atual do capitalismo em que a urbanização desempenha um papel crucial na absorção do capital e coloca as metrópoles como protagonistas do processo de crescimento em escala mundial. Por esse motivo, os autores afirmam que no caso das metrópoles brasileiras, existem quatro aspectos a se considerar:

- Como a industrialização e o desenvolvimento do país levaram a uma divisão inter-regional do trabalho que implicou uma significativa diferenciação econômica e política do espaço nacional.
- A constituição de um bloco de poder fundado na articulação entre o Estado, os capitais nacionais e os capitais internacionais através de um vigoroso circuito de acumulação urbana, congregando grandes proprietários imobiliários, empreiteiros de obras públicas, construtoras residenciais e concessionárias de serviços públicos.
- Como o crescimento urbano brasileiro não foi acompanhado por políticas de regulação do uso do solo e de provisão de moradia, os salários dos trabalhadores não cobrem plenamente os seus custos de reprodução, entre eles habitação, e eles sempre estiveram sujeitos à “espoliação urbana”, tendo que prover a sua moradia fundamentalmente através da autoconstrução em áreas precárias, desvalorizadas, desequipadas e segregadas.
- Como os avanços do capital e das forças do mercado vêm interferindo mais recentemente sobre o desenvolvimento dessas cidades, recortando, fragmentando e redesenhando seus territórios e direcionando suas transformações (Carvalho; Pereira, 2018).

2.2 COMPREENDENDO A METROPOLIZAÇÃO

A palavra "metrópole" vem do grego *mētropolis*, que significa "cidade-mãe". É composta por *mētēr*, que significa "mãe" ou "ventre", e *pólis*, que significa "cidade". Numa região metropolitana, é a cidade que exerce a influência econômica, administrativa e social sobre as cidades menores da mesma área. No urbanismo, o termo "metrópole" é usado para designar uma cidade grande com alta concentração populacional e que exerce influência sobre outras cidades (Metrópole, 2024).

Pode-se considerar a metropolização como uma nova fase da urbanização, um estágio superior do desenvolvimento metropolitano. Lencioni (2015) afirma que figurativamente, é como se a metropolização do espaço se constituísse em uma segunda natureza da urbanização, sendo uma urbanização com nova essência e substância. A autora continua:

No dizer de Levy, a “emergência do termo metropolização responde à necessidade de identificar esse novo ‘ciclo’ urbano menos marcado que o precedente pelas lógicas espaciais da indústria e marcado por configurações que correspondem às cidades que continuam a crescer sendo afetadas, no seu estilo de desenvolvimento, pelo crescimento dos deslocamentos (uma cidade ‘(auto) móvel’) e da circulação da informação (irrupção, ainda confusa, do ‘cyberurbano’).” (Lencioni, 2015, p.2).

Ao tratar sobre metropolização, é importante ressaltar a importância da Escola de Geografia Urbana da Universidade de São Paulo – USP, quando um grupo de professores inaugurou uma corrente de pensamento através do debate nas disciplinas de graduação e pós-graduação, permitindo o compartilhamento de ideias, a aproximação cotidiana e a comunhão de utopias das precursoras deste movimento. Eram amparados numa corrente teórico-metodológica de cunho marxista-lefebvriana, sendo as expoentes desta escola Sandra Lencioni, Ana Fani Carlos, Amélia Luísa Damioni e Odette Seabra (Leopoldo, 2016).

A procedência desta escola está claramente vinculada a uma abordagem geográfica crítica e, no limite, aos desdobramentos desiguais da reprodução da metrópole, que ilumina novos caminhos teóricos e práticos. Suas principais influências teórico-metodológicas fundadoras são:

[...] o materialismo dialético de Karl Marx, a teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre, a potência da geografia crítica de David Harvey, Milton Santos e Yves Lacoste e a sociologia marxista paulistana de José de Souza Martins e Francisco de Oliveira. (Leopoldo, 2016, p.503).

É importante compreender que as intelectuais fundadoras da Escola de Geografia Urbana de São Paulo foram protagonistas da revolução teórica na geografia e, ao mesmo tempo, da produção do pensamento sobre a cidade e o urbano, que se deslocou para um pensamento sobre a metrópole e o metropolitano, delineando um projeto de longo prazo, cuja base é um pensamento sobre a cidade e o urbano, que se move para um pensamento sobre a metrópole e o metropolitano.

Leopoldo (2016, p.506) apresenta um resumo da produção de cada uma dessas autoras e informa que as chaves teóricas mais desenvolvidas e trabalhadas por elas são:

- metropolização do espaço e região da metrópole desconcentrada – Sandra Lencioni;
- reprodução do espaço urbano e financeirização da metrópole – Ana Fani Carlos;
- urbanização crítica e colonização do cotidiano – Amélia Luísa Damiani;
- formação da metrópole e negação do bairro – Odette Seabra.

No entanto, no que se refere ao estudo da metropolização pode-se dizer que Sandra Lencioni tem um papel de destaque. Sobre o seu movimento intelectual, Ferreira (2016) afirma que ela passou por vários momentos até chegar ao debate acerca da metropolização do espaço, e acredito que foi exatamente a sua trajetória de pesquisas que a fez chegar à metropolização.

Sobre a questão metropolitana, Lencioni (1991), em sua tese sobre desconcentração da metrópole, consegue pensar essa grande integração regional, abrindo novos caminhos ao pensamento geográfico sobre a cidade e o urbano, propondo e aprofundando a ideia de que a metrópole se desenvolve se adensando, verticalizando, estendendo e expandindo. Esse fenômeno tem pouco a ver com os limites administrativos e muito a ver com a constituição de um conteúdo que a define como espaço metropolitano.

Chegar à noção de espaço metropolitano foi um movimento intelectual audacioso em um momento em que a perspectiva teórica da produção do espaço urbano era o grande paradigma da geografia urbana crítica brasileira. Em sua tese, a autora já se apresenta no cerne do conceito de que, posteriormente, seria mais detalhado no livro *Região e geografia*, lançado em 1999. A metrópole desconcentrada ganha a corporeidade de uma região de outra natureza, não reduzida apenas à região metropolitana paulistana, mas num processo de produção do espaço metropolitano, cujo resultado é uma região em expansão (Leopoldo, 2016).

Vale ressaltar a abrangência do seu trabalho tendo a cidade de São Paulo como objeto de investigação quando suas conclusões, no plano nacional, conferem à megalópole brasileira em constituição a noção de megaregião, que integra a nebulosa metropolitana paulista com a

carioca. Seu trabalho tem grande importância, pois serve como referência acadêmica para o estudo do pensamento sobre a metrópole, podendo ser aplicado a diversos outros contextos semelhantes.

São Paulo parece prenunciar a observação feita por Borja e Castells (1997), há cerca de 30 anos, que diziam que poderíamos evoluir para um mundo sem cidades, ao menos em grande parte do planeta e para a maioria da população. Um mundo organizado em torno de grandes aglomerações difusas de funções econômicas e assentamentos humanos disseminados ao largo de vias de transportes, com zonas semirrurais, intersticiais, áreas periurbanas sem controle e serviços desigualmente repartidos em uma infraestrutura descontínua (Lencioni, 2011).

A metropolização é um fenômeno muito significativo atualmente. Está diretamente relacionada ao momento histórico do mundo globalizado e suas características representativas. Silva, Silva e Carvalho (2008) afirmam que o fenômeno se expandiu com o processo de globalização que está impulsionando o crescimento metropolitano, devido a ação de poderosos mecanismos de concentração.

Em termos gerais, tem sido uma decorrência da combinação da crescente intensidade das forças de expulsão do campo e de pequenos centros com o crescimento das forças de atração metropolitana, ligadas à busca de economias de aglomeração (Silva, 1996; 2008).

A sociedade, antes moldada num formato de complexos urbano-industriais, não está mais configurada dessa maneira. O fenômeno urbano que, em décadas anteriores, se apresentava num modelo industrial e de aglomeração, hoje, vem dando lugar ao que o autor chamou de difusão de códigos metropolitanos, num sentido amplo dessa imagem, em um espaço além dos limites das regiões metropolitanas delimitadas oficialmente (Silva, 1996; 2008).

[...] diversos outros processos espaciais estarão afetados por essa transformação de urbano para urbano-metropolitano ou, simplesmente, metropolitano. Especificamente serão referidos à gestão territorial e às relações urbano-rurais processos percebidos como fortemente marcados pela metropolização do espaço. (Ferreira, 2016, p.3).

Ao tratar sobre o fenômeno da metropolização, é importante ressaltar duas questões relevantes que, segundo Ferreira (2016), concedem mais sentido à análise: a primeira é considerar que o fenômeno urbano, ligado à industrialização e à aglomeração (complexos urbano-industriais), marca das décadas anteriores à atual, vem cedendo lugar ao fenômeno metropolitano, ligado à desindustrialização, à desconcentração e que o autor destaca como explosão da metrópole (Ferreira, 2016).

A segunda questão é que diversos outros processos espaciais estarão afetados por essa transformação, especialmente a gestão territorial e relações urbano-rurais, processos percebidos como fortemente marcados pela metropolização do espaço (Ferreira, 2014, 2016).

Lencioni (2011), Ferreira (2014, 2016) e Ruas (2013, *apud* Ferreira, 2016) afirmam que à metropolização concernem: a grande intensidade de fluxos de pessoas, mercadorias e capitais; o crescimento das atividades de serviços e a cada vez maior demanda do trabalho imaterial; a concentração de atividades de gestão e administração; a também cada vez maior utilização de tecnologias de informação e comunicação; a grande variedade de atividades econômicas com maior concentração de serviços de ordem superior; a exacerbação da associação entre o capital financeiro, promotores imobiliários e indústria da construção; a produção de um modo de viver e de consumo que se espelha no perfil da metrópole

Diante desse cenário, percebe-se que ocorre uma redefinição dos espaços metropolitanos que serão afetados por essa transformação. Saquet e Sposito (2015) afirmam que, na redefinição dos papéis metropolitanos, um aspecto a se considerar são as transformações na divisão interurbana do trabalho que ocorreram e de cujo processo participou a América Latina ativamente. Sobre essas transformações que redesenharam a rede urbana brasileira assim destacam Saquet e Sposito (2015):

- a) Novas metrópoles regionais surgiram nos últimos vinte anos, para dar suporte aos vetores de crescimento que se dirigem para o Centro Oeste e para a Amazônia;
- b) Diferenciaram-se, um pouco mais, os papéis das principais metrópoles do país, que agora são três – São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília;
- c) Novas áreas de ocupação pelo agronegócio precisam pouco de cidades pequenas, reforçando ou redefinindo papéis de cidades de porte médio e compondo redes urbanas regionais rarefeitas;
- d) A desconcentração espacial da atividade industrial e a ampliação da cobertura espacial dos grandes capitais comerciais e de serviços reforçaram os papéis das cidades que estão nos estratos intermediários do sistema urbano;
- e) As cidades pequenas, exceção feita às municipalidades pouco populosas que compõem aglomerações metropolitanas e não metropolitanas, ou que estão próximas a elas, diminuiram de importância funcional, declinando ainda mais seus conteúdos urbanos;
- f) Redefiniram-se as relações entre a cidade e o campo, uma vez que as articulações entre funções e papéis urbanos e rurais realizam-se, mais que antes, em múltiplas escalas geográficas.

A metropolização não se restringe às regiões metropolitanas, e esta questão está diretamente relacionada ao objeto de estudo deste trabalho. Ela incorpora também as cidades médias bem como o mundo rural transformado pelas urbanidades. O fenômeno interfere no mercado imobiliário, causando uma grande valorização das áreas de solo metropolizadas, que passam a ter preços nunca imaginados.

Esse aumento de preços faz com que as construtoras busquem áreas mais distantes para construção, incorporando novas áreas à lógica do mercado da metrópole, obrigando os residentes a realizarem grandes deslocamentos no seu dia a dia. Lencioni (2011) afirma que, como consequência dessa ação, ocorre um comprometimento do espaço rural bem como uma extensão do fenômeno da metropolização.

As estratégias de planejamento na escala metropolitana agravaram ainda mais os processos de periferação nas principais aglomerações. Assim, os problemas dos municípios-sede foram deslocados para os demais municípios metropolitanos, reproduzindo também, e em todo o país, o modelo centro-periferia no interior das metrópoles. A ampliação dos processos de suburbanização em todas as regiões metropolitanas brasileiras condicionou a rápida (e precária) urbanização de todos os municípios das aglomerações nacionais, contribuindo para a desestruturação dos espaços rurais e para o rápido crescimento populacional, decorrente das migrações campo-cidade.

Analisando a questão do espaço da periferia, Serpa (2007) comenta que a palavra *periferia* significa os espaços afastados de alguma centralidade, que não foram planejados e não têm apoio do Estado, com deficiências de infraestrutura, sendo alguns até próximos dos centros urbanos.

Nas cidades brasileiras existem, na verdade, dois tipos de espaços periféricos: aqueles habitados por população de classe média e com rendas mais elevadas, relativamente bem servidos de infraestrutura e de equipamentos socioculturais, e aqueles considerados como a “verdadeira” periferia, onde habita a população de baixa renda e com baixo capital escolar (Serpa, 2007).

Sobre essa questão, Limonad (2007) afirma que as transformações urbanas na urbanização contemporânea brasileira se caracterizam por duas tendências diversas: concentração e dispersão, que estariam a se desenvolver de forma complementar.

Segundo ainda Limonad (2007), enquanto o movimento de *concentração* dá origem a grandes aglomerações urbano-metropolitanas, a um tecido urbano coeso e contínuo, com áreas rurais e urbanas bem definidas, a *dispersão* caracteriza-se por uma disseminação difusa das

indústrias e atividades produtivas no território e por uma multiplicação de núcleos e aglomerações urbanas. Toma forma, assim, um tecido esgarçado, descontínuo, que dá origem a uma estruturação territorial dispersa não havendo contiguidade de usos e de atividades. Dessa forma, o rural e o urbano se tornam indistintos, embora se agucem as contradições entre a urbanidade e a ruralidade.

Limonad (2007) afirma que uma dispersão urbana se caracteriza por um consumo extensivo do território e dos recursos naturais, que requerem e exigem uma reflexão e novos instrumentos e formas de regulação. No Brasil, essas tendências de urbanização encontram-se disseminadas em todo o território brasileiro e com maior intensidade nas áreas litorâneas onde se localizam a maior parte da população bem como a atividade turística.

3 TURISMO E URBANIZAÇÃO

Este capítulo versa sobre a atividade turística, fenômeno que se configurou como atividade de massas a partir da segunda metade do século XX e hoje compreende um dos mais expressivos setores econômicos da atualidade, movimentando grande parcela da economia mundial.

3.1 COMPREENDENDO A ATIVIDADE TURÍSTICA

A atividade turística é uma atividade de serviço bastante importante, especialmente para os países que têm no turismo receptor internacional uma grande fonte de renda. Oferece benefícios também para países como o Brasil, que apresentam grande diferença no seu desenvolvimento espacial entre suas regiões.

Em qualquer lugar onde haja atividade turística, ocorrerão impactos econômicos. O turismo aumenta a renda do lugar visitado via entrada de divisas com os gastos dos turistas, estimula investimento na medida em que, para se realizar, faz-se necessário investimentos em infra e superestrutura, gera empregos diretos e indiretos por se tratar de uma atividade de intensa mão de obra. Promove redistribuição de renda na medida em que a renda que vem de um local de origem e é gasta no local do destino e ainda apresenta, como um dos principais indicadores, positivos o seu efeito multiplicador. (Lage; Milone, 2001).

O efeito multiplicador é um dos grandes benefícios da atividade turística, ressaltado por diversos pesquisadores, incluindo Lage e Milone (2001) que acreditam ser o meio no qual o dinheiro gasto pelos visitantes permanecem na destinação para ser utilizado na economia local.

Quando os trabalhadores da área recebem o valor gasto pelos turistas como remuneração da sua força de trabalho, eles o gastam para pagar aluguel, comprar alimentos, pagar pela educação da família e demais serviços. Dessa forma, o total de renda obtida nesse processo costuma ser bem maior do que a soma de todos os gastos arrecadados inicialmente com o turismo, por isso é chamado de efeito multiplicador do turismo. Por exemplo, nota-se que o PIB *per capita* de 2021 do município de Mata de São João foi de R\$27.889,83, enquanto o da capital do Estado, Salvador, foi menor, de R\$21.706,00 (IBGE, 2021). Não foram encontrados dados de PIB *per capita* de Praia do Forte, mas, pela sua estrutura física e econômica, percebe-se que essa localidade tenha um valor maior que a média do município.

O impacto econômico e o efeito multiplicador do turismo constituem uma questão de fato a ser considerada, pois a atividade turística tem a capacidade de diversificar a economia,

oferecer empregos nos diversos serviços que são oferecidos aos visitantes e proporcionar certo desenvolvimento na medida em que força o poder público a investir na infraestrutura da localidade para que os turistas possam não somente chegar até ela com mais conforto quanto ter os serviços básicos para sua estadia. No entanto a questão principal é que é preciso ainda perceber até que ponto os residentes desses destinos são de fato favorecidos com empregos com remuneração justa.

Takasago e Mollo (2008) ressaltam a importância da intervenção governamental para a redução da pobreza no sentido da criação de emprego e renda e combate às desigualdades, mas alertam que os impactos positivos de aumentos da demanda de turismo sobre a redução da pobreza e da desigualdade não podem ficar à mercê do mero desenvolvimento do setor dentro das regras do mercado. Ao contrário, esses ganhos dependem sempre mais de um papel ativo e discricionário do Estado no setor, tendo em vista a dificuldade das classes mais pobres se integrarem aos mercados e se beneficiarem da sua lógica de funcionamento. Assim, a mera importância das classes de rendas mais baixas na atividade turística e os pequenos requisitos de capital não garantem, por si sós, ganhos de inclusão social pelo desenvolvimento do setor (Takasago; Mollo, 2008).

Nesse sentido, esses autores sugerem que um grande caminho seria o estímulo ao turismo doméstico através das políticas públicas. Segundo Takasago e Mollo (2008), o turismo tem a capacidade de oferecer empregos com baixa qualificação de mão de obra se comparado a outros setores, bem como de apresentar um baixo coeficiente de capital utilizado nos seus investimentos.

Os autores ainda se referem a diversas micro, pequenas e médias empresas que o turismo é capaz de estimular, criando um desenvolvimento em torno de um complexo turístico. Também é sabido que a atividade consegue empregar as pessoas residentes no seu entorno para os diversos serviços que são necessários para o atendimento aos turistas na medida em que aquele destino vai se desenvolvendo.

O turismo, quando bem planejado e gerenciado, pode ser uma ferramenta poderosa para reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento socioeconômico em países em desenvolvimento. No entanto é fundamental que o turismo seja sustentável, ou seja, que respeite o meio ambiente, a cultura local e promova a equidade social. Ao investir em capacitação profissional, em infraestrutura básica e em políticas públicas que promovam a participação da comunidade local, é possível maximizar os benefícios do turismo e construir destinos turísticos mais justos e sustentáveis. A Organização Mundial do Turismo – OMT constituiu 2017 como

o ano do Turismo Sustentável recomendando que deve privilegiar a participação da comunidade local na geração de emprego como forma de reduzir a pobreza e redistribuir a renda.

O mercado turístico pode ser classificado em direto e indireto. No mercado direto, se oferecem e consomem bens e serviços plenamente relacionados ao turismo; no mercado indireto, são oferecidos e consumidos bens e serviços parcialmente relacionados à atividade. Neste último, os bens e serviços podem ser usufruídos não somente pelos turistas como também pela comunidade. Como exemplos, temos transportes, alojamentos e restaurantes (Lage; Milone, 2001).

O Brasil apresenta diversos tipos de configurações na relação da atividade com os destinos. Existem destinos com o turismo já amadurecido e consolidado, gerando empregos formais, multiplicando renda, promovendo o desenvolvimento dessas localidades. Mas o país apresenta também pequenas localidades que veem no turismo sua principal fonte de renda e em que o turismo comunitário se apresenta como uma das únicas alternativas de desenvolvimento local, como ocorre em diversas localidades no Nordeste brasileiro.

3.1.1 Aspectos conceituais e campo de estudo do turismo

Na sua essência, o turismo é uma atividade de serviço. Uma data marcante nos EUA e representativa mundialmente foi o ano de 1956, considerado o nascimento da sociedade pós-industrial. Naquele ano, pela primeira vez nos EUA, os trabalhadores da área administrativa superaram em termos numéricos os da área de produção (Fitzsimmons; Fitzsimmons, 2000).

De Masi (1998) afirma que uma das principais características dessa nova sociedade é o predomínio numérico dos trabalhadores do setor de serviços, onde se encontra o setor de turismo e hotelaria. No Brasil, o setor de serviços ultrapassou os demais setores da economia brasileira, em número de trabalhadores, na década de 70.

Um dos autores que pesquisou esta passagem da economia baseada na produção para a economia baseada nos serviços foi Karl Albrecht que, em 1988, publicou a primeira edição do livro *Revolução nos Serviços: como as empresas podem revolucionar a maneira de tratar os seus clientes*, inclusive tendo o prefácio escrito por J. W. Marriot Jr, grande empresário da indústria hoteleira.

Segundo Albrecht (1998), na chamada “Revolução nos Serviços”, muitas empresas passaram a adotar a gestão de serviços como conceito básico de gestão nas suas organizações. Outras passaram a tentar melhorar seu desempenho de várias maneiras para se tornarem eficazes na colocação dos seus serviços finais.

As principais empresas de deslocamento aéreo têm procurado convencer os clientes que seu comportamento mudou. As redes de hotelaria, as empresas de serviços hospitalares, as companhias de serviços financeiros, os bancos, as empresas de telecomunicações e várias outras têm procurado posicionar-se em termos competitivos no que diz respeito à qualidade do serviço (Albretch, 1998).

Goeldner *et al.* (2002) estudaram a atividade turística e afirmaram que ela é a soma de fenômenos e relações originados da interação entre turistas, as empresas fornecedoras de bens e serviços, o governo da destinação visitada e a comunidade anfitriã. Eles ressaltaram que, espontânea ou planejadamente, ela está subordinada às políticas públicas, à iniciativa privada ou à parceria desses agentes. E que o turismo está atrelado ao capitalismo hegemônico corporativo em nível global ou mesmo pode assumir um caráter doméstico e artesanal.

O turismo é conceituado por um conjunto de bens e serviços unidos por relações de interação e interdependência que o tornam extremamente complexo (Ruschmann, 1990). Suas singularidades o distinguem dos bens industrializados, pois se configura em um serviço que entrega uma experiência vivencial. O que ocorre é que o turista pós-moderno busca experiências autênticas que possam ficar marcadas em suas vidas.

Uma das questões importantes ao se analisar a atividade turística é considerar que se trata de um serviço e, como tal, ele apresenta características que o diferem de outras atividades. Como os serviços são intangíveis, essa característica resulta numa série de questões que vão influenciar na atividade turística, na sua gestão. Dificulta a avaliação da qualidade, pois as experiências são vivenciais e particulares, diminui a possibilidade de padronização, e os clientes percebem mais riscos na compra de um serviço do que de produtos (Kotler, 1980; Giansesi; Corrêa, 1996).

Nos últimos anos, com o aumento da concorrência e da produtividade, ocorreu também uma modificação no comportamento dos consumidores, que, conforme Panosso Netto e Gaeta (2010), são hoje são mais seletivos tanto em relação aos serviços quanto aos produtos, gerando uma demanda pela experiência como uma das formas de satisfação pessoal e profissional.

Esta relação entre serviços e experiências, intensificada nas últimas décadas, remete aos estudos iniciais de Joseph Pine e James Gilmore destacados no livro *The Experience Economy*, citado em diversos textos sobre o assunto. A categoria experiência seria um importante valor agregado sobre os bens e serviços e apresenta influência da antropologia, da economia e do marketing (Panosso Netto; Gaeta, 2010; Pezzi; Viana, 2015).

Analisando o turista em sua atividade de deslocamento, percebe-se que ele vivencia esses processos de mobilização subjetiva que o levariam a parar, repensar e ressignificar não só

a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas (Gastal; Moesch, 2007).

Na concepção do turismo de experiência, os turistas desejam ser o ator principal da própria viagem, buscando, assim, a vivência de acontecimentos únicos e marcantes. Tratando sobre a forma como a categoria experiência acrescenta um diferencial para a atividade turística, Panosso Netto e Gaeta (2010) apresentam suas vantagens sobre os bens e serviços, a saber:

- Bens são tangíveis e serviços intangíveis, mas experiências memoráveis;
- Bens são relacionáveis e serviços ocorrem sob demanda e são logo vivenciados, mas experiências desdobram-se ao longo do tempo, estocadas na memória;
- Bens são padronizáveis e serviços são personalizáveis, mas experiências são pessoais.

Vale ressaltar que nem todo serviço ou viagem é uma experiência que mereça ser repetida ou que marque significativamente a vida de alguém. Panosso Netto e Gaeta (2010) acreditam que a experiência tem a ver com a emoção, com o prazer, contrariamente ao sentimentalismo e a acomodação estéril. Que uma viagem especial precisa incluir pessoas e condições especiais, não implicando isso apenas no poder econômico, mas, principalmente atitudes e posturas sociais, culturais, estéticas e políticas.

É importante ressaltar que o campo de estudos em turismo apresenta grande crescimento a partir da década de 90. Como não possui ainda o *status* de ciência, está localizado no ramo das ciências sociais aplicadas por tratar de pessoas e seus comportamentos. Apesar de já existir certas verdades estabelecidas em torno do saber turístico ainda continuam a existir lacunas teóricas referentes à atividade que não foram resolvidas. Por esse motivo, diversos autores continuam se debruçando sobre a sua epistemologia. Pimentel (2017) e muitos autores reforçam a importância dos estudos do turismo.

De acordo com Panosso Netto e Nechar (2016), o turismo é um fenômeno socioeconômico de grande significado humano, ou seja, recreação, lazer e desenvolvimento pessoal são três aspectos que devem ser reinterpretados, no conjunto da prática, nos lugares onde ele se realiza. Não somente o visitante deve receber os “benefícios” que seu poder aquisitivo permite no desfrute dos atrativos, patrimônios e recursos, mas também o coletivo humano da sociedade que inclui os habitantes ou residentes

Por esse motivo, o turismo demanda ser compreendido, reexplicado e interpretado, mais ainda, reinterpretado, para além da visão positiva com a qual tem sido marcado em seus estudos e investigações. Alguns autores advertem para a falta de um pensamento crítico na teoria do

turismo (Panosso Netto; Nechar, 2014; Beni; Moesh, 2016; Panosso Netto; Nechar, 2016; Silva; Gouveia, 2016; Pimentel, 2017).

Vale ressaltar que o turismo não deve ser analisado de forma fragmentada e cartesiana, já que se trata de um fenômeno complexo, devendo ser visto em sua totalidade como um todo conexo (Panosso Netto; Nechar, 2014).

Essa questão é justificada pelo fato de a disciplina ser relativamente nova e necessitar de certo tempo de maturação e constituição de bases teóricas importantes para a expansão do conhecimento, especialmente se tratando de uma disciplina segmentada, inter e multidisciplinar, o que tende a criar alguns conflitos e dificultar o seu entendimento (Silva; Gouveia, 2016).

Pimentel (2017) trata da sistematização da atividade enquanto disciplina e afirma que esta pode ser definida como o estudo dos deslocamentos, movimentos ou viagens de pessoas que envolvem alguma motivação turística, não exclusiva, bem como o despendimento de tempo e dinheiro em estabelecimentos, serviços ou produtos da indústria turística.

Na evolução do conhecimento do turismo, a primeira geração de estudos sobre o tema ocorreu nas décadas de 60 e 70, como a intenção de explicar o crescimento fenomenal da atividade a partir da segunda metade do século XX. Naquele momento, as perspectivas mais utilizadas foram as sociológicas e as antropológicas para a explicação do fenômeno.

Na década de 90, ocorreu uma onda de mudanças e abordagens gerencialistas, que passaram a dominar o turismo filosófico, especialmente em decorrência do aumento da oferta e da demanda do turismo de massa. Esses estudos incluíam temas como marketing turístico, planejamento estratégico e gestão do turismo. A partir dos anos 90, “[...] foram sendo introduzidos novos temas como a consciência ambiental e as mudanças climáticas fazendo surgir uma corrente para a sustentabilidade [...]” (Pimentel, 2017, p.3).

Pimentel (2017) ressalta que a maioria das pesquisas historiográficas do turismo sugere que imperativos científicos positivistas sempre dominaram o conhecimento produzido no campo, que atualmente se sustenta por valores liberais de *performatividade*, consumismo e rentabilidade.

A pesquisa em turismo ainda não conseguiu “[...] construir marcos conceituais estáveis e há carência de continuidade e complementaridade entre os estudos realizados, sendo estes, em grande maioria, com viés positivista” (Panosso Netto, Tomillo Noguero e Jagger, 2011, p.1). A maioria das pesquisas se atém em investigar os turistas, as relações entre turistas e residentes, as estruturas e o funcionamento do sistema de turismo e inclui temas como marketing turístico, planejamento estratégico e gestão do impacto do turismo. Para Silva e

Gouveia (2016), este tipo de trabalho apresenta uma visão científica imediatista, descritiva, metódica, economicista e de grande tendência à quantificação e a estudos de caso, negligenciando de certa forma reflexões mais profundas que possam trazer maiores contribuições e clareza para o debate.

Desse modo, as pesquisas que se desdobram desde as diversas disciplinas, com o objetivo de analisar ou fazer proposições sobre o turismo, geralmente não se aprofundam nos aspectos conceituais do fenômeno. Portanto há carência de textos científicos densos que expressem o amadurecimento intelectual a respeito de assuntos como teoria e epistemologia do turismo.

Tratando-se de viagem, Beni (2004, p.6) afirma que ela “[...] exerce no turista muitas influências que no aspecto subjetivo liberará o conteúdo de seus sonhos, seus desejos e aumentará suas experiências existenciais”. Em oposição ao turismo massivo de meados do século XX, buscam-se novas possibilidades, principalmente neste início de milênio, em que a alteração nos gostos e preferências da demanda caracteriza a procura por novas experiências, ao invés de novos produtos/serviços (Beni, 2004).

Quanto ao espaço, ele tem uma importância fundamental para a atividade, pois, enquanto destino fim de consumo turístico, deve ser um espaço percebido e vivido, dotado de significado, e com base no qual se desenvolvem e se extraem os sentidos de lugar e as imagens de lugar (Souza e Kushano, 2013). É onde ocorre uma construção de identidade que se realiza na relação cidadão com sua cidade baseada na construção da identidade, no sentido de pertencimento ao lugar. Carlos (2007) observa que o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido.

É importante considerar que, da mesma maneira que o turismo propicia experiências singulares especialmente para grupos ainda exclusivos de turistas, ele tende a se comportar de maneira menos cuidadosa e mais massiva em grande parte das vezes. Em oposição ao contexto em que promove uma relação cidadão/cidade baseada na construção de uma identidade, no sentido de “pertencer a um lugar”, promove também um fenômeno oposto que passou a ocorrer no final do século passado baseado na não identidade e no não reconhecimento, caracterizado como não lugar (Carlos, 2007).

Neste contexto de não lugar, a indústria do turismo tende a artificializar o que é oferecido ao visitante, criando um mundo ilusório, espetacularizado e sem identidade chamado

de *não lugar*, onde o sujeito se entrega a manipulações, desfrutando a própria alienação e a dos outros (Rodrigues, 2011).

Carlos (2007) trabalha também nesse sentido, isto é, ao lado da construção da identidade e do reconhecimento inerente ao processo de produção espacial, que produz, neste fim de século, um novo espaço baseado na não identidade e no não reconhecimento; que é o que se caracteriza como “não lugar”. Segundo a autora, a grande questão é que:

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer ilusório, onde o espaço se transforma em cenário, “espetáculo” para uma *multidão amorfa* através da criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão e, deste modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação. (Carlos, 2007, p.26).

A compreensão que se tem sobre a origem da atividade turística e da hospitalidade é de que se trata de uma atividade de troca, condizente com o modelo econômico do capitalismo vigente. Vale ressaltar também que o turismo não está disponível a todos, mas somente àqueles que têm condições financeiras para desfrutá-lo. Coriolano (2006) cita que o turismo tanto é ócio e trabalho, um produto do modo de viver recente, cujos serviços criam formas confortáveis e prazerosas de viver, embora restritas a poucos.

Panosso Netto e Nechar (2014, p.26), em um trabalho em que analisa a epistemologia do turismo, afirmam:

A abordagem marxista também prega que o turismo é uma forma de imperialismo e colonialismo (Krippendorf, 1984; Nash, 1977). Os que vivem nos países mais ricos têm mais propensão às viagens do que os que vivem nos países pobres. Quando ocorrem essas viagens, então pode ocorrer uma situação de opressão. Quem viaja tem dinheiro e tempo livre, demonstrando estar em uma posição de privilégio diante de quem recebe o turista. Quem recebe está em seu tempo de trabalho e não dispõe de muitos recursos financeiros.

Segundo o autor, essa corrente tece críticas ao turismo como atividade de burgueses e industriais e ainda considera que o turismo nasceu a partir do surgimento do capitalismo e que são as leis econômicas que coordenam como, quando e para onde os turistas devem viajar (Panosso Netto e Nechar, 2014). A criação e o desenvolvimento da atividade turística estão diretamente relacionados às transformações ocorridas no período da revolução industrial e ao surgimento do trabalho assalariado e tempo livre.

Barreto e Lanzarini (1995) discorrem sobre essa questão afirmando que o surgimento do turismo da forma como o conhecemos hoje não foi um fato isolado, pois o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico como fazê-lo.

A sociedade industrial contribuiu com alguns condicionantes para o desenvolvimento da atividade turística como a emergência de uma nova classe de pessoas com possibilidade de usufruir da atividade turística, um grupo de assalariados dispostos a consumir o salário fazendo assim girar a economia e um tempo de descanso definido como sábados, domingos e férias (Barreto; Lanzarini, 1995).

Para Urry (1996), sociólogo britânico que se tornou referência mundial nos estudos da área com a obra *O olhar do turista*, lançada em 1990 e traduzida em mais de 20 países, o turismo é uma atividade de lazer que pressupõe o seu oposto, ou seja, o trabalho regulamentado e organizado é uma manifestação de como o trabalho no lazer são organizados como esferas separadas e regulamentadas da prática social nas sociedades modernas. Então, agir como um turista é uma das características de ser moderno e está associado a grandes transformações no trabalho remunerado.

3.1.2 Abordagem atual sobre a atividade turística

Sobre outros aspectos da conceituação da atividade turística, Silva e Gouveia (2016) destacam a importância do deslocamento para a compreensão do fenômeno. Segundo as autoras, a sociedade moderna, à qual nos reportamos, impõe suas estruturas aos deslocamentos humanos, organizando-os de maneira racionalizada, política e econômica – o turismo. É nessa nova forma de sociedade que se apresentam as características da exaltação do trabalho produtivo, a industrialização, a racionalização dos momentos livres em detrimento da valorização do ócio, e é o momento em que se instituíram as férias. Trata-se de um período marcado por profundas mudanças que ocasionaram o estabelecimento de uma sociedade adepta do modelo de produção capitalista, em que os bens e serviços, assim como os próprios espaços geográficos, são mercantilizados (Silva; Gouveia, 2016).

Coriolano (2006) afirma que, a partir de décadas mais recentes, houve um significativo crescimento de trabalhos e pesquisas sobre os impactos da atividade turística nas comunidades receptoras e passou-se a analisar a atividade de maneira mais consciente das suas consequências para o ambiente bem como para a população visitada.

O turismo reproduz a organização desigual e combinada dos territórios capitalistas, sendo absorvido com maneiras diferenciadas pelas culturas e de modos de produção locais. Dentro da nova dinâmica da acumulação capitalista, responde às crises globais e ampliadas do capital mundial, submetendo diretamente o Estado em favor do mercado embora e aos poucos, a sociedade civil de vários lugares descubra estratégias de beneficiar-se economicamente com ele, ou a partir dele. (Coriolano, 2006, p. 368).

Na década de 90, o turismo passou a ser compreendido como uma atividade que propiciaria desenvolvimento sustentável para o país. Os governos tinham o entendimento de que, potencializando a expansão do setor com investimentos em infraestrutura como transportes, energia e apoio urbano, os turistas chegariam com facilidade (Panosso Netto e Nechar, 2014).

Nessa perspectiva, foram realizados grandes projetos como recuperação de vários sítios e centros históricos, bem como na implantação de inúmeros equipamentos culturais. No entanto o que se constatou, na maioria dos complexos de sol e mar das costas nordestinas, foi justamente o contrário. A infraestrutura chega, viabiliza o *boom* turístico, mas não o sustenta. Assim, logo em seguida, vem a saturação e a degradação social e ambiental dos complexos, como apresentado na Figura 2 abaixo (Alban, 2008).

Figura 2 – Dinâmica Perversa do Turismo nas Costas Nordestinas.



Fonte: Alban (2008).

Esse modelo representa bem a metropolização que ocorre nos diversos espaços. Inicialmente, aquela localidade apresenta um aspecto rudimentar, com grande beleza natural que atrai os turistas mais dispostos. Depois vão aparecendo serviços para atender aos visitantes como bares e restaurantes, mercados, lojas, serviços de entretenimento, serviços de saúde e assim a localidade vai se desenvolvendo e melhorando sua infraestrutura, tanto para o visitante quanto para o residente local. Com a melhoria da sua condição estrutural e da mobilidade urbana para chegar até ela, ocorre a fase do *boom* turístico e imobiliário e, caso não seja bem controlada estas fases anteriores, através de projetos de expansão urbana responsáveis, ocorre grande degradação do espaço, resultando em prejuízos, às vezes, irreparáveis para a localidade. Exemplos conhecidos dessa realidade são as localidades de Jauá e Arembepe, no litoral norte, locais belíssimos outrora, mas que hoje não atraem turistas dada a degradação ocorrida.

Apesar de esta ser uma realidade de parte dos destinos turísticos de sol e mar, nem todos os destinos nordestinos têm apresentado a dinâmica perversa acima descrita. Em relação a esse aspecto, Alban (2008) é de opinião que Praia do Forte, na Bahia, é uma exceção, pois o turismo vem se desenvolvendo lá de maneira sustentável já há bastante tempo.

Diante desse contexto, uma forma de os pesquisadores e a academia promoverem a transformação dessa realidade é através do conhecimento e da prática. Para tanto, é fundamental assumir exercícios críticos, reflexivos e interpretativos que oportunizem reconhecer cenários novos de comportamento sobre o turismo (Panosso Netto e Nechar, 2014).

3.1.3 Turismo de Sol e Mar

Vale ressaltar que, antes, o comportamento do visitante no turismo de sol e mar, especialmente em visitar os *Resorts*, era um comportamento um tanto indiferente, pouco interessado em conhecer e interagir com a comunidade e a cultura local, sendo conhecido como “turismo bolha”. Esse tipo de turismo era muito estimulado pelas empresas hoteleiras de acordo com suas estruturas físicas e também pelo tipo de experiência que elas proporcionavam com os seus serviços. Como diz Krippendorf (2000, p.5), constituía “[...] um universo perfeito demais, artificial, apenas um fragmento, uma montagem que quase sempre está muito distanciada da realidade. O viajante não aprende nada, ou muito pouco, sobre como realmente é a vida nas regiões visitadas”.

Em oposição a esse tipo de turismo, veio o turismo de experiência. Trata-se de um termo mercadologicamente utilizado na atualidade, para descrever uma ‘forma de desenvolver produtos turísticos, inserindo o turista como protagonista de sua própria viagem’. Nesse sentido, é preciso entender as expectativas do turista atual, que vão além da contemplação passiva dos atrativos.

Esse sujeito é ativo e criativo, quer realizar um desejo e sentir-se um ator importante do destino visitado (MTUR, 2011, *apud* Pezzi; Santos, 2012, p.13). Já a experiência turística, em sua concepção antropológica, visa olhar o indivíduo na interrupção de seu comportamento rotinizado e repetitivo. Em geral, é iniciada por um “choque de dor ou prazer” que invoca semelhanças com algum acontecimento passado, consciente ou inconsciente, capaz de dar luz às emoções de experiências vividas no presente. (Pezzi; Santos, 2012). Este é o tipo de turista da atualidade e que geralmente mais visita o destino de Praia do Forte, diante das particularidades enquanto experiência turística que o destino evoca.

A diversidade cultural presente no país com suas diferentes expressões, como a música, a arte em geral, a culinária, o sincretismo religioso, atrai turista de todo o mundo. No caso do Estado da Bahia e de Praia do Forte, tem-se a representação deste turismo de experiência, capaz de atender às motivações do turista atual.

3.1.4 Turismo e as transformações no espaço

Conforme ilustrado na Figura 2, “Dinâmica Perversa do Turismo nas Costas Nordesteanas”, bem como no “Modelo de Butler”, apresentado no subcapítulo 3.2 - METROPOLIZAÇÃO TURÍSTICA, no processo natural de evolução de um destino turístico costeiro, inicialmente as regiões litorâneas:

Originalmente ocupadas pelos indígenas, pescadores, comunidades tradicionais – os chamados “povos do mar” –, são expropriadas para dar lugar às segundas residências, aos grandes resorts, às cadeias hoteleiras, aos restaurantes e demais equipamentos turísticos, como parques temáticos, por exemplo. (Coriolano, 2006, p.369).

Dessa forma, o turismo mantém uma relação direta com a produção do espaço, pois determina novas configurações geográficas definidas pelas estratégias dos governos, para implantação de infraestruturas. Para que seja plenamente compreendida esta questão da atividade turística como produtora de uma nova espacialidade, faz-se necessário uma leitura sobre a produção do espaço à luz de Milton Santos (1996, p.51):

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens super impuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima.

Conforme revela o autor, a configuração do espaço é reflexo das “obras do homem”, ou seja, as modificações que ele confere ao espaço na sua interação como estradas, plantações, casas, cidades, dentre outras, criam uma configuração territorial que resulta na produção histórica em oposição à “[...] natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada” (Santos, 1996, p.39). Dessa forma, o espaço é compreendido como algo produzido através das relações sociais que são nele estabelecidas para as atividades humanas que transformam a sua originalidade, ou seja, modificam o ambiente natural para as práticas das

atividades humanas sendo que uma delas é o turismo. Segundo Coriolano (2006 p.14), o espaço desempenha um papel fundamental na economia brasileira, beneficiando diversos setores e gerando empregos significativos. É considerado uma prática social, mas também econômica, política, cultural e educativa que envolve relações sociais e de poder entre residentes e turistas, produtores e consumidores.

Com o passar do tempo, ocorrem mudanças nos espaços especialmente devido aos processos de urbanização. Essas transformações são capazes de promover alterações no estilo de vida dos sujeitos. Harvey (2012) afirma que a qualidade de vida urbana se tornou uma mercadoria, assim como a própria cidade, pois o consumismo, o turismo e a indústria da cultura e do conhecimento se tornaram os principais aspectos da economia política urbana.

Esta cidade que deveria ser um bem de todos, está se tornando cada vez mais um objeto de uso e manipulação das relações de poder. A cidade de hoje se apresenta como partes separadas de diferentes contextos, como é possível perceber na contradição em se ter como vizinhanças áreas riquíssimas providas com todos os tipos de serviços, enquanto outras muito carentes nas instalações das suas moradias (Harvey, 2012).

Observando a dinâmica da utilização do território dentro desse contexto, o poder financeiro apoiado pelo Estado força a desobstrução dos bairros pobres, em alguns casos, tomando posse violentamente da terra ocupada por toda uma geração. A acumulação de capital através da atividade imobiliária é incrementada, já que a terra é adquirida quase sem custo.

Exemplos desse tipo podem ser vistos nos EUA, ainda que tendam a ser menos brutais e mais legalistas: o direito do governo de domínio público tem sido abusado a fim de deslocar residentes estabelecidos em habitações modestas em favor de demandas de usos superiores do solo, tais como condomínios e pequenos comércios. Harvey (2012) aposta que, dentro de quinze anos, se a tendência atual permanecer, todas aquelas ladeiras ocupadas pelas favelas no Rio de Janeiro serão ocupadas por condomínios de alto padrão com fabulosa vista para a edílica baía, enquanto os primeiros moradores terão sido removidos para alguma periferia mais remota.

Esteves Junior, Nunes e Passos (2014) analisam os efeitos dos grandes projetos e eventos na turistificação do território. Segundo os autores, os atuais dispositivos de usura da cidade dispõem de diversos mecanismos táticos, indissolavelmente associados e manifestados nos grandes projetos, nos grandes eventos e no turismo intensivo (e/ou predatório). São disfarçados de eventos culturais, anunciados como provedores de diversas finalidades socioeducativas e instalados em aparatosas estruturas físicas extravagantes (parques temáticos, instalações comerciais, complexos culturais e desportivos, complexos hoteleiros e *resorts*, etc.).

Nesse sentido, é contestada a exploração do território pelos aparelhos de captura da indústria turística e da cultura do espetáculo, pois essas instalações no cotidiano dos grupos sociais vêm servindo muito mais como instrumentos de alienação do que como promotores de sociabilidade.

Obviamente, esse tipo de projeto oportuniza transformações positivas pelo fluxo de visitantes e injeção de capital na comunidade. No entanto cabe questionar a sua atuação na promoção de resultados construtivos para as cidades e a vida urbana, verificando se tais transformações têm respondido aos anseios dos habitantes ou à expulsão dos moradores não beneficiados diretamente pelas transformações em questão (Esteves Junior, Nunes e Passos, 2014).

Fazendo uma relação dessa situação com o trabalho de Harvey (2012), nesse contexto, fica evidente que a produção do espaço referente ao turismo e ao lazer continua sendo motivação por relações socioespaciais de poder. O turismo, segundo Coriolano (2006, p.13), é uma “[...] prática social de apropriação e de dominação de muitos territórios, especialmente nos países tropicais”. Como ainda assinala esse autor, uma forma de impedir essa tendência de se realizar seria quando uma parcela da população, mantendo relações de poder, pudesse fazer valer seus direitos para se impor diante dos conflitos e das contradições geradas pelo capitalismo em suas novas formas expressas nos artefatos modernos, entre eles, os de lazer e turismo.

Esta questão de poder nos direciona a evidenciar a distinção entre autonomia e heteronomia. Enquanto houver heteronomia, isto é, enquanto houver assimetria estrutural de poder (dirigentes e dirigidos, dominantes e dominados), enquanto houver iniquidades, pobreza e injustiça, enquanto houver relações de rapina ambiental em larga escala (em detrimento de interesses difusos, mas particularmente em detrimento de determinados grupos e em benefício imediato de outros), fará sentido almejar uma mudança para melhor na sociedade, rumo a mais autonomia (Souza; Bahl; Kushano, 2013).

3.2 METROPOLIZAÇÃO TURÍSTICA

A população urbana brasileira, definida pelo critério oficial do IBGE, que em 1950 mal atingia a cifra de 18 milhões de habitantes (representando 36% da população total), atingiu em 1980 a casa dos 80 milhões, ou seja, em trinta anos a taxa de urbanização subiu para 68%, revelando intenso fluxo migratório do campo para a cidade (Faria, 1991).

Carvalho e Silva (2010) analisam como se deu esse processo na América Latina e afirmam que houve um período longo de elevadas taxas de crescimento do PIB, de urbanização e industrialização sem precedentes, corroborando Lipietz (1989), que já afirmava que o processo de desenvolvimento urbano, que ocorreu a reboque da industrialização brasileira, foi restrito e concentrado nos grandes centros urbanos, tendo sido chamado de Fordismo Periférico.

O turismo mantém uma relação direta com a produção do espaço, pois determina novas configurações geográficas definidas pelas estratégias políticas dos governos, operacionalizadas pelas políticas públicas para implantação de infraestruturas.

As políticas públicas voltadas para o turismo no Brasil desempenham um papel fundamental. Nesse sentido, Endres e Pakman (2019) observam que as políticas de turismo trazem, em seu discurso, as possibilidades de mudanças a partir de novos arranjos estruturados em redes que facilitem o processo de descentralização e participação como ingredientes para uma melhor governança turística. Contudo não se pode ignorar que esses arranjos são característicos de uma estrutura dominante composta pelas esferas nacional e internacional para indicar – ou mesmo direcionar –, aos países em desenvolvimento, o caminho que estes devem seguir para a melhor efetividade das políticas públicas. Os autores ainda ressaltam que o Brasil ainda está colhendo os frutos dessas experiências:

No Brasil, o resultado – ainda em aberto – destas estratégias para a efetividade da nova governança, orienta-se de acordo com as maneiras pelas quais o Estado relaciona-se com a sociedade civil, seja a partir dos pressupostos do gerencialismo do governo FHC (1994-2002) [...] bem sentidos no Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT (1994-2002)[...] bem como de outros modelos de gestão subsequentes, que adotaram vários mecanismos de governança para este fim [...] Foi assim no governo Lula (2003-2011) e no governo Dilma (2011-2016), refletidos nos Planos Nacionais de Turismo 2003/2007 e 2007/2010 [...] e no Programa de Regionalização do Turismo – PRT (2003-) [...]. (Endres; Pakman, 2019, p.3).

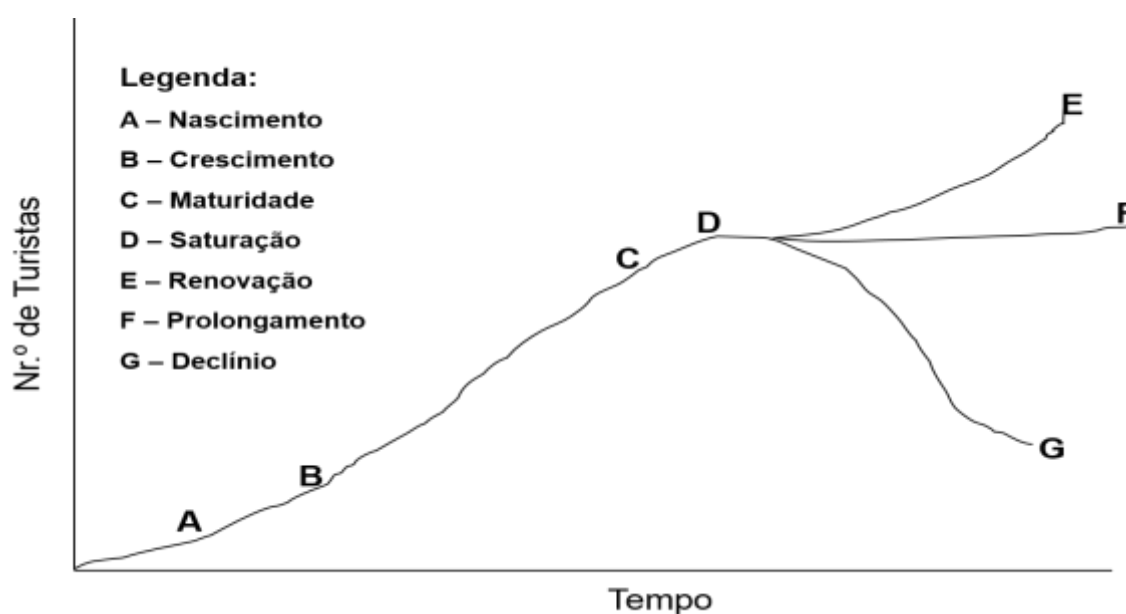
Sobre planejamento turístico, Bissoli (1999) afirma que é um processo que analisa a atividade turística de determinada destinação turística, diagnosticando seu desenvolvimento e fixando um modelo de atuação mediante o estabelecimento de metas, objetivos, estratégias e diretrizes com os quais se pretende impulsionar, coordenar e integrar o turismo ao conjunto macroeconômico em que está inserido.

Ruschmann, Rejowski e Cacciamali (1996) também entendem que o planejamento é uma atividade que envolve a intenção de estabelecer condições favoráveis para alcançar objetivos propostos e visa atender às demandas e necessidades de determinada comunidade a partir do provisionamento de algumas facilidades e serviços. Caracteriza-se, além disso, por

apresentar toda a estruturação dos objetivos a serem alcançados, os atores envolvidos, como será desenvolvida a relação com o meio ambiente da localidade e se dará a interação com as políticas públicas do governo e do estado para facilitar sua perfeita realização.

Butler (1980) apresenta um modelo que reflete os estágios do Ciclo de vida de um destino turístico, que compreende as seguintes fases: exploração, investimento, desenvolvimento, consolidação, estagnação, e declínio ou investimento como apresentado na Figura 3. Essas variáveis estão relacionadas ao número de turistas em um determinado período, e seu somatório determina as fases do turismo, contribuindo para a análise e monitoramento do desenvolvimento de destinos turísticos. Segundo Lohmann e Panosso Netto (2012), o modelo de Butler, apesar das críticas recebidas nas últimas décadas, é o que melhor reflete os estágios do ciclo de vida de um destino turístico.

Figura 3 – Ciclo de vida de um destino turístico



Fonte: Butler (1980).

Panosso Netto e Lohmann (2012) também destacam a utilização do modelo por pesquisadores da área como em dois artigos publicados por Johnston (2001) no periódico *Tourism Geographies*, abordando em profundidade aspectos teóricos e práticos do modelo na ilha de Kona no Havaí, como também a pesquisadora brasileira Ruschmann (1996), que apresentou seis aspectos fundamentais, a fim de operacionalizar a avaliação de cada fase do modelo, além de ilustrar com um exemplo da Ilha de Mallorca.

Nesse sentido, Holder (1991, *apud* Queiroz, 2016) desenvolveu a “teoria da autodestruição do turismo”, que se divide em quatro fases, conforme descrito no Quadro 3. Na terceira coluna, estão colocadas as fases de Butler, a título de comparação:

Quadro 3 – Comparativo das fases de Holder (*apud* Queiroz) e Butler

Fases de Holder, <i>apud</i> Queiroz	Descrição	Fases de Butler, Fig.3
1ª fase	Um local distante e exótico, por exemplo, serve de refúgio para os ricos descansarem e lá viverem isolados da população local	A e B
2ª fase	A promoção turística atrai as pessoas de classe média que desejam imitar os ricos em busca de sossego (nesse caso, o local perde a característica de refúgio paradisíaco)	B e C
3ª fase	Os equipamentos para o turismo de massa são atrativos para pessoas de baixo poder aquisitivo	D
4ª fase	A localidade perde suas características atrativas e há uma decadência social e econômica. Dessa forma, os turistas “fogem”, abandonando equipamentos turísticos e deixando o local deteriorado.	G

Fonte: A Autora.

Esta questão da evolução de um destino turístico depende muito do tipo de turismo que será aplicado em cada localidade, sendo que o turismo mais predatório é o turismo de massa, definido por Ruschmann (1996) como aquele que é praticado por um grande número de pessoas que viajam na mesma época e para os mesmos lugares. Geralmente, são pessoas que não têm grande poder aquisitivo e usam o serviço das agências de viagens para baratear os custos dos passeios. Ruschmann (1996) ainda afirma que o excesso de turistas de massa conduz ao superdimensionamento dos equipamentos, o que acarreta a agressão das paisagens e ecossistemas. Além disso, os turistas que se enquadram nessa modalidade de turismo se comportam de maneira alienada ao meio que visitam e acreditam que não possuem responsabilidade com este por terem tido algum custo pelo lazer.

Quando uma localidade passa a receber com frequência muitos turistas, então está consolidado um exemplo de massificação do turismo. Essa situação pode acarretar algumas implicações, e a gestão torna-se essencial para uma adequada condução do turismo para que este não se torne nocivo ao meio ambiente e à população local, acarretando danos ambientais e sociais por conta da aglomeração e falta de controle do intenso fluxo de turistas (Queiroz, 2016).

O Brasil possui uma diversidade de destinos turísticos que atraem visitantes nacionais e estrangeiros. Entre os principais destinos, estão as praias paradisíacas do Nordeste, como Porto

de Galinhas e Fernando de Noronha, que encantam os turistas com suas águas cristalinas e paisagens deslumbrantes. No Sudeste, destacam-se cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, que oferecem uma combinação única entre belezas naturais e atrativos culturais, como o Cristo Redentor e o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Já na Região Sul, cidades como Gramado e Foz do Iguaçu são conhecidas por sua beleza natural e monumentos históricos.

Apesar das potencialidades turísticas do Brasil, o setor enfrenta diversos desafios como falta de infraestrutura básica urbana e infraestrutura turística. No caso de Praia do Forte, um dos pontos fundamentais para o seu desenvolvimento, como será visto a seguir, foi o investimento em rodovias. Esta é uma das principais questões da metropolização turística. A metropolização trata de uma região de influência de uma cidade, com altas densidades demográficas e econômicas e extensas áreas urbanas, sendo ela o centro difusor de atração metropolitana.

Tratando-se de metropolização turística, com a consolidação da industrialização na Região Metropolitana, intensificou-se o processo de metropolização, tendo Salvador como centro catalisador de funções e serviços urbanos, sendo um dos eixos de expansão o Litoral Norte e outro, a Baía de Todos-os-Santos. O Litoral Norte passou por grandes e rápidas transformações desde meados dos anos 70, com a construção Estrada de Coco (BA-099), que começa em Lauro de Freitas e termina em Praia do Forte/Mata de São João, prolongada em 1993 até a divisa de Sergipe com o significativo nome de Linha Verde. Após esse período, especialmente a partir da década de 90, percebe-se, no litoral nordestino, um processo de ocupação que se vem realizando, sobretudo, mediante grandes empreendimentos turísticos e imobiliários.

Áreas naturais ou com forte apelo cultural distantes do centro urbano são apropriadas pelo mercado imobiliário, sendo descobertas novas áreas mais distantes e criadas áreas turísticas mais periféricas ainda. Nesse processo, as áreas turísticas mais próximas do centro metropolitano vão sendo incorporadas ao tecido urbano contínuo, principalmente através da implantação de novas infraestruturas de transporte e mobilidade. Dessa forma, conforme define Silva, Silva e Carvalho (2008), a Metropolização turística é o processo de expansão da região metropolitana principalmente centrada nas atividades de turismo, recreação e lazer, resultando em grandes mecanismos de interação entre a metrópole e a nova área.

4 OBJETO DO ESTUDO – PRAIA DO FORTE

Discorreremos, neste capítulo, sobre nosso objeto de estudo que é a localidade de Praia do Forte/Mata de São João, no Litoral Norte de Salvador, analisando alguns fatores influenciadores da sua transformação urbana. Distante 65 km da Cidade do Salvador, capital do Estado da Bahia, Praia do Forte corresponde a um trecho da faixa litorânea do município de Mata de São João e possui acesso direto pela rodovia BA-099. Com uma área de 605.168 km² e uma população total de 42.566 habitantes (IBGE, 2022), Mata de São João faz parte da Região Metropolitana de Salvador (RMS).

Para chegar à localidade, saindo do Aeroporto Dep. Luís Eduardo Magalhães, no município de Salvador, o principal acesso é tomar a direção da BA-099 (Estrada do Coco). Esta estrada é administrada pela empresa CLN – Concessionária Litoral Norte, uma empresa do grupo Monte Rodovias, desde o ano 2000. A empresa é responsável pelo trecho da BA-099 que começa no km 7,7 (Ponte do Rio Joanes) até a divisa da Bahia com o Estado de Sergipe, no km 192, além dos acessos às localidades de Arembepe, Praia do Forte, Porto de Sauipe, Baixios/Palame, Subaúma e Conde. O valor das tarifas do pedágio (por trecho) na categoria de “automóveis, caminhonetes e furgões”, na época da pesquisa, era de R\$ 9,00 nos dias úteis e R\$13,50 nos feriados e, na categoria “motocicletas, motonetas e bicicletas a motor”, era de R\$4,50 nos dias úteis e R\$ 6,70 nos feriados.

Antes de chegar às praias de Mata de São João, existem as praias dos municípios de Lauro de Freitas (como Praia do Flamengo e Ipitanga) e de Camaçari (como Jauá, Arembepe, Barra do Jacuípe, Guarajuba e Itacimirim). No município de Mata de São João, nas imediações da localidade de Praia do Forte, existem diversas praias. As principais são a Praia do Porto de Cima, localizada bem próxima à vila, em frente à Igreja de São Francisco, e perto do Projeto Tamar, a Praia do Tivoli Ecoresort, a Praia do Lord e a Praia Papa Gente, famosas por suas piscinas naturais e adequadas para mergulho de observação, e finalmente a Praia do Iberoestar, situada em frente ao *Resort all inclusive* Iberoestar Bahia, já caracterizada com ondas fortes de mar aberto (Elite Resorts, 2024).

A cidade apresenta um clima quente e úmido (com pouca chuva no verão e chuvoso no inverno e outono). Quanto aos seus recursos hídricos, a área pertence à bacia do Rio Jacuípe. A paisagem está modelada em tabuleiros na porção interiorana e planície litorânea na orla municipal. Recobre este modelado, a vegetação de floresta estacional, restingas e manguezais, pertencentes ao domínio da Mata Atlântica, conforme dados do município (Mata de São João-BA, 2024).

A vila de Praia do Forte é um destino turístico já consolidado. Bastante atraente por suas belezas naturais, tem também as ruínas de um castelo de valor histórico muito grande e uma vila de casas bastante charmosas, além do Projeto Tamar de proteção às tartarugas marinhas, o Instituto Jubarte de proteção às baleias e, ainda, a Reserva de Sapiranga. Todos esses atrativos, junto com sua beleza natural e sua proximidade com o município de Salvador, facilitaram o desenvolvimento deste destino turístico.

Praia do Forte foi se desenvolvendo ao longo dos anos em decorrência do forte crescimento do veraneio na localidade e na vizinhança e da atividade turística. Os seus serviços foram sendo cada vez mais estruturados, sendo que hoje a localidade consegue oferecer uma melhor oferta de hospedagem para o turista, com várias pousadas confortáveis e muitas opções de casas de aluguel na plataforma Airbnb para quem não puder pagar pelos *resorts*, diversos serviços de gastronomia como restaurantes, bares, cafés, além de shows, mas sempre com aspecto de praia, de veraneio, o que tende a agradar ao turista, aos visitantes e aos residentes temporários de veraneio. Oferece também diversas pequenas lojinhas de artesanato, artefatos turísticos, bem como lojas de marcas conhecidas como Havaianas, Hering, Salinas, Billabong, Soul Dila, Avatin, Lupo, entre outras.

A Associação Turisforte – Associação Comercial e Turística da Praia do Forte, junto com a Prefeitura municipal, movimenta um calendário de eventos na cidade. Para se ter uma ideia da cena de promoções do mês de dezembro na Vila, podem ser citados os seguintes eventos, estão confirmados na página da Turisforte (2024): Música no Coreto (às sextas e aos sábados), Festival Tempero no Forte, Natal iluminado na Vila, Coral Natalino, Corrida Rustica de Praia do Forte, Boogie de Reveillon, Reveillon no Castelo. No mês de janeiro, constam da programação: o Esquenta Verão, o *Biergarten*, o Terno de Reis, o *Wine Lovers*, o Bonfim de Mata (Festa do Bonfim) e o Festival Praia do Forte com Dendê. Além, claro, de comemorarem o Dia de Iemanjá no dia 2 de fevereiro, seguindo em março com atividades até o Carnaval. Durante todo o ano, existem atividades em comemoração a todas as datas especiais da cultura brasileira, especialmente as da tradição baiana, que são estendidas à localidade na sua forma singular de comemorar o destino de escolha dos visitantes (Turisforte, 2024).

Vale ressaltar, conforme o mapa apresentado na Introdução desta tese, que Praia do Forte é uma localidade do município de Mata de São João e apresenta condições diferenciadas se comparadas às condições da cidade-sede como um todo. Os residentes nativos da localidade/Vila são pessoas de baixo a médio poder aquisitivo. Nos últimos anos, porém, o número de condomínios de médio e alto padrão tem crescido cada vez mais na região. Por esse motivo, fica difícil comparar dados numéricos que expressem a realidade do público de Praia

do Forte, pois a realidade do grupo de residentes de Açú da Torre, por exemplo, é totalmente diferente do público residente de alguns condomínios da entrada da cidade onde existem casas de alto valor que somente podem ser compradas pelas pessoas que residem nos bairros mais nobres de Salvador.

Em 2024, o *Centro Internacional de Formación en Gestión y Certificación de Playas* classificou Praia do Forte como a 11^a melhor praia do mundo a partir da avaliação de 126 locais dos litorais da Argentina, Brasil, Canadá, Colômbia, Cuba, Equador, Espanha, Guatemala, México, Nova Zelândia, Peru, Porto Rico e Venezuela. Uma característica distintiva deste lugar é que ele permanece ensolarado durante todo o ano, exceto nos meses de maio a julho quando a estação chuvosa ocorre. Devido a isso, atividades e excursões na área variam consoante a época (Menezes, 2024).

Um dos mais concorridos destinos do litoral norte da Bahia, a pequena Vila é formada por nativos locais, sejam pescadores, artesãos ou empreendedores que montam negócios na região. É um destino predominante de ecoturismo, graças ao Projeto TAMAR, que mantém sua sede nacional na localidade. Esta iniciativa está preocupada com a conservação e estudo das tartarugas marinhas, que pode atingir um tamanho de até 3 metros de comprimento e colocam seus ovos na área da praia. Além dele, há ainda o Instituto Baleia Jubarte, um dos centros do projeto que mantém bases de pesquisa, educação ambiental e outras atividades ligadas à conservação de cetáceos (mamíferos aquáticos), e a Reserva Sapiranga, local de Mata Atlântica, onde se procura preservar pássaros, animais silvestres, manguezais, dunas e lagoas, além de trilhas ecológicas.

Destaca-se ainda pela proximidade das ruínas do Castelo Garcia d'Avila, em Açú da Torre, distrito de Mata de São João. Seu construtor, Garcia d'Ávila, era o tesoureiro do primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa, que chegou à Bahia em 1549 para fundar a cidade de Salvador. Durante os primeiros anos da colonização, Ávila conseguiu acumular uma fortuna imensa, principalmente em terras. Ele foi considerado o maior latifundiário do mundo, com as suas fazendas se estendendo da Bahia até o Maranhão. Em seu território, ele construiu o castelo, atualmente em ruínas, localizado a três quilômetros da vila, tendo sido requalificado alguns anos atrás.

Segundo dados de 2022, o município de Mata de São João tem um PIB (Produto Interno Bruto) e o PIB *per capita*, em 2021, de, respectivamente, R\$ 1.328.755,03 e R\$ 27.889,83. A pontuação no ENEN em 2022 foi de 325; sua população era de 47.643 habitantes em 2021. O número de empregados em 2022 foi de 15.859, com uma remuneração média de R\$2.887,00 (a

do Brasil foi de R\$3.390,00). Foram 216 as matrículas no ensino superior em 2022. O número de empresas ativas em março 2024 era de 4.585 (Observatório DataMPE BRASIL, 2024).

4.1 HISTÓRIA

No Brasil, o banho de mar inicialmente não fazia parte das experiências de lazer, pois era tido como atividade relacionada às práticas medicinais, sendo designado como terapêutico. Segundo Camargo (2007), os banhos de mar, inicialmente, faziam parte dos rituais de profilaxia de certas moléstias, mas depois acabaram por mudar de finalidade.

Trata-se de uma cultura aristocrática que aqui chegou com a grande migração da corte portuguesa que se fixou no Rio de Janeiro, em 1808. Tal prática cortesã, entretanto, acabaria por deixar os círculos aristocráticos, bem como sua finalidade terapêutica, para assumir contornos mais burgueses e de lazer (Camargo, 2007).

Essa característica pode também ser observada na arquitetura de parte de bairros históricos da Ilha de Florianópolis-SC como Ribeirão da Ilha e Santo Antônio de Lisboa, que ainda preservam sua originalidade. Algumas residências tinham suas estruturas estéticas mais atraentes voltadas para a rua e não para o mar que era o lugar somente de trabalho, de chegada do barco e não de estrutura de lazer, de significado de *status* e valorização do imóvel, estética arquitetônica difícil de se observar nos dias de hoje. Essa mesma situação ainda pode ser verificada na Av. Luiz Tarquínio, em Salvador, onde as antigas residências da Vila Operária foram construídas de “costas para o mar”.

Com o passar do tempo, os banhos atmosféricos e a helioterapia acabaram por contribuir para o deslocamento da vilegiatura marítima, anteriormente concentrada nos Mares da Mancha, do Norte e do Báltico. A partir do final do século XIX, a luminosidade, o ar e as praias do Mediterrâneo passaram a atrair os turistas (Camargo, 2007).

Em relação à região do nosso objeto de estudo, a história do desenvolvimento do turismo em Mata de São João e, especificamente, Praia do Forte remonta ao seu surgimento como uma vila de pescadores, pois no início a região era habitada por comunidades tradicionais de pescadores que viviam da pesca e da agricultura de subsistência.

A ocupação de Mata de São João por não nativos (descendentes de índios, com destaque para os Tupinambás, escravos e mestiços) começou a partir de 1549, quando o fidalgo português Garcia D’Ávila chegou à Bahia junto com a comitiva do primeiro governador-geral Tomé de Souza. Garcia D’Ávila construiu, em 1551, a fortaleza Casa da Torre (Castelo Garcia D’Ávila – primeira fortificação portuguesa militar e residencial do Brasil), na enseada de Tatuapara,

hoje Praia do Forte (Área Urbana Isolada – AUI). Estrategicamente instalada, a fortaleza teve grande importância na defesa do Estado. (Santana; Silva; Guidice, 2020).

Durante três séculos, o monumento foi habitado por 10 gerações da família Garcia D'Ávila e foi palco de um dos maiores acontecimentos da época. A construção foi iniciada pelo primeiro Garcia D'Ávila, um jovem empreendedor, que possivelmente era filho do governador-geral Tomé de Souza. Em 20 anos, ele se tornou o homem mais rico da colônia. A sede de suas terras, o Castelo em Tatuapara, defendia o litoral norte contra as tentativas de invasões, principalmente dos holandeses e franceses (Fundação Garcia D'Ávila, 2024).

Oliveira e Tricárico (2023) destacam que a região se consolidou enquanto destino turístico por possuir uma diversidade de atrativos. Esses atrativos fazem com que a localidade de Praia do Forte se torne diferenciada para o turista, como as ruínas do Castelo da Torre de Garcia D'Ávila, um grande oferta de gastronomia, comércio de lojas de moda e lojas de artesanato, feiras de artesanato e produtos locais, banho de sol e mar, uma unidade do Projeto Tamar para a preservação das tartarugas marinhas e com uma exposição permanente e palestras sobre preservação ambiental, sendo um local muito frequentado por crianças acompanhadas pelos turistas adultos (Fundação Projeto Tamar, 2024).

A trajetória de Praia do Forte, no que diz respeito ao turismo, possui uma longa história. Apesar de os registros dos primeiros visitantes datarem do século XIX, foi somente a partir da década de 70 que o turismo na região começou a se desenvolver de forma mais significativa. Brandão (2015) afirma que foi um período simbólico para Praia do Forte e chama de fase do Turismo de Frente Pioneira (1979-1993), pois foi no ano de 1979 que a Prefeitura Municipal de Mata de São João permitiu, pela primeira vez, a implantação de loteamentos no povoado de Praia do Forte.

Conforme ainda Brandão (2015), tal fato acabou por induzir consideráveis mudanças no quadro da realidade da dita nucleação, pois permitiu a consolidação da prática do turismo de segunda residência, um dos marcos iniciais das transformações rumo à plena turistificação desse lugar.

Sobre a categoria de análise identidade, segundo Grinover (2007, *apud* Oliveira; Tricárico, 2023, p. 150), a localidade

[...] desperta uma fascinação pelo diferencial e, conseqüentemente, um interesse pelo local, a análise de hospitalidade urbana deve considerar que, como símbolo na memória social, a imagem é composta pela utilização do espaço pela apropriação do patrimônio cultural, pelas tipologias arquitetônicas e pela singularidade do ambiente. A identidade de Praia do Forte se manifesta nas vias com casas tradicionais de arquitetura vernacular que abrigavam os pescadores. Essas casas receberam pinturas vibrantes e adaptações para abrigar lojas e restaurantes, cujos traços principais das fachadas não foram alterados.

Nessa paisagem, podem ser vistos ancorados os barcos dos pescadores e seus artefatos, “[...] símbolos que identificam a atividade de pesca artesanal, com as embarcações e os artefatos da colônia de pescadores, uma tradição da Praia do Forte desde o início do povoamento desse Distrito” (Oliveira; Tricárico, 2023, p.6). Também a pequena igreja, os restaurantes da vila, o movimento dos turistas e visitantes em geral, os diversos serviços oferecidos como *shows* ao ar livre tornam a localidade um destino de grande atratividade não somente do turismo como também de residentes da Cidade do Salvador e seu entorno, como pode ser visto na Figura 4, que mostra fotos da Igreja de São Francisco de Assis, antes e depois de reformada, que foi construída por volta de 1900 pelos pescadores da região para homenagear o seu santo protetor.

Fica localizada na praça central da vila, em frente à praia do Porto. É um dos pontos turísticos mais encantadores da região. A capela foi restaurada e hoje é um local popular para casamentos, com imagens de São Francisco de Assis, São Benedito e Nossa Senhora da Conceição adornando o altar. A igreja é decorada com imagens e telas do pintor baiano Carlos Bastos nas paredes, que retratam a via sacra (Turisforte, 2024). Além disso, possui um museu que conta a história das obras de recuperação e um acervo de louças portuguesas e peças indígenas. Dependendo da época e das festividades, há espetáculos na praça, na praia, na rua, e restaurantes com música ao vivo de diversos estilos (Turisforte 2024).

Figura 4 – Igreja de São Francisco antes e depois da reforma e seu entorno (prainha).



Fonte: Turisforte (2024).

A Figura 5 mostra algumas embarcações de pequeno porte, de pescadores e turistas. É a praia central da localidade, em frente da praça da Igreja e onde se encontram bares e a beira-mar.

Figura 5 – A prainha e suas embarcações pesqueiras tradicionais



Fonte: Guia Viagens Brasil (2024).

A Figura 6 mostra um casal circulando pelas ruas, onde não transitam carros, passando por um dos muitos restaurantes ou pousadas da localidade que servem comidas baianas, entre outras.

Figura 6 – Destaque para a atmosfera de veraneio da Vila.



Fonte: Guia Viagens Brasil (2024).

As Figuras 7 e 8 mostram a Vila na sua conformação urbana atual, que possibilita as pessoas circularem a pé passando por lojas, bares e restaurantes, com um aspecto de tranquilidade, de veraneio, mas dispendo de diversos serviços para atender aos visitantes. O que atrai muitos turistas e pessoas para passar o verão perto das praias – os veranistas.

Figura 7 – Apresentação urbana da Vila na atualidade



Fonte: Guia Viagens Brasil (2024).

Figura 8 – Lojas na Vila de Praia do Forte



Fonte: Guia Viagens Brasil (2024).

Praia do Forte oferece uma infraestrutura turística robusta como, por exemplo, sinalização com placas de informação bilíngues – português e inglês, para sinalização de pedestres das atividades que estão presentes ao longo do destino. Possui uma demanda turística nacional e internacional, como reflexo da singularidade do produto turístico e da infraestrutura hoteleira no local e no seu entorno. A rede de *resorts*, pousadas e hotéis de bandeiras nacional e internacional é manifestada ao longo do circuito turístico que envolve as duas ruas principais e onde há mais circulação do fluxo turístico, ou seja, um circuito de aproximadamente 2 km, iniciando na entrada principal da vila em cujo trecho da via estão as lojas de moda e de artesanato, os restaurantes, bares e cafeterias, as galerias de arte, de artesanato e produtos locais, seguindo até a praça da igrejinha, arquitetura colonial, onde se descortina a praia com as embarcações até chegar ao complexo do Projeto Tamar (Oliveira; Tricárico 2023).

Um atrativo de grande relevância histórica em Mata de São João é o Castelo Garcia D'Ávila. Essa construção histórica remonta ao século XVI e é considerada a primeira grande edificação do Brasil colonial. O castelo oferece aos visitantes uma vista panorâmica da região e conta com um museu que retrata a história local. Além disso, o Castelo Garcia D'Ávila possui uma arquitetura imponente, com torres e muralhas que remetem ao período colonial.

Figura 9 – Castelo Garcia D'Ávila



Fonte: Fundação Garcia D'Ávila (2024).

A Reserva de Sapiranga, localizada em Praia do Forte, se estende por mais de 600 hectares de Mata Atlântica secundária que oferece uma ampla variedade de atividades ao ar livre, como trilhas, passeios de quadriciclo, tirolesa e canoagem com guias que prestam

informações sobre a rica diversidade da fauna e flora, incluindo espécies raras de aves, mamíferos e répteis.

Figura 10 – Reserva Sapiroanga



Fonte: Turisforte (2024).

As trilhas ecológicas são outra opção de lazer em Praia do Forte. A região possui uma rica biodiversidade, incluindo manguezais, restingas e áreas de Mata Atlântica. As trilhas permitem aos turistas explorarem esses ecossistemas e conhecerem a fauna e a flora do local. Guias especializados acompanham os visitantes, fornecendo informações sobre a importância da preservação ambiental e destacando as espécies encontradas na região (Turisforte, 2024).

Essa perspectiva não é diferente no Nordeste brasileiro. Diante da realidade social e espacial da região, políticas públicas federais, regionais, planos estaduais e municipais, voltados para o setor turístico, apresentam-se como propulsores de desenvolvimento e intensificam a crescente urbanização turística da região, principalmente na zona litorânea. As frações do território brasileiro, antes lembradas por imagens da seca e da miséria, transformam-se em um local propício para as novas formas de desenvolvimento socioeconômico, tendo destaque o turismo de sol e praia (Araújo, 2018).

Tendo em vista as potencialidades naturais do Nordeste, foram criadas políticas públicas de turismo para essa região. Silva e Silva (2006) dividem essas políticas em dois processos distintos e, ao mesmo tempo, complementares que se apropriam dos espaços e os produzem pelo turismo e para o turismo. O primeiro seria a urbanização turística dos lugares com implantação de infraestrutura, constituindo um processo de urbanização simultânea à urbanização turística do lugar, a exemplo dos megaprojetos turísticos. Já o segundo seria a urbanização para o turismo, criando infraestrutura urbana para a atividade, prevendo o uso

turístico futuro, a exemplo do Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste (PRODETUR/NE) I e II, o Programa de Desenvolvimento do Turismo Nacional ou mesmo o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) (Araújo, 2018).

Queiroz (2016) também aborda o tema, ressaltando que, na década de 90, as transformações no turismo estadual foram bastante profundas, diante dos grandes investimentos governamentais na infraestrutura, por meio do PRODETUR-NE. Assim, buscou-se ampliar a atividade turística para outras áreas do estado, pois havia uma grande concentração voltada para a Cidade do Salvador e seu entorno, enquanto, em outras áreas, o turismo ainda era muito incipiente.

Algumas localidades foram selecionadas para o direcionamento desses investimentos, resultando, por exemplo, na construção da rodovia BA-099 ou “Linha Verde”, entre outras obras de infraestrutura, o que proporcionou a atração de megaempreendimentos hoteleiros internacionais, acarretando também o crescimento do turismo de eventos e o aumento da preocupação com a questão ambiental (Queiroz, 2016).

A partir dos anos 2000, uma série de ações marcou e alavancou a atividade turística na Bahia, entre elas: a produção de um novo planejamento estratégico do turismo, habilitando a Bahia para o PRODETUR/NE II, com a identificação de novas zonas turísticas, sendo, estão, constituídos os Conselhos Regionais de Turismo e o Fórum Estadual de Turismo, além de terem sido incorporadas iniciativas de parceria com o setor privado, através do apoio à formação de *clusters* regionais de turismo; o desmembramento da Secretaria da Cultura e Turismo em duas secretarias distintas – a Secretaria de Turismo (Setur) e a Secretaria de Cultura (Secult); a reestruturação da Bahiatura, que passou a ter o papel de promover o turismo na Bahia em nível nacional e internacional (Queiroz, 2016).

Pela primeira vez, o turismo na Bahia passou a ser gerido por instâncias exclusivamente voltadas para a atividade, além do alinhamento e a maior integração com as ações do Ministério do Turismo (MTur), colocando em prática as recomendações do Plano Nacional de Turismo (PNT) para o período 2007-2010 e 2017, voltando a obter recursos federais para o setor, que eram muito raros antes do PRODETUR-NE (Queiroz, 2016).

Essas políticas deram impulso às transformações espaciais, principalmente nas regiões metropolitanas, estimulando o fluxo turístico internacional na região. No entanto, elas passaram a contribuir com a intensificação não só do turismo de massa, mas também com a dinâmica do fluxo turístico em escala regional, tendo em vista o beneficiamento das infraestruturas construídas pelo incentivo dessas políticas, principalmente na realização e reestruturação de vias rodoviárias (Araújo, 2018).

O Projeto Baleia Jubarte é outra opção de atividade turística em Praia do Forte. Durante os meses de julho a outubro, a região se torna um importante ponto de reprodução das baleias jubarte. O projeto oferece aos turistas a oportunidade de avistar esses animais em seu *habitat* natural. Por meio de passeios de barco, os visitantes podem observar as baleias saltando e nadando nas águas próximas à costa. O Instituto Baleia Jubarte, desde sua inauguração em 2004, oferece uma imersão na vida e nos hábitos das baleias-jubarte, proporcionando uma experiência singular para visitantes de todas as idades. Localizado em uma área de 3.500 m² doada pela Fundação Garcia D'Ávila, é vizinho do Parque Natural Municipal Klaus Peters.

No espaço, podem ser encontradas réplicas em tamanho natural de baleias exibindo comportamentos distintos, um esqueleto completo de uma jubarte adulta, painéis interpretativos com imagens impressionantes, e um auditório que projeta vídeos contínuos sobre a vida marinha. Este centro não apenas educa, mas também inspira, com minirréplicas de outros cetáceos, um espaço *kids* e *playground*, tornando a visita divertida e informativa para toda a família.

Figura 11 – Projeto Baleia Jubarte



Fonte: Instituto Baleia Jubarte (2024).

Em pesquisa realizada em parceria com o Sebrae e publicada no ano de 2018 através da Associação de moradores, observa-se que, ao longo dos anos, houve mudança no perfil dos

visitantes que escolhem Praia do Forte como destino turístico. Anteriormente, predominavam os viajantes em busca de tranquilidade e contato com a natureza. No entanto, nos últimos anos, tem-se observado um aumento no número de turistas em busca de experiências mais sofisticadas e exclusivas. Essa mudança no perfil dos visitantes tem impactado na oferta de serviços e produtos voltados para o turismo na região, com o surgimento de estabelecimentos de luxo e a diversificação das opções de lazer.

No que diz respeito às políticas públicas voltadas para o turismo na região, é possível observar uma série de estratégias adotadas pelo poder público para promover o desenvolvimento sustentável do setor. Entre essas estratégias, estão a criação de áreas de preservação ambiental, como o Parque Klaus Peters, e a implementação de programas de educação ambiental voltados para os visitantes. Além disso, foram estabelecidas normas e regulamentações para garantir a preservação dos atrativos naturais e culturais da região (Alencar, 2019).

4.2 ECONOMIA

O desenvolvimento do turismo tem contribuído significativamente para a geração de empregos na região de Praia do Forte. Além dos empregos diretos em hotéis, restaurantes e agências de turismo, há também uma demanda crescente por serviços complementares, como artesanato local, guias turísticos e transporte. Essa diversificação da oferta de trabalho tem melhorado a qualidade de vida dos moradores, proporcionando oportunidades de emprego e renda (Oliveira; Tricárico 2023).

Os impactos positivos do turismo em Praia do Forte são evidentes através do aumento da arrecadação de impostos municipais. Com o crescimento do setor turístico, há uma maior entrada de recursos financeiros para o município, que podem ser utilizados para investimentos em infraestrutura, educação e saúde. Além disso, o turismo também contribui para a diversificação da economia local, reduzindo a dependência de setores tradicionais (Oliveira; Tricárico, 2023).

No entanto, apesar dos benefícios trazidos pelo turismo, a localidade de Praia do Forte enfrenta desafios relacionados ao seu crescimento. O aumento da demanda por serviços pode sobrecarregar a infraestrutura existente, como estradas e redes de abastecimento de água e energia elétrica. Além disso, o crescimento desordenado do turismo pode gerar problemas sociais, como a especulação imobiliária e o aumento do custo de vida para os moradores locais (Oliveira; Tricárico, 2023).

Ademais, nem todos os impactos do turismo são positivos. Um dos principais problemas enfrentados pela população residente é o aumento dos preços dos produtos e serviços locais. Com o crescimento do setor turístico, a demanda por esses itens aumenta, o que acaba elevando seus valores. Isso pode dificultar o acesso da população local a bens básicos e serviços essenciais, gerando desigualdades socioeconômicas na região.

Os investimentos realizados no setor turístico em Praia do Forte têm sido fundamentais para melhorar a infraestrutura local e atrair mais visitantes. Recursos financeiros têm sido aplicados na construção e reforma de hotéis, pousadas, restaurantes e centros comerciais. Além disso, a localidade tem investido em projetos de urbanização e preservação ambiental para garantir uma experiência positiva aos turistas (Oliveira; Tricárico, 2023).

No entanto o desenvolvimento do turismo também traz desafios para a comunidade local. Um dos principais problemas enfrentados é a especulação imobiliária, como dito anteriormente, que leva ao aumento dos preços dos imóveis e à descaracterização da cidade. Por exemplo, nos dias de hoje, o preço por metro quadrado dos novos loteamentos de Praia do Forte se equipara aos preços mais altos dos melhores bairros de Salvador. A construção desenfreada de empreendimentos turísticos pode comprometer a paisagem urbana e afetar negativamente as características históricas e arquitetônicas de Praia do Forte. Além disso, a descaracterização da cidade pode gerar conflitos entre os moradores locais e os turistas, que muitas vezes têm interesses e necessidades diferentes.

4.3 IMPACTOS EM GERAL E TURISMO SUSTENTÁVEL

Os impactos do turismo no litoral de Mata de São João são evidentes tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos. Por um lado, o setor turístico tem sido responsável pela geração de empregos diretos e indiretos, contribuindo para o aumento da renda local e melhorando as condições socioeconômicas da população. Além disso, o turismo tem impulsionado o desenvolvimento de atividades complementares, como comércio e serviços. Por outro lado, a intensificação do turismo tem levado à descaracterização cultural da região, com a substituição de elementos tradicionais por uma cultura voltada para o entretenimento e o consumo. Além disso, a pressão sobre os recursos naturais, como o desmatamento e a poluição das praias, tem sido uma preocupação constante.

Para promover o desenvolvimento sustentável do turismo em Praia do Forte, foram adotadas diversas estratégias. A implementação de políticas de preservação ambiental foi uma das principais medidas adotadas, com a criação de áreas protegidas e a regulamentação das

atividades turísticas para minimizar os impactos negativos sobre o meio ambiente. Além disso, houve uma diversificação das atividades econômicas, buscando reduzir a dependência exclusiva do turismo e estimular outras áreas produtivas, como agricultura orgânica e artesanato local. Essas estratégias visaram garantir a sustentabilidade econômica e ambiental da região

4.4 EDUCAÇÃO

No âmbito educacional, o turismo tem trazido impactos positivos para Praia do Forte. O setor turístico incentiva a formação profissional na área, oferecendo oportunidades de capacitação e especialização para os moradores locais. Além disso, programas educacionais voltados para o setor são implementados na região, proporcionando acesso a conhecimentos específicos sobre turismo e contribuindo para o desenvolvimento acadêmico da comunidade. Essas iniciativas têm um papel importante na promoção da educação e no fortalecimento da economia local (Santos; Panosso Netto; Wang, 2017).

O Programa Tamarzinhos e a Escolinha do Tamar são compostos por atividades educativas, realizadas no contraturno escolar, utilizando as tartarugas marinhas como tema principal e considerando as condições socioambientais das localidades que contribuam para estimular a criatividade, a cidadania e o respeito à natureza. As atividades educativas integram temas capazes de promover valorização cultural, práticas sustentáveis, participação em ações de proteção e manejo das tartarugas marinhas e de conservação dos ecossistemas existentes na Praia do Forte-BA (Gavilan, 2022).

4.5 DESENVOLVIMENTO URBANO

As transformações na infraestrutura urbana são outra consequência do turismo em Praia do Forte. Para atender às demandas dos visitantes, novas vias são construídas e equipamentos públicos são instalados na cidade. Essa melhoria na infraestrutura beneficia tanto os turistas quanto os moradores locais, proporcionando um ambiente mais adequado para o desenvolvimento das atividades turísticas e para a qualidade de vida da comunidade

A Figura 12 mostra novos loteamentos criados em Praia do Forte, existindo alguns com até 500 lotes, que são vendidos a preços semelhantes aos das melhores localidades de Salvador.

Em pesquisa realizada em *sites* de corretores de imóveis especializados em venda de terrenos na região, foram encontrados no Condomínio Laguna, situado na entrada de Praia do Forte, bastante conhecido e mesmo não sendo um dos mais caros, lotes no valor de

R\$779.000,00. Segundo a empresa incorporadora, o Condomínio La Laguna Praia do Forte, com lotes de 800 a 900 m² em área privilegiada de Praia do Forte, com apenas 125 lotes, tem todo o critério de qualidade, sofisticação e sustentabilidade; de alto padrão e todos os detalhes de um projeto paisagístico e arquitetônico pensado para privilegiar a beleza da natureza, com total infraestrutura de lazer, segurança e conforto para toda a família (Turisforte 2024).

Figura 12 – Condomínio La Laguna Praia do Forte



Fonte: Turisforte (2024).

O turismo em Praia do Forte tem gerado impactos sociais e culturais significativos. Apesar dos benefícios econômicos e culturais trazidos pelo setor, é necessário lidar com os desafios decorrentes do desenvolvimento turístico, como a especulação imobiliária e a descaracterização da cidade. É fundamental buscar um equilíbrio entre o crescimento econômico proporcionado pelo turismo e a preservação das características socioculturais da comunidade local. A promoção de políticas públicas adequadas e a participação ativa da população são essenciais para garantir um desenvolvimento sustentável do turismo em Praia do Forte.

4.6 O CASTELO GARCIA D'ÁVILA E OS RELEVANTES PROJETOS AMBIENTAIS EM PRAIA DO FORTE

Obviamente, ao lado dos fatores já citados, ocorreram vários outros que contribuíram fortemente para o sucesso de Praia do Forte enquanto destinação turística. Com o tempo, surgiram iniciativas bastante conhecidas, que foram prontamente aproveitadas para promover mais ainda a região, como visto a seguir. Tratamos a seguir, com maiores detalhes, dos diversos fatores que muito contribuíram para a atratividade de Praia do Forte.

4.6.1 O Projeto TAMAR

No início dos anos 80, os técnicos do Projeto Tartaruga Marinha (Tamar) chegaram à Praia do Forte e constataram que, desde muito tempo, havia a ocorrência e a existência da pesca da tartaruga, bem como o consumo deste quelônio e dos seus ovos na localidade. A partir de então, teve início o trabalho de esclarecimento junto aos moradores, relacionado à preservação deste animal. O Projeto Tamar tem como objetivo a proteção das tartarugas, consideradas animais ameaçados de extinção, que para ali vêm se reproduzir, efetuando a desova em Praia do Forte.

Quando os pesquisadores do Tamar chegaram, Praia do Forte era uma pequena vila com 500 moradores, sem luz elétrica, onde se chegava atravessando de balsa o rio Pojuca. A relação com a comunidade foi nascendo aos poucos, premiando quem avisasse a tartaruga desovando e participando da realidade local. O cavalo por eles utilizado no início das atividades foi substituído por um Jeep de segunda mão, doado, e a casa emprestada virou alojamento. Com melhor estrutura de trabalho, dedicação e conscientização dos moradores e veranistas, a base de pesquisa e o Centro de Visitantes foram se consolidando. Em duas décadas, a vila se

transformou em polo turístico nacional e internacional, e o Centro de Visitantes chega a receber duas mil pessoas por dia, em épocas de maior movimento (Fundação Projeto Tamar, 2024). As fotos abaixo ilustram um pouco do projeto.

Figura 13 – Projeto Tamar



Fonte: Fundação Projeto Tamar (2024).

Figura 14 – Projeto Tamar, visto de cima



Fonte: Fundação Projeto Tamar (2024).

Figura 15 – Atividade “Biólogo por um dia” do Projeto Tamar



Fonte: Fundação Projeto Tamar (2024).

Figura 16 – Projeto Tamar – Interação Social da comunidade com o projeto



Fonte: Fundação Projeto Tamar (2024).

Nesse contexto, o Tamar fortaleceu Praia do Forte como um destino ecoturístico e, portanto, dotado de maior diversificação e apelo em relação às localidades de turismo do tipo sol e mar. Assim, a Fundação Garcia d'Ávila apoiou durante os 3 primeiros anos de implantação do Projeto Tamar-IBAMA com a doação da área, construção de casas, tanques, centro de pesquisa, convênio com IBAMA e contratação inicial de alguns funcionários pesquisadores (Fundação Garcia d'Ávila, 2024).

4.6.2 O Projeto Baleia Jubarte e as Araras Azuis

O Projeto Baleia Jubarte surgiu em 1987, motivado para harmonizar a atividade humana com a preservação do patrimônio natural para o benefício dos cidadãos de hoje e das futuras gerações (Instituto Baleia Jubarte, 2024).

Figura 17 – Sede do Projeto Baleias Jubarte



Fonte: Instituto Baleia Jubarte (2024).

Figura 18 – Alunos visitando o Projeto Baleias Jubarte



Fonte: Instituto Baleia Jubarte (2024).

A instalação da base do Instituto Baleia Jubarte na Praia do Forte ocorreu em 2000 e contou com o apoio da Fundação Garcia D'Avila – FGD, que cedeu uma área na vila para construção de uma sede do Projeto Baleia Jubarte (FGD, 2024). Isso decorreu da necessidade de fazer a conservação da dança contínua de exemplares das jubartes neste local, resultante do processo de reocupação desta antiga área de ocorrência histórica da espécie.

Em paralelo, a Fundação Garcia D'Ávila também efetuou a doação de uma área próxima à reserva Sapiranga, para a construção de um quarentenário de araras azuis (FGD, 2024) e um criatório do CEMAVE-Ibama, para a reprodução dessa espécie. Todos estes projetos, de cunho preservacionista, não só reforçaram a imagem ecoturística do destino Praia do Forte, como também contribuíram para reduzir a sazonalidade, diversificando o elenco de atrações e, por consequência, garantindo por mais tempo a presença dos visitantes na localidade

4.6.3 O Castelo Garcia D'Ávila

O Castelo e os descendentes de Garcia D'Ávila estiveram ao lado do poder até 1835, período em que ocorreu a extinção do regime de morgado 25 que, Conforme Ribeiro (2025) o Regime de Morgado foi: “uma instituição jurídica e econômica que vigorou no Brasil Colônia entre os séculos XVI e XIX. Consistia na transmissão de terras e bens ao primogênito da família e que consolidou grandes propriedades, fortaleceu elites locais e dificultou a mobilidade social”.

A queda deste regime explica a redução da importância da família e o abandono desta edificação fortificada, aliado a outros fatores, tais como a ida da Corte para o Rio de Janeiro, a mudança da Capital e a decadência política e econômica da região. O IPHAN pretendia desapropriar o castelo, mas não conseguiu, sendo sua administração transferida para a FGD. Uma reforma foi efetuada com recursos públicos do Ministério da Cultura – MINC, da Petrobrás, da Eletrobrás, do BNDES e do Governo do Estado da Bahia. O projeto de reforma do castelo previu a criação de um museu e a montagem de um espetáculo de luz e som nas ruínas (Brito, 2018).

Figura 19 – Fotos externas e internas do Castelo Garcia D'Ávila



Fonte: Fundação Garcia D'Ávila (2024).

4.6.4 A Reserva Ecológica da Sapiroanga

Fazendo parte da Sesmaria de Garcia d'Ávila, a Reserva Sapiroanga sofreu com o desmatamento da mata nativa para a criação de gado e monocultura de coco, tendo ao longo do tempo virado uma fazenda.

Sesmaria foi um sistema de distribuição de terras que vigorou no Brasil durante o período colonial. A Lei das Sesmarias foi promulgada em Santarém em 1375, no contexto de uma crise econômica na Europa, agravada pela peste negra. A palavra sesmaria vem do termo "sesma", que significa "sexta parte". O sistema foi criado em Portugal no século XIV. No Brasil, o objetivo da implantação desse sistema era garantir a povoação da colônia e estimular a produção agrícola. As terras eram divididas conforme o número de habitantes e sorteadas. O donatário podia doar sesmarias aos cristãos que pudessem colonizá-las e defendê-las. O sistema foi abolido no Brasil em 1822 (Coleção Iterpa, 2024).

A reserva estava incluída na compra pelo alemão Klaus Peters, fundador e ex-presidente da Fundação Garcia d'Ávila (FGD), instituição à qual ele doou as terras e que, atualmente, é responsável pela manutenção, execução de ações de monitorização e educação ambiental, incentivo ao ecoturismo especializado e à pesquisa científica no seu interior e arredores.

A **Reserva Ecológica da Sapiroanga** fica localizada no município de Mata de São João, Bahia, a dois quilômetros de Praia do Forte e a 80 quilômetros de Salvador. Abriga 600 hectares de Mata Atlântica. O lugar é um santuário ecológico, lar de diversas espécies animais e vegetais, ainda sem uma catalogação definitiva acerca da ocorrência.

Figura 20 – Reserva Sapiranga



Fonte: Tripadvisor LLC (2024).

5 POLÍTICAS PÚBLICAS, GOVERNO DA BAHIA

Conforme tratado anteriormente, foi elaborado um Plano Urbanístico para Praia do Forte, tendo sido aprovado em 11/12/1979, na prefeitura de Mata de São João, o Loteamento Praia do Forte, fundamentado na Lei Municipal de 18/1977 (Brito, 2018, p.84). Este plano foi apresentado ao Governador da Bahia, na época, tendo sido constituído um acordo em que o empresário Klaus Peters construiria um hotel e benfeitorias no local e o Estado viabilizaria o acesso. Houve também apoio governamental sob forma de facilitação de crédito e impostos, como também o empreendimento foi facilitado pela ausência, à época, dos órgãos ambientais na área, o que possibilitou implementar sem restrições o projeto (Brito, 2018).

Algumas das proposições e ações do Plano Urbanístico de Praia do Forte são citadas por Brito (2018):

- Entrada na Prefeitura de Mata de São João em 10/12/1977.
- Aprovado, em 11/12/1979, o Loteamento Praia do Forte, Lei Municipal 18/1977.
- Regulamentada pelo Decreto Municipal nº 32/1979.
- Klaus Peters viajou com o arquiteto Wilson Reis Netto, que havia trabalhado com Oscar Niemayer no projeto de construção de Brasília para destinos turísticos internacionais, para buscar ideias que poderiam contribuir para o projeto.
- No final de 1982, foi inaugurada a Pousada Praia do Forte, pioneira com suas 15 cabanas, tendo sido a base de apoio para a implantação de hotéis na localidade.
- A pousada serviu de referência construtiva pelo fato de utilizar elementos tradicionais da região como a madeira para sustentar os beirais e o teto com cobertura de palha.
- Localizadas à beira-mar, as cabanas foram concebidas também com ambientes voltados para a piscina e para chalés individuais circundantes, discretamente camuflados pelos jardins e pelo grande coqueiral.
- Klaus Peters não adotou integralmente a prática de *all inclusive*, visando contribuir para o giro da economia dos serviços presentes na área, como restaurantes, bares, lojas diversas, projetos Tamar e Baleia Jubarte, Castelo Garcia D'Ávila e a Reserva Sapiranga (Com a implantação do Complexo Costa de Sauipe, na segunda metade de 2000, é que esta modalidade *all inclusive* ganha espaço no Litoral Norte).
- O acesso à chamada Comunidade Ecoturística de Praia do Forte era controlado por Klaus Peters, que, além de exigir condição econômica para adquirir os lotes, também requeria dos compradores a sintonia com os códigos ambientais.

- Além de preencher uma Ficha de Avaliação, a venda era aprovada pelo empresário. Em um episódio, contam que o comprador fez visita à vila, às praias, a Sapiranga, ao Castelo. Após o *tour* e depois de uma hora de conversa, o candidato solicitou o número da conta para efetuar o depósito. Klaus, porém, comunicou que não lhe venderia, alegando que ele não tinha “sensibilidade para estar na Praia do Forte, ficou de costas para a vista maravilhosa, não foi capaz de comentar e dizer ‘que vista linda!’ Então, não vou lhe vender.
- Entre as restrições no Plano Urbanístico constava que cada coqueiro derrubado deveria ser substituído por quatro coqueiros novos, e em nenhum caso seria permitida a construção com altura superior a 10 metros do solo, o equivalente ao tamanho médio de um coqueiro.
- Também era indicado o uso de telhas tipo colonial ou cobertura de palha, e paredes e colunas de alvenaria caiadas ou colunas de madeira.
- Também era vedado o uso de materiais de revestimentos de fachadas tais como cerâmica, mármore, azulejos, argamassa plástica, lambaris de madeira ou alumínio, fórmica ou similares.
- Problemas ocorreram, pois, entre as medidas para garantir o controle sobre a área, a restrição 18ª proibia a instalação de barracas e vendedores ambulantes.
- Com o objetivo de garantir a proibição, foi realizada a derrubada das barracas, ocorrida na noite de 30/04/1997, em episódio violento registrado nos jornais da época.
- A vila estava dentro da propriedade adquirida por Klaus Peters. Para protegê-la, a Prefeitura foi obrigada a fazer um Contrato de Comodato com os moradores, que assim podiam usar a propriedade, passar aos seus herdeiros e sucessores, porém não tinham o direito de vendê-la.
- Isso foi feito para que não ocorresse de o nativo vender por um valor baixo a sua propriedade ao primeiro turista que aparecesse; o turista poderia desalojar o nativo e descaracterizar a vila, que poderia se transformar numa vila urbana de quarta ou quinta categoria.

Observa-se que o Governo da Bahia, desde o início, compreendeu e apoiou o turismo, que estava nos seus primórdios, pois

[...] tanto o Banco Mundial quanto as Nações Unidas passaram a promover o turismo nos países em desenvolvimento, cabendo a esta última instituição, a declaração do ano de 1967 como o Ano Internacional do Turismo. (Crick, 1989, p.315).

A partir de então, o governo do Estado se esmerou em desenvolver a região através principalmente do projeto de melhoria do acesso e, então, nasceu a Estrada do Coco (1975), a Linha Verde (1993) e os projetos de desenvolvimento econômico nomeados Prodetur, que estimularam o desenvolvimento do turismo, além do Projeto de Sauípe. Em 2013, ocorre também a construção da ponte que liga a Bahia a Sergipe. A Ponte Gilberto Amado liga os municípios de Estância e Indiaroba e tem 1.712 metros de extensão. É a maior ponte fluvial do Nordeste, possibilitando um acesso mais rápido para a Bahia, principal polo de turismo da região (Presidenta Dilma e Governador Marcelo Deda., 2013).

Vale observar que o acesso a Salvador (um verdadeiro “*cul-de-sac*”), pelo Sul, é dificultado pelas distâncias envolvidas. A capital mais próxima, Vitória do Espírito Santo, dista mais de 1.100km e leva mais de 16 horas de carro. Enquanto isso, de Salvador a Aracaju são 320 km e 4 horas de carro. Para Maceió, são 580 km e, para Recife, 808 km, todas com menores distâncias que para Vitória.

Seguem resumos de importantes fontes da pesquisa realizada.

Os professores Sylvio Bandeira de Mello e Silva e Silvana Sá de Carvalho desenvolveram um profícuo trabalho de pesquisa (também com alguns outros autores) sobre a Região Metropolitana de Salvador, incluindo o Litoral Norte e Praia do Forte. Sem estes estudos que precederam nossas pesquisas, esta tese, nos moldes em que ela hoje se encontra, não teria sido possível, pois foram utilizados conceitos, referencial teórico, mapas e figuras desses trabalhos pioneiros, a seguir enunciados:

- Metropolização e turismo no litoral norte de Salvador: de um deserto a um território de enclaves? (Silva; Silva; Carvalho, 2008).
- Globalização, turismo e residências secundárias: o exemplo de Salvador-Bahia e de sua região de influência (Silva; Carvalho, Silva, 2009).
- Cartografia da acessibilidade a equipamentos urbanos no Litoral Norte de Salvador: um estudo com análise de proximidade. (Carvalho; Silva, 2010).
- Transporte, acessibilidade e interação no litoral norte da Bahia: uma contribuição à política territorial (Carvalho; Silva, 2010).
- O *marketing* territorial público e privado de Salvador e sua região de influência imediata (Silva; Carvalho, 2011).
- Vende-se uma região: o marketing territorial público e privado do litoral norte da Bahia. (Silva; Carvalho, 2011).

- Ocupação territorial e impactos ambientais em Mata de São João: efeitos da metropolização turística no litoral norte de Salvador. (Faria; Alva; Carvalho, 2012).
- Como anda Salvador e sua região metropolitana (Carvalho; Pereira, 2008).

Também uma referência importante utilizada em nossa pesquisa foi o capítulo 2 do livro *Praia do(s)forte(s): onde os fracos lutam para ter vez* (Brito, 2018), que abrange o desenvolvimento histórico e as transformações que ocorreram na região do Litoral Norte da Bahia, particularmente em Praia do Forte, ao longo dos séculos. O foco está em como a área evoluiu de uma fazenda tradicional e rural para se tornar um centro turístico de renome, com ênfase na preservação ambiental e no ecoturismo. Como se trata de fonte de pesquisa relevante para este trabalho, optamos em apresentar as principais informações do capítulo ressaltado.

5.1 INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

Veja-se que a colonização da área que hoje é conhecida como Litoral Norte da Bahia teve início em 1549, com a chegada de Tomé de Souza, o primeiro governador-geral do Brasil. Ele trouxe consigo um grupo de 320 homens de armas e 600 degredados para estabelecer e governar a cidade fortaleza à beira da Baía de Todos-os-Santos, que viria a se tornar a capital do Brasil colonial. Entre os membros de sua comitiva, estava Garcia D'Ávila, que foi nomeado feitor e almoxarife da Cidade do Salvador por Tomé de Souza e, logo após, começou a acumular propriedades, incluindo a Fazenda Praia do Forte. Por alguns séculos, sua família desempenharia um papel central no desenvolvimento econômico e social da região com atividades focadas na pecuária e na agricultura (Brito, 2018).

5.2 PAPEL DOS PROPRIETÁRIOS DE TERRA

A Fazenda Praia do Forte passou por várias gerações da família D'Ávila, até ser vendida, em 1920, para o coronel Otacílio Nunes de Souza. Este proprietário, que veio de Petrolina, manteve as atividades pecuárias e introduziu o cultivo de coco na região. Otacílio também trouxe trabalhadores de sua terra natal para trabalhar na fazenda e deu continuidade ao sistema de posseiros, fornecendo lotes de terra para que os trabalhadores construíssem suas casas e cultivassem suas plantações, em troca do pagamento de uma renda. Após sua morte, seus filhos, Paulo e Valdemar, assumiram a administração da fazenda.

5.3 A CHEGADA DE KLAUS PETERS E A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO

A grande transformação na região ocorreu em 1971, quando a Fazenda Praia do Forte foi vendida pelos herdeiros de Otacílio para um grupo de empresários paulistas liderados por Klaus Peters. Com formação em administração e contabilidade e experiência anterior no ramo de turismo, Peters tinha uma visão diferente para a área: ele pretendia desenvolver um projeto turístico sustentável que preservasse a natureza, ao mesmo tempo em que explorava o potencial econômico da região.

Peters adotou o lema "Usufruir sem destruir" para guiar seu empreendimento, que tinha como objetivo introduzir um novo tipo de turismo ecológico que valorizasse o meio ambiente. Para isso, ele implementou mudanças radicais na propriedade, transformando a Fazenda Praia do Forte em um centro de ecoturismo, com a criação de pousadas e *resorts*. Peters acreditava na importância de manter a beleza natural da área enquanto aproveitava seu potencial turístico. Sua declaração exemplifica bem o seu espírito:

Aos 20 anos, comprei a minha primeira propriedade em São Sebastião, que, na época, era uma pequena cidade colonial autêntica [...], todas as casas caiadinhos, as portas pintadas de azul, bonita mesmo. Eu então fui ao Patrimônio Histórico e disse que era preciso tombar a cidade, expliquei que um dia o turista iria lá só pela arquitetura colonial, como hoje vai a Parati, que não tem praia, não tem nada além da arquitetura. Não fui ouvido. Foram cometendo um crime atrás do outro e a coisa que culminou na construção de um terminal da Petrobrás no centro de São Sebastião. Concomitantemente, tivemos que fazer o óleo, um crime ecológico inacreditável. Entraram com aquelas máquinas pela costa afora. Quando comecei a estrada que vai de São Sebastião a Bertioga, fui à Secretaria de Obras Públicas, ao Departamento de Estradas de Rodagem e disse que não deviam abrir a estrada sem uma lei de regras de uso do solo e de desapropriação de áreas públicas, para que a estrada não passe no meio de vilarejos. Não adiantou. Com a abertura da Litorânea, enveredaram pela Mata Atlântica adentro, derrubando sem critério. São crimes cometidos por pessoas de formação universitária, e é isso que é terrível no Brasil. (Peters, *apud* Milan, 1996, p.3).

Figura 21 – Klaus Peters



Fonte: Bruni (2022). [Cf. Referências]

5.4 DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO E SUSTENTABILIDADE

O empreendimento de Klaus Peters resultou na criação do Praia do Forte Eco Resort, que foi inaugurado em 1982. Esse *resort* foi pioneiro no conceito de turismo sustentável no Brasil, utilizando materiais locais para a construção e respeitando o meio ambiente. Além disso, o projeto contou com o envolvimento de entidades ambientalistas, como a Fundação Pro-Natureza (FUNATURA), que ajudou a elaborar o plano de manejo da fazenda.

Peters também se envolveu em projetos de preservação ambiental, como o Projeto Tamar e o Projeto Baleia Jubarte. Essas iniciativas não apenas ajudaram a preservar o meio ambiente, mas também atraíram turistas interessados em ecoturismo. Embora o Praia do Forte Eco Resort oferecesse muitos serviços dentro de suas instalações, não adotava o modelo *all-inclusive* (tudo incluído), o que permitia que os turistas também frequentassem os restaurantes e lojas da comunidade local. Isso ajudou a movimentar a economia da região de forma mais inclusiva.

5.5 IMPACTOS ECONÔMICOS E SOCIAIS

A transformação da Fazenda Praia do Forte em um destino turístico teve um impacto significativo na economia local. A área, que antes dependia exclusivamente da agricultura e

pecuária, passou a contar com o turismo como principal fonte de renda. Esse processo gerou empregos e atraiu investimentos, mudando a paisagem econômica da região.

No entanto, o desenvolvimento turístico também trouxe desafios. A chegada de turistas e a especulação imobiliária resultaram na valorização das terras e no deslocamento de moradores locais para áreas periféricas. Além disso, o modelo turístico adotado por Peters, que visava atrair turistas de maior poder aquisitivo, gerou críticas em relação à exclusão de visitantes de baixa renda e ao distanciamento entre turistas e a comunidade local.

5.6 RESORTS E O ECOCAPITALISMO

Segundo Brito (2015), o modelo de turismo implementado por Peters busca aliar o crescimento econômico à preservação ambiental, transformando a natureza em um ativo valioso, promovendo a criação de unidades de conservação e adotando práticas de ecoturismo como forma de valorizar seu empreendimento e, ao mesmo tempo, proteger o meio ambiente.

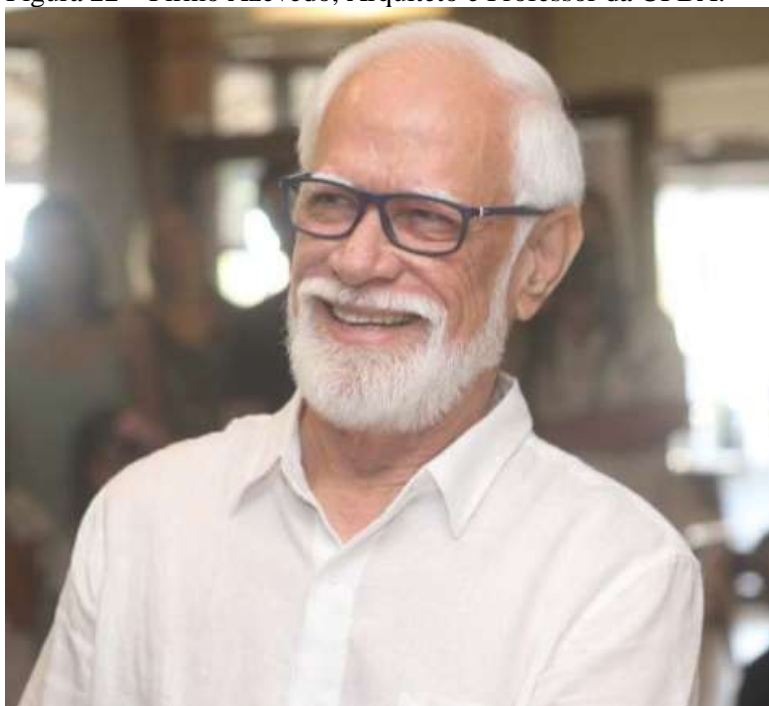
O sucesso do Praia do Forte EcoResort atraiu o interesse de grandes grupos hoteleiros internacionais. Em 2006, o *resort* foi vendido ao grupo português Espírito Santo, passando a fazer parte da rede Tivoli. A partir daí, o empreendimento foi ampliado e modernizado, oferecendo novos serviços como SPA e programas de bem-estar.

6 ENTREVISTAS

Visando validar as informações sobre Praia do Forte, foram realizadas entrevistas com atores que tiveram grande vivência na localidade e, portanto, muito a relatar e contribuir com esta pesquisa. A escolha dessas pessoas foi feita baseada na sua vivência sobre a localidade, na interação com Klaus Peter por este se tratar de sujeito de grande relevância na elucidação dos fatos históricos da pesquisa e no acesso que a pesquisadora teve ao entrevistado / respondente. Dessa forma, serão apresentadas três entrevistas, a saber:

- **Entrevista Professor Firmo Azevêdo:** arquiteto e professor aposentado da Faculdade de Arquitetura da UFBA, projetou e construiu mais de 30 casas e pousadas em Praia do Forte. Tem 79 anos de idade e até hoje continua trabalhando na região, onde possui e administra a Pousada Sobrado da Vila. Conviveu com Klaus Peters, tendo participado *in loco* do desenvolvimento da região. Sua história de vida se entrelaça com a história de Praia do Forte pois é empresário da atividade turística e grande atuante para o desenvolvimento da localidade, tendo sido inclusive um dos fundadores e presidente por muitos anos da Turisforte – Associação Comercial e Turística de Praia do Forte. A entrevista completa do Firmo Azevêdo consta no Apêndice A desta tese.

Figura 22 – Firmo Azevêdo, Arquiteto e Professor da UFBA.



Fonte: Rede social do entrevistado

- **Entrevista com Klaus Peters filho (Cacau):** Trata-se de um dos filhos do Klaus Peters que mais atende pelo apelido de Cacau. O material utilizado foi uma entrevista não realizada diretamente com ele, mas conseguida do *youtube* de grande valor justamente pelo seu grau de parentesco e vivência sobre a realidade pesquisada. Ele estudou arquitetura e foi concluir o curso em Nova York, a convite do arquiteto que veio elaborar o Plano Diretor de Praia do Forte. Em seguida, participou ativamente no desenvolvimento das ações para a concretização deste plano. Chegou a montar uma padaria com pães franceses na vila, tinha barco pesqueiro para suprir o hotel com frutos do mar, projetou e construiu diversas casas de compradores estrangeiros e chegou a projetar um restaurante de alta gastronomia. Um resumo da entrevista realizado pela autora consta no Apêndice B da tese.
- **Entrevista com o casal Norbert (Nobbi) Leitsch e Débora Leitsh:** Nobbi, um alemão que chegou em 1985 para trabalhar no primeiro hotel da região, o Robinson Clube (atual Tivoli), relatou sua experiência no desenvolvimento inicial do turismo local. Débora, natural de Salvador, acompanhou o projeto desde 1980, tendo convívio com a família Peters, especialmente Klaus Peters, o responsável pelo Plano Diretor de 1977, e seu círculo próximo. O casal trabalha há 40 anos com turismo receptivo, organizando roteiros pelo Brasil. A entrevista completa do casal Leitsh consta no Apêndice C desta tese.

6.1 ENTREVISTA COM FIRMO AZEVÊDO.

A conversa girou em torno do desenvolvimento do turismo na região de Praia do Forte e como isso influenciou a metropolização da área ao longo das últimas décadas. As principais ideias do entrevistado são apresentadas nos tópicos a seguir.

6.1.1 Histórico e importância do Klaus Peters para a região

Houve uma contribuição inicial da construtora e incorporadora Goes Coabita, que comprou terras em Guarajuba e Itacimirim, construindo uma pousada que ajudou no desenvolvimento regional. O empresário Klaus Peters foi uma figura central no crescimento de Praia do Forte. Ele adquiriu uma extensa faixa de terra com 12 km de praia, desde o Rio Pojuca até Imbassaí. Inicialmente, Klaus construiu uma pousada, seguida pela construção do Hotel Tivoli, com a ajuda do arquiteto Wilson Reis Neto, que trabalhou em projetos com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer (Azevedo, 2024).

6.1.2 Planejamento e preservação

Um dos pontos destacados é que o plano piloto para Praia do Forte, contratado por Klaus Peters, incluía restrições ao uso de materiais modernos como mármore, granito, acrílico, preservando a autenticidade e a cultura local. O turismo em Praia do Forte foi focado em mercados internacionais, como Europa, e em São Paulo e Rio de Janeiro, com quase nenhuma promoção em Salvador. A venda de terrenos era restrita e realizada em dólar, valorizando a região, e os compradores eram incentivados a contribuir com a Fundação Garcia D'Ávila, responsável pela manutenção do Castelo Garcia D'Ávila (Azevedo, 2024).

Outro ponto a destacar é que, apesar de haver populações mais pobres na área, Praia do Forte não possui favelas, mantendo um certo nível de integridade social. Isso contrasta com outros destinos turísticos no Brasil, como Búzios, Parati e outros destinos turísticos que possuem áreas de favelização. Azevedo acredita que esse fato seja resultante da ação consciente de Peters. Segundo o entrevistado, ele ofereceu terrenos do outro lado da pista para as pessoas que optaram em vender suas residências na primeira reforma da vila para que esta população não fosse afastada da sua localidade de origem, o que muitas vezes acontece quando ocorre um desenvolvimento urbano seja motivado pela atividade turística ou por qualquer outra que promova transformação no espaço.

Azevedo (2024) relata também que, neste projeto que foi elaborado por ele enquanto arquiteto, Peters solicitou que fosse elaborado com um afastamento de alguns metros da estrada pois queria que a paisagem permanecesse com o seu aspecto original, demonstrando o cuidado que sempre teve com as questões ambientais na gestão do ordenamento territorial da vila de Praia do Forte.

Quanto ao aspecto da violência, Klaus também mantinha contatos com secretários de segurança do Estado para solicitar apoio no sentido de controlar o acesso de pessoas indesejadas, como traficantes por exemplo, para preservar a localidade de problemas vinculados à falta de segurança. Com este tipo de cuidado, especialmente nas décadas passadas, não era comum a violência na cidade. Todo este zelo contribuía para manter Praia do Forte com a característica de destino sofisticado e que perdura até hoje tanto a baixa violência quanto o público elitizado da região.

6.1.3 Venda e crescimento

Klaus Peter se dedicou ativamente à comunidade da vila, atuou bastante para que as regras impostas pelo plano diretor fossem respeitadas, e às vezes era difícil de algumas pessoas compreenderem as suas propostas. Com esta sua insistência, conseguiu conscientizar muitas pessoas e diversos pequenos empresários da comunidade sobre a importância das suas ações. No entanto compreende-se que nem todas as pessoas se sentiram beneficiadas pelas mudanças que ocorreram com as ações desenvolvidas após a chegada desse investidor na região.

Depois de muitos anos dedicado ao projeto, segundo relato de Azevedo (2024), o empresário teve um segundo casamento, com uma pessoa que tinha ideias muito diferentes das suas no que se refere a esse modelo de preservação da vila e ao entusiasmo que apresentava sobre Praia do Forte. O tempo foi passando e Peters foi se afastando dos seus antigos amigos, deixando de circular pela vila até que, depois de Praia do Forte já ser considerado um destino consolidado, Peters vendeu sua propriedade para João Gualberto e mudou-se para o Panamá. João Gualberto, sobrinho de Mamede Paes Mendonça, expandiu o desenvolvimento da área e foi um nome importante na modernização da infraestrutura local. Apesar de ter sido esta pessoa importante é um personagem que inspira controvérsias de opiniões sobre os seus feitos para a localidade, especialmente no que se refere ao cuidado com a questão ambiental.

Firmo destaca o papel da Associação Comercial de Praia do Forte – Turisforte que foi fundada por ele e continua tendo um papel ativo até os dias atuais. A organização, que conta hoje com cerca de 150 associados, abrange toda a cadeia produtiva da vila (incluindo comerciantes e residentes) e leva regularmente reivindicações de todos os tipos à Prefeitura de Mata de São João para o desenvolvimento da localidade e bem estar dos turistas, residentes e trabalhadores de Praia do Forte. A Turisforte é considerada na região como uma “segunda prefeitura” e já foi responsável por uma série de melhorias na Vila de PF. (Azevedo, 2024).

6.1.4 Desafios e expansão

A Covid-19 e a "agressividade" de João Gualberto trouxeram velocidade às construções na região, resultando na criação de grandes condomínios com centenas de lotes. Além disso, o crescimento de localidades próximas, como Imbassaí e Guarajuba, também foi influenciado pelo sucesso de Praia do Forte. Um parque temático aquático está sendo instalado, e a construção de uma ponte entre Bahia e Sergipe facilitou ainda mais o acesso à região (Azevedo, 2024).

Firmo Azevedo tem ideia de um projeto para completar o desenvolvimento da região, que pode ser uma solução para melhorar a qualidade de vida e reduzir a pressão sobre Salvador, que seria a criação de uma cidade planejada entre Guarajuba e Sauípe, a cerca de 5 km do litoral, na direção perpendicular a Praia do Forte. Essa cidade, com infraestrutura urbana completa (escolas, hospitais, transportes, serviços financeiros etc.), poderia atrair os proprietários das cerca de 40.000 segundas residências na região para viverem ali permanentemente (Azevedo, 2024). Uma inferência é que, caso se tenha quatro pessoas por cada segunda residência e se um terço delas resolvesse morar lá, isso traria um impacto de cerca de 50.000 pessoas que deixariam Salvador, reduzindo assim o uso da infraestrutura da capital do Estado.

6.1.5 Educação e turismo

O entrevistado também destacou o papel da educação no desenvolvimento do turismo. Firmo Azevedo mencionou um projeto que realizou para a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia – CONDER do governo da Bahia, em Imbassaí, para a criação de uma escola profissionalizante voltada para o turismo. A escola incluiria locais para treinar garçons, camareiras e outros profissionais do setor, mas nunca foi construída. Até hoje, existem projetos e demandas da população e prefeituras. Ele também cita o Instituto da Hospitalidade, criado pela Odebrecht, que teve um papel importante na promoção do turismo na região.

Em pesquisa realizada no *site* da prefeitura, observou-se que hoje a Prefeitura de Mata de São João oferece alguns projetos de educação vinculados à Secretaria de Educação como o Mais Leitura, o Clube da Leitura, a Feira de Ciências, os Jogos Intercolegiais, o Judô nas escolas e o Concurso de Talentos, além de outros da área de saúde. Vale ressaltar que não foram identificados cursos na área de turismo nem de capacitação profissional em atendimento, serviços e temas afins. Sabe-se que essas ações às vezes são oferecidas pela Turisforte ou por entidades como SEBRAE ou Organizações Não Governamentais. No entanto não se retira a responsabilidade da prefeitura em promover este tipo de capacitação para o desenvolvimento do seu cidadão uma vez que a maior parte da renda da cidade advém dos serviços.

6.1.6 Cenário atual e perspectivas futuras

Firmo acredita que Praia do Forte é um destino turístico de sucesso hoje porque é um local selecionado, com uma infraestrutura bem desenvolvida e segurança para os turistas. Ele menciona que o crescimento do Airbnb é um desafio, já que muitos turistas alugam casas e

causam perturbações, como barulho excessivo. Ele cita Barcelona como exemplo de uma cidade que está tentando regular o Airbnb, para evitar esses problemas (Azevedo, 2024).

O entrevistado conclui dizendo que Praia do Forte oferece uma alta qualidade de vida, com segurança e infraestrutura adequada, e que continua atraindo turistas e novos moradores. Contudo o entrevistado acredita que é necessário um planejamento urbano mais robusto para acomodar o crescimento da região de forma sustentável e ressalta a importância de o poder público olhar para o outro lado da estrada, a localidade de Açú da Torre, onde estão as residências mais simples (Azevedo, 2024).

6.2 ENTREVISTA COM O FILHO DE KLAUS PETERS (CACAU)

A entrevista explora sua experiência no setor turístico, a criação e o desenvolvimento da Praia do Forte, o pioneirismo de sua família no setor de marinas, e o impacto do turismo planejado no Brasil. Sua fala é importante pois como arquiteto participou assiduamente das realizações dos projetos em Praia do Forte e ainda, como já citado, acompanhou durante viagens ao exterior o arquiteto que contribuiu na elaboração do Plano Diretor da Vila de Praia do Forte.

Figura 23 – Klaus (Cacau) Peters, filho de Klaus Peters



Fonte: *YouTube* (2023).

Klaus Peters Filho discutiu a história de sua família e seu papel crucial no desenvolvimento da Praia do Forte, uma área inicialmente agrícola, transformada em um destino turístico de renome internacional. O ponto de partida da história foi a aquisição da fazenda Praia do Forte por Klaus Peters, o pai, nos anos 60.

Sem planos claros do que fazer com a propriedade, Klaus foi gradualmente percebendo o potencial da região para o turismo. A ideia de desenvolver a localidade como um destino turístico começou a ganhar forma na década de 70, quando um arquiteto americano, de uma das melhores empresas do mundo sediada em Nova York, foi contratado para avaliar o potencial turístico da propriedade. Segundo seu relato, naquela época, muitos duvidavam que o turismo na região fosse viável, especialmente devido à falta de infraestrutura adequada e sua localização remota. Entretanto a visão do arquiteto e o incentivo de figuras políticas, como o então governador da Bahia, foram decisivos para o desenvolvimento da região.

A família Peters, com a colaboração de arquitetos e urbanistas experientes, projetou um plano diretor que visou preservar a cultura local e integrar a população de pescadores que vivia na área, tendo sido um dos grandes sucessos do projeto a manutenção da vila original e garantir que os moradores locais se beneficiassem do desenvolvimento, sem serem deslocados.

6.2.1 A importância do turismo planejado

Klaus Filho refletiu sobre a importância do turismo planejado, ressaltando que o sucesso da Praia do Forte foi resultado de uma visão de longo prazo e de um planejamento cuidadoso. Ele acredita que um dos maiores erros que podem ser cometidos em projetos turísticos é a falta de planejamento, o que pode resultar em superlotação e degradação do meio ambiente.

A visão da família Peters não era apenas desenvolver a área como um destino de luxo, mas criar um ambiente sustentável onde o turismo pudesse coexistir com a cultura local e o meio ambiente. Klaus Filho ressaltou que muitos dos princípios aplicados no desenvolvimento da Praia do Forte ainda são relevantes hoje e podem servir como modelo para outras regiões turísticas do Brasil.

Klaus Filho destacou os desafios enfrentados no processo de desenvolvimento em chegar numa localidade ainda tão isolada e carente de elementos necessários para receber turistas e citou grandes desafios enfrentados sendo a falta de infraestrutura, especialmente a falta de estradas e de um aeroporto adequado, como um dos maiores obstáculos. Para superar este aspecto, a família Peters se comprometeu a investir em melhorias na região, em parceria com o governo do estado.

Outro aspecto importante foi o compromisso com a preservação ambiental. O projeto da Praia do Forte incluiu a criação de áreas de preservação, garantindo que o desenvolvimento não prejudicasse o ecossistema local. Klaus Filho também mencionou a introdução de leis locais para proteger elementos naturais, como os coqueirais o que foi levando a rigor pelo seu pai que tinha grande comprometimento com a preservação ambiental e trato cuidadoso com a vila.

No aspecto social, o foco era manter os pescadores e suas famílias na vila, garantindo que eles não fossem forçados a vender suas terras. Para isso, a família Peters estabeleceu acordos com a prefeitura, assegurando que os moradores locais tivessem direitos sobre suas propriedades e pudessem continuar a viver na região, mesmo com o aumento do turismo.

6.2.2 A importância da família Klaus Peters para Praia do Forte

Não se pode deixar de ressaltar a importância da família Klaus Peter que adquiriu a propriedade de Praia do Forte no final da década de 60, no sentido de que tiveram uma boa visão e conseguiram concretizá-la dentro do possível. Dessa forma, torna-se relevante ressaltar algumas outras questões que foram destaque para o desenvolvimento da cidade de Mata de São João enquanto destino turístico.

Um fator que contribuiu para o sucesso do empreendimento foi a disponibilidade financeira da família. Klaus Peters era dono de empresas em São Paulo, inclusive a PETERCO (nome derivado de *Peters Company*), que fabricava componentes para iluminação de ruas, estradas, parques, etc. Ele tinha uma filial em Feira de Santana. Nas visitas à fábrica e às cercanias acabou por conhecer PF. Foi-lhe oferecida uma área de 6.521,73 ha envolvendo as fazendas Covão, Engenho Camarogipe e Passagem Grande. Praia do Forte englobava 2.356,68 ha, adquiridos por Peters em 1968 (Brito, 2018).

O valor da compra foi de 1.500.000,00 cruzeiros em 1971, o que na época equivalia a cerca de 284.000 dólares. Utilizando uma calculadora, chegamos à conclusão de que esse valor hoje seria 2.170.000,00 dólares. A área adquirida tinha 12 km de extensão de praia e cerca de 35 km de margem do rio Pojuca. Em 1972, ele vende a participação que tinha nas indústrias em São Paulo e, a partir de 1980, torna-se o único dono da área, após a aquisição das partes dos dois sócios.

Importante considerar as suas características pessoais e história de vida. Começou a trabalhar aos 14 anos de idade e sempre foi proativo e trabalhador. Tendo fluência em línguas estrangeiras - inglês, alemão e espanhol – facilitou o seu trabalho no ramo empresarial. O fato de descender diretamente de um alemão (o pai, Martin Peters, chegou a São Paulo em agosto

de 1920) lhe possibilitou um bom trânsito na Alemanha e, conseqüentemente, na Europa, o que lhe valeria a divulgação do empreendimento Praia do Forte (Bruni, 2022).

No que se refere ao seu profissionalismo enquanto empresário, vale ressaltar que ele já havia tido experiência anterior na atividade turística quando construiu um hotel em São Sebastião/SP, mas, logo depois que o hotel iniciou suas atividades, a Petrobrás decidiu que São Sebastião seria um bom local para um terminal marítimo, modificando totalmente a paisagem local. A Petrobrás construiu tanques de armazenamento e outros equipamentos e instalações transformando completamente a área. Detendo esta experiência anterior de fracasso, Klaus Peters efetua o seguinte relato sobre a sua reconversão à atividade turística, a partir da visita, em 1970 e posterior aquisição da propriedade junto à família Padilha de Souza:

Eu estava fazendo um empreendimento industrial em Feira de Santana [Peterco do Nordeste] e me ofereceram uma fazenda com 12 quilômetros de praia e 35 quilômetros de rio. Vendo, eu me apaixonei pelo lugar. Quando comprei a fazenda, queria que a beleza fosse preservada e nós iniciamos um projeto de apropriação turística com o lema “Usufruir sem destruir”. (*Apud* Milan, 1996, p.2).

É natural que Klaus Peters tenha-se encantado com Praia do Forte, uma fazenda de coqueiros com uma bela praia, uma pequena vila povoada com boas pessoas conforme depoimento do seu filho. Segundo seu filho, o local “deve ter remetido à mente do empresário pela experiência fracassada que tivera”. Pode-se considerar que a ideia básica, referente a Praia do Forte, foi manter a agradabilidade do lugar. Foram observadas, então, algumas estratégias que foram criadas, ou que foram surgindo, que beneficiaram a localidade e que tornaram o destino que se configura hoje como um destino turístico consolidado.

Outro ponto importante foi que um amigo, por nome Villares, um dos maiores empresários brasileiros à época, dono das Indústrias Villares, fez um empreendimento em São Pedro, próximo de Guarujá no litoral de São Paulo, e tinha contratado um dos melhores escritórios de arquitetura de Nova York, o *Perkins&Will*, e o recomendou. Klaus então contrata o arquiteto Brad Perkins, filho do fundador do escritório, para elaborar o Plano Diretor de Praia do Forte, acompanhado do arquiteto brasileiro Wilson Reis Netto, que tinha tido experiências junto a Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Klaus Peters e Wilson Netto chegaram a viajar para alguns destinos turísticos internacionais para absorverem as melhorias a serem aplicadas no projeto de Praia do Forte. (Entrevista no YouTube com o filho do Klaus Peters). Vemos que o projeto foi cercado de profissionalismo, criado por experientes arquitetos do Brasil e do exterior. Nada adiantaria um

belo plano diretor sem a sua aplicação. A execução é uma parte do plano, a mais difícil de ser aplicada, mesmo nos dias de hoje, quanto mais em décadas passadas. Klaus Peters se dedicou com preciosismo e durante muitos anos ao cumprimento do plano, bem como a outras ações para o benefício da região, conforme segue:

- Foi elaborado um plano de ocupação do solo e aprovado na Prefeitura de Mata de São João.
- Foram doadas as casas da vila aos moradores originais em comodato, sendo que eles poderiam passar para filhos, mas não poderiam vender.
- As ruas da vila foram mantidas sem calçamento.
- Não era permitida a utilização de materiais de construção modernos como mármore, granito, acrílico etc.
- As caixas de água não podiam aparecer.
- Idem para antenas de televisão.
- Contatos com secretários de Segurança eram frequentes, visando evitar pessoas indesejáveis como traficantes e outros na região.
- Também manteria seguranças privados para reforço das medidas do plano.
- Foi contratada a terceira maior empresa da Alemanha para gerenciar o hotel.
- Foi contratada a maior empresa da Europa para fazer o *marketing* turístico, o qual era feito para a Europa, São Paulo e Rio de Janeiro.
- Foi conseguido um voo *charter* da Varig entre Frankfurt (maior aeroporto da Europa) e Salvador.
- Aos estrangeiros que vinham, era oferecida a compra de terrenos, vendidos em dólar, com a promessa de o comprador ter uma casa construída. Era-lhes prometido que, dali a um ano, eles encontrariam: “uma casa com alguém para fazer as moquecas, um vaso de flores e uma rede” (“Cacau”, filho de KP, entrevista *YouTube*).
- Foram realizados eventos esportivos como, por exemplo, um campeonato mundial de *windsurf*.
- Foram trazidos fotógrafos famosos como, por exemplo, o espanhol J. R. Duran, entre outros.

6.3 ENTREVISTA COM O CASAL NOBERT E DÉBORA LEITSCH

O casal lamenta o crescimento desordenado de Praia do Forte, que desvirtuou algumas das ideias de preservação ambiental previstas inicialmente. Áreas de proteção permanente foram ocupadas por condomínios, e construções que deveriam ocupar apenas 30% do terreno expandiram-se além do limite. Também foram realizadas algumas mudanças como a pavimentação da vila, que não ficou ruim, mas era desnecessária.

A entrevista abordou a influência de Klaus Peters, que desejava preservar a vila o máximo possível, bem como uma mata atlântica original, em uma fazenda que possuía depois da estrada, mas cuja visão foi alterada após a venda para os novos proprietários, pois está sendo transformada em lotes de 5.000 metros quadrados para serem vendidos. Hoje, a Reserva Sapiranga e outros espaços estão sendo também transformados. O casal ressalta que, apesar disso, Praia do Forte ainda é vista como um destino turístico de destaque, com vegetação exuberante e oportunidades econômicas para os moradores.

O casal entrevistado revelou o possível conhecimento do *Master Plan* original de 1977, que pode estar nas mãos de uma sobrinha do arquiteto Wilson Reis. Soube que ela está organizando um museu sobre o arquiteto. Citou também o livro *O Castelo de Wilhelm Hermann*, de Achel Tinoco (2019), como uma referência para a história da família Peters. O casal mantém um chalé em Santo Antônio, Bahia, e trabalha com Turismo Receptivo, realizando roteiros turísticos em todo o Brasil, para operadoras internacionais.

A entrevista confirma os achados desta tese, de que o projeto urbanístico inicial de Praia do Forte e a sua execução foram um dos principais fatores para a localidade se tornar o que é hoje, algo bastante singular no País.

7 METROPOLIZAÇÃO TURÍSTICA EM PRAIA DO FORTE

A história de Praia do Forte, Bahia, remonta ao seu surgimento como uma pequena vila de pescadores. Quando adolescente, a autora teve a oportunidade de ouvir a interessante frase de um arquiteto que projetou casas em Praia do Forte: **“Klaus Peters conseguiu transformar uma pequena vila de pescadores, uma prainha e ruínas de um castelo em um destino turístico de sucesso”**.

Inicialmente habitada por comunidades tradicionais, a região gradualmente se tornou um destino turístico popular. O desenvolvimento do turismo em Praia do Forte foi impulsionado pela oferta de atividades relacionadas à natureza e ao ecoturismo, como mergulho, observação de tartarugas marinhas e trilhas em áreas preservadas (Alves; Bento; Ribeiro, 2019).

7.1 PROCESSO DE METROPOLIZAÇÃO

Conforme estudos realizados por Villaça (1978, *apud* Lemos, 1999) e Silva, Silva e Carvalho (2008, 2010), a metropolização é um fenômeno urbano em que cidades menores e povoados próximos vão se agregando a um grande centro urbano. Hoje, a metrópole se caracteriza como uma grande cidade de serviços e atividades de comando, servindo como uma unidade central de influência de um grande território. Os estudos sobre metropolização buscam explicar como conjuntos de cidades próximas se tornaram centros urbanos complexos conectados por uma metrópole (cidade-mãe), especialmente em decorrência dos processos de globalização.

Salvador, por exemplo, a partir da década de 70 passou a exercer influência sobre o Litoral Norte, impulsionada pela expansão industrial e pela crescente infraestrutura de transporte. Esse processo resultou na formação de uma cidade linear, onde o litoral passou a ser um vetor de crescimento urbano. A Estrada do Coco e, posteriormente, a Linha Verde facilitaram a expansão de Salvador em direção ao litoral, especialmente em municípios como Lauro de Freitas e Camaçari. As áreas que antes eram pouco exploradas passaram a ser vistas como zonas atrativas para empreendimentos turísticos e imobiliários, o que levou à criação de grandes *resorts* e condomínios, transformando a paisagem local.

O turismo no Litoral Norte foi marcado pela implantação de grandes complexos hoteleiros, como o Costa do Sauípe (2000), Vila Galé (2004), Iberostar (2006) e Grand Palladium (2010). Esses empreendimentos atraíram um público de alto poder aquisitivo, incluindo estrangeiros e compradores de outras regiões do Brasil. O conceito de “condo-resorts”

foi introduzido, combinando *resorts* com condomínios de luxo, onde os residentes podiam usufruir das instalações hoteleiras.

Sobre esse aspecto, vale ressaltar que todo o projeto de Praia do Forte é voltado para a população de alto poder aquisitivo. As pessoas que podem usufruir dessas instalações hoteleiras são apenas as que podem pagar por diárias de *resorts* ou de festas fechadas em dias especiais. A Vila de Praia do Forte também foi absorvendo cada vez mais um público seletivo diante do valor dos seus restaurantes, bares e diárias de pousadas e produtos e serviços em geral oferecidos na localidade.

A maior parte das redes hoteleiras que foram instaladas no Litoral Norte de Salvador pertence a empresas internacionais. Geralmente, essas empresas globais têm um papel fundamental na criação de novas territorialidades. Esse processo é caracterizado por grandes tensões e conflitos entre interesses dos atores hegemônicos externos e locais e as populações tradicionais por novas e complexas relações de poder entre agentes públicos e privados, a sociedade e o território (Pereira; Dantas; Gomes, 2016).

A estrutura produtiva regional, baseada na agricultura, pecuária e no extrativismo, vem sendo rapidamente substituída pelas atividades imobiliárias e de serviços. Essas atividades econômicas têm propiciado uma urbanização predatória, estimulando a especulação imobiliária e o crescimento urbano desordenado, além do comprometimento da qualidade ambiental das localidades que se situam na faixa costeira do Litoral Norte da Bahia.

Apesar do crescimento econômico, o processo de metropolização e expansão turística trouxe desafios. Houve impactos ambientais negativos, como a degradação de ecossistemas, desmatamento e turismo predatório, além de problemas sociais, como a falta de planejamento urbano integrado e a desigualdade no acesso a serviços básicos. Pequenos vilarejos, que convivem lado a lado com grandes empreendimentos turísticos, enfrentam crescimento informal e falta de infraestrutura adequada.

A expansão urbana para o norte de Salvador, seguindo o eixo do Litoral Norte, parece ser um fenômeno que vai continuar ocorrendo nas décadas vindouras. Como hoje já existe, inclusive, um metrô que liga o centro de Salvador ao aeroporto e, em breve, ligará Salvador a Lauro de Freitas e às cidades circunvizinhas, a tendência é que a urbanização do litoral continue. Esse fato propõe desafios para o planejamento urbano, a fim de equilibrar o desenvolvimento turístico com a preservação ambiental e a melhoria da qualidade de vida dos moradores locais.

A relação entre o desenvolvimento do turismo e a metropolização do Litoral Norte de Salvador é o tema relevante a ser explorado. O crescimento da atividade turística tem influenciado, significativamente, o processo de urbanização da região, levando ao surgimento

de novos empreendimentos imobiliários e à transformação da paisagem urbana. A expansão do setor hoteleiro e dos serviços voltados para o turismo tem contribuído para o aumento da população local e para a concentração de atividades econômicas nas áreas centrais das localidades (Santana; Silva; Guidice 2020). Como já referido anteriormente, o modelo implementado pelo Klaus Peters de um plano urbanístico de médio/longo prazo impactou positivamente a localidade de Praia do Forte, comparativamente com outras localidades que não tiveram o mesmo cuidado de planejamento e execução de um plano diretor.

O crescimento do turismo em Praia do Forte ao longo dos anos pode ser atribuído a diversos fatores. Um dos principais impulsionadores desse desenvolvimento foi o investimento em infraestrutura turística, como a construção de hotéis e pousadas, além da melhoria das vias de acesso à região. Além disso, a divulgação do destino por meio de campanhas publicitárias e participação em feiras e eventos turísticos contribuiu para atrair um maior número de visitantes. Outro fator importante foi a atração de grandes empreendimentos, como *resorts* e parques temáticos, que trouxeram visibilidade e aumentaram as opções de lazer na região.

Pode-se definir *resorts* como hotéis voltados essencialmente para o lazer, geralmente distantes de áreas urbanas onde se vislumbram cenários com algum atrativo natural. A localização geográfica desses empreendimentos é diversificada, podendo-se encontrá-los em ambientes litorâneos, em locais onde há predomínio do clima tropical ou mediterrâneo, com destaque para as ilhas do Caribe onde o fenômeno é mais recente e países como Tailândia e Indonésia. Para o MTUR *resorts* são hotéis com infraestrutura de lazer e entretenimento que dispõem de serviços de estética, atividades físicas, recreação e convívio com a natureza no próprio empreendimento (Rodrigues; Dantas, 2017).

Esses empreendimentos são classificados como autocontidos, mantendo o visitante maior tempo possível nas dependências do *resort*, proporcionando uma diversidade de atividades de lazer e serviços para os usuários. O turista tem todo o dia preenchido com programação estabelecida, fazendo com que não haja necessidade de deslocamento para outros ambientes, nem mesmo para conhecer o espaço geográfico onde estão alocados os *resorts*. O autor ressalta que eles se apresentam como um dos meios de hospedagem inteiramente dominado pelo capital internacional das grandes cadeias hoteleiras, direcionando-se assim para atender não apenas o público nacional, mas internacional (Rodrigues; Dantas, 2017).

Os autores acima citados ressaltam que, apesar dos avanços econômicos trazidos pelo turismo e pela expansão metropolitana, ainda há carências em serviços essenciais, como saúde, educação e segurança. A dependência de Salvador para abastecimento e mão de obra qualificada também é um fator crítico. Para enfrentar os desafios, os autores defendem a

necessidade de um planejamento socioambiental mais integrado, que considere os impactos do turismo e da urbanização acelerada na região.

A metropolização em Praia do Forte trouxe consigo uma série de impactos significativos para a cidade. O crescimento populacional acelerado resultou na expansão urbana desordenada, com a construção de novos empreendimentos imobiliários para atender às demandas dos turistas. A paisagem local foi transformada para se adequar aos requisitos do setor turístico, com a criação de infraestruturas voltadas para o lazer e o entretenimento (Pereira; Dantas; Gomes, 2016).

Ao longo das últimas décadas, a zona costeira do Brasil foi redefinida, apresentando, assim, novas formas e novos usos. Torna-se essencial conhecer esse processo, assim como é relevante também compreender as transformações socioespaciais condicionadas pela valorização dos espaços litorâneos.

Foram identificadas áreas onde a urbanização se deve diretamente à realização da vilegiatura marítima, ou seja, em diversas áreas do vasto litoral do país, formam-se cidades cuja função principal se associa às demandas das dinâmicas associadas à vilegiatura (temporada de recreio, repouso, férias que se passa fora dos centros urbanos).

As características da metropolização em Praia do Forte também podem ser observadas no aumento da oferta de serviços e infraestrutura. A concentração de estabelecimentos comerciais, restaurantes, bares e agências de turismo tem sido uma estratégia para atrair mais visitantes e impulsionar a economia local. Essa transformação reflete um desdobramento das metrópoles industriais para as metrópoles modernas, onde o setor terciário avançado predomina.

Além disso, a expansão urbana tem levado à criação de novos espaços públicos, como praças e calçadões, que visam atender às demandas dos turistas e melhorar a qualidade de vida dos moradores.

No entanto, o processo de metropolização também traz consigo desafios para a localidade de Praia do Forte e, principalmente, para o seu entorno. O aumento da demanda por serviços públicos, como saúde, educação e transporte, tem pressionado as estruturas existentes e gerado desigualdades socioespaciais. Além disso, a intensificação das atividades econômicas, até fugindo das premissas iniciais adotadas para a própria existência da localidade, tem impactado os recursos naturais da região, como as praias e os manguezais, levantando questões sobre a sustentabilidade do desenvolvimento turístico.

Diante desses desafios, tanto o poder público quanto a iniciativa privada têm adotado estratégias para lidar com os impactos da metropolização no turismo em Praia do Forte.

Medidas como a melhoria da infraestrutura turística, com investimentos em saneamento básico e mobilidade urbana, têm sido implementadas para garantir a qualidade dos serviços oferecidos aos visitantes. É necessário que o planejamento urbano sustentável seja uma preocupação, visando conciliar o crescimento econômico com a preservação dos recursos naturais e a valorização da cultura local.

As perspectivas futuras para o desenvolvimento do turismo e a metropolização em Praia do Forte apontam para um cenário de crescimento. A localidade tem-se consolidado como um importante destino turístico na Bahia e no Brasil, o que tende a atrair cada vez mais investimentos e visitantes. No entanto esse crescimento também traz desafios, como a necessidade de planejamento integrado e sustentável. É fundamental que as políticas públicas e as estratégias empresariais estejam alinhadas para garantir um desenvolvimento equilibrado, que promova a inclusão social e preserve os recursos naturais. Nesse sentido, um planejamento integrado e sustentável se mostra essencial para conciliar o desenvolvimento do turismo e a metropolização em Praia do Forte. A preservação dos recursos naturais é fundamental para manter a atratividade da região como destino turístico, enquanto a valorização da cultura local contribui para uma experiência autêntica aos visitantes.

Diversos fatores contribuíram para o processo de metropolização em Praia do Forte. Um dos principais foi o investimento em infraestrutura, como a construção de estradas. Além disso, políticas públicas voltadas para o turismo foram implementadas, visando atrair visitantes e promover o desenvolvimento econômico local. A presença de grandes empreendimentos imobiliários também impulsionou a metropolização, uma vez que esses projetos ofereciam opções de hospedagem e lazer para os turistas.

Vale ressaltar também investimentos recentes, como o investimento de R\$ 298 milhões na construção da Via Metropolitana, uma rodovia que possui 11 quilômetros de pistas de acesso ao Litoral Norte de Salvador, oferecendo uma nova opção para baianos e turistas que viajam para o Litoral Norte. A Metropolitana é também um novo vetor de desenvolvimento para a região.

A rodovia é composta por sete viadutos, quatro pontes, um túnel de acesso, canteiro central e uma praça de pedágio no sentido Salvador. Um dos acessos é por Lauro de Freitas e sua grande vantagem é evitar os vultosos congestionamentos. Quem segue pela CIA-Aeroporto evita o engarrafamento do final da Avenida Paralela passando por São Cristóvão e ingressando na Via Metropolitana. Já quem vai de Praia do Forte em direção a Salvador deve acessar a Via Metropolitana próximo ao Clube da Caixa Econômica, em Portão.

São exemplos bem próprios da metropolização da região, pois no trajeto tradicional por Lauro de Freitas o desenvolvimento urbano, nos últimos anos, foi tão grande que hoje em dia a velocidade máxima que se pode trafegar para Praia do Forte, permitida pelo Detran/BA, é de 60 km por hora, algo impensável em outros tempos.

A expansão do setor de turismo tem proporcionado oportunidades de emprego para a população local, contribuindo para a redução da taxa de desemprego e o aumento da renda. No entanto é importante ressaltar que esses benefícios não são igualmente distribuídos, havendo uma concentração de renda nas mãos dos empresários do setor. Esta questão não nos surpreende pois, como define Coriolano (2006), o turismo é uma prática social e também econômica, política, cultural e educativa, envolvendo relações sociais e de poder entre residentes e turistas, produtores e consumidores. O turismo é, simultaneamente, ócio e trabalho, produto do modo de viver contemporâneo, cujos serviços criam formas confortáveis e prazerosas de viver, restritas a poucos.

Outra questão que ocorre em decorrência do crescimento urbano acelerado é o aumento dos preços e do nível de vida em geral, bem como da moradia, sendo a população originária continuamente obrigada a residir em localidades mais distantes, intensificando-se as desigualdades econômicas com o crescimento urbano acelerado, afetando principalmente as comunidades mais vulneráveis.

O processo de metropolização, com sua concentração de serviços, infraestrutura e atrativos, tem impulsionado uma diversificação cada vez maior no perfil dos visitantes. Essa mudança é um reflexo da complexidade e dinâmica das cidades modernas, que oferecem uma gama cada vez mais ampla de opções para atender aos diferentes gostos e interesses dos turistas.

A migração em busca de oportunidades no setor turístico, especialmente nos segmentos de hospedagem, alimentação e serviços, é um fenômeno cada vez mais comum em diversas cidades do mundo. Essa movimentação populacional, embora seja um indicador de crescimento econômico e desenvolvimento, traz consigo uma série de desafios que precisam ser cuidadosamente gerenciados pelas autoridades locais.

A concentração de trabalhadores do setor turístico em Açu da Torre, impulsionada pelo crescimento da atividade na região, evidencia a necessidade urgente de investimentos em urbanização e infraestrutura. A ausência ou precariedade desses serviços pode gerar diversos problemas. Vale ressaltar a ideia do professor e arquiteto Firmo Azevedo, de um projeto de uma nova cidade, que possa abrigar o futuro das necessidades da região (Apêndice A).

As Figuras 24 e 25 mostram exemplos de metropolização em Praia do Forte.

Figura 24 – Hotéis em Praia do Forte



Fonte: Turisforte (2024).

Figura 25 – Via Metropolitana



Fonte: Coutinho (2018).

7.2 O TURISMO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

A indústria do turismo desempenha um papel fundamental na economia global, gerando empregos, impulsionando o crescimento econômico e promovendo a cultura e o intercâmbio entre diferentes países. No entanto a pandemia da Covid-19 teve um impacto drástico nesse setor, levando ao fechamento de empresas, demissões em massa e perdas financeiras significativas.

Obviamente, quanto maior a dependência do país ou região à atividade turística maior foi o impacto que o período da pandemia causou. Neste sentido, Cruz (2020) afirma que em se considerando os 5.570 municípios brasileiros, é importante reconhecer que o turismo tem ínfima ou nenhuma participação na composição do PIB da grande maioria deles.

Desde julho de 2020, os principais subsetores que o conformam foram todos muito afetados. A imposição de restrições de viagens o mundo como medida de combate à propagação do vírus afetou efetivamente o fluxo de turistas em todo o mundo. As empresas do setor turístico enfrentaram diversos desafios para se adaptar às novas demandas e regulamentações impostas pela pandemia. Para Cruz (2020), a implementação de protocolos de higiene rigorosos tornou-se essencial para garantir a segurança dos turistas e funcionários. Tanto as famílias, as instituições em geral e, especialmente, as empresas precisaram reorganizar seus espaços físicos para garantir o distanciamento social, o que implicou redução da capacidade de atendimento.

Para atrair visitantes durante a pandemia, os destinos turísticos adotaram diversas estratégias. Campanhas promocionais com foco na segurança sanitária foram lançadas, destacando os protocolos de higiene adotados pelos estabelecimentos e a baixa incidência de casos da Covid-19 na região. Foram também oferecidos descontos especiais e pacotes flexíveis que permitiam alterações ou cancelamentos sem custo adicional, visando tranquilizar os turistas diante das incertezas da pandemia (Carneiro; Allis, 2021).

As empresas tiveram que se adaptar a esse novo momento que foi de fato histórico com novas demandas e protocolos sanitários, para que fosse possível garantir a segurança dos turistas durante suas viagens. Isso incluiu a implementação de medidas de distanciamento social nos estabelecimentos, o uso obrigatório de máscaras faciais e a intensificação dos procedimentos de limpeza e higienização

Com toda essa modificação na rotina das pessoas, o adoecimento e até muitas mortes em decorrência da doença, houve muita diminuição e cancelamentos de viagens pelos impactos psicológicos que a pandemia trouxe, influenciando o comportamento dos turistas. O medo de contrair o vírus durante as viagens gerou ansiedade e insegurança nos viajantes. Segundo

Carneiro e Allis (2021), as restrições e incertezas relacionadas às viagens contribuíram para esse cenário. Os turistas precisaram equilibrar seu desejo de viajar com a preocupação com a saúde.

Diante dessas restrições de viagens, o setor do turismo encontrou alternativas para minimizar os impactos negativos. Uma das estratégias adotadas foi a promoção do turismo doméstico, incentivando os residentes a explorarem seu próprio país como forma de fomentar o setor. Além disso, houve também um incentivo ao turismo regional, estimulando as viagens entre países vizinhos ou regiões próximas que apresentavam condições sanitárias semelhantes.

A pandemia da Covid-19 também trouxe lições importantes no que diz respeito à gestão do turismo. Ficou evidente a importância da diversificação dos mercados emissores, ou seja, não depender exclusivamente de um único país ou região para atrair turistas. Além disso, foi destacada a necessidade de criar planos de contingência para situações similares, visando minimizar os impactos negativos no setor do turismo em caso de crises futuras (Carneiro; Allis, 2021).

As restrições de viagens geraram uma grande demanda por reembolsos e remarcações de pacotes de viagens, o que sobrecarregou as agências e causou prejuízos financeiros. Os restaurantes e bares também tiveram restrições de funcionamento impostas pelas autoridades governamentais que incluíram o distanciamento social entre as mesas, horários reduzidos de funcionamento e limitações no número de clientes. Para contornar essa situação, muitos restaurantes e bares adotaram estratégias como o serviço de *delivery* e criação de áreas ao ar livre para atendimento. Algumas empresas de cultura e entretenimento passaram a oferecer serviços virtuais dentro da sua possibilidade.

Uma das alternativas diante desse contexto foi deixar a viagem para outro momento. Como no exemplo da cidade de Armação dos Búzios que foi um dos diversos destinos que atrelou sua comunicação à campanha “Não cancele, remarque” e, em conjunto, também promove imagens do destino e a mensagem de “venha depois”. Esta tentativa de manter a perspectiva de consumo, de maneira indireta, também cria uma sensação de continuidade, ainda que os fluxos turísticos estivessem interrompidos (Carneiro; Allis, 2021). Depois desse período de pandemia, o turismo na Bahia está voltando a crescer. Segundo informação da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia as atividades turísticas baianas seguem em ritmo de crescimento, no período pós-pandemia da Covid-19 (Crescimento..., 2024).

Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024) mostra que, de janeiro a novembro de 2023, o setor cresceu 7,5%, no país, enquanto, na Bahia, o aumento foi de 12,6%. O resultado também registra números positivos, comparando os dois últimos anos.

Comparando os principais modais de deslocamento, em 2022, os principais aeroportos baianos tiveram o movimento de 8,7 milhões de passageiros; em 2023, foram 9,5 milhões de viajantes. Destaque para os voos internacionais, que tiveram um incremento de 36%. Nas praças de pedágios das rodovias baianas, houve aumento também no movimento. Em 2022, 6,7 milhões de veículos foram registrados; em 2023, o número chegou a 7 milhões. Levando em conta somente a ocupação da rede hoteleira em Salvador, a taxa subiu de 59,2% para 63,8%, no comparativo do período sendo que a taxa de permanência dos turistas, em território baiano, que era de 5,7 dias, em 2022, subiu para 6,4 dias, no ano seguinte (Crescimento..., 2024).

Outro dado importante se refere à recuperação dos postos de trabalho perdidos no turismo baiano, durante a pandemia. Em 2020, 19 mil trabalhadores perderam seus empregos. De janeiro de 2021 a novembro de 2023, foram abertas mais de 30 mil vagas de trabalho em atividades turísticas desenvolvidas na Bahia. Todos esses dados revelam que a atividade turística na Bahia está tendo quase o dobro de crescimento que a média nacional. Os bons índices de ocupação da rede hoteleira, permanência dos turistas e vagas de trabalho também revelam que a atividade está em movimento de retomada do seu crescimento. Como o município de Mata de São João é um dos mais expressivos destinos da Bahia, espera-se que seja muito beneficiado com esse movimento.

A pandemia de Covid-19 teve um impacto significativo na dinâmica urbana e turística de diversas regiões, incluindo Praia do Forte. Com a adoção do *home office* por muitos profissionais, observou-se uma tendência crescente de indivíduos e famílias se deslocando para suas casas de praia, buscando um ambiente mais tranquilo e aprazível para trabalhar e viver. Esse fenômeno contribuiu para acelerar o processo de metropolização em Praia do Forte, uma área anteriormente conhecida principalmente como destino turístico. A pandemia alterou as percepções e as prioridades dos indivíduos em relação ao espaço de trabalho e moradia. A flexibilidade oferecida pelo *home office* permitiu que muitos trabalhadores trocassem cidades densamente povoadas por locais com maior qualidade de vida, como Praia do Forte. Esse movimento não apenas intensificou a demanda por infraestrutura e serviços locais, mas também levou a mudanças significativas na estrutura urbana e socioeconômica da região.

A pandemia da Covid-19 acelerou de forma exponencial a transformação digital, impactando profundamente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Essa mudança radical, que se deu em um curto período, teve reverberações significativas no espaço urbano brasileiro, promovendo transformações em diversos níveis.

8 PESQUISAS REALIZADAS – RESULTADOS E ANÁLISES

Para a realização da coleta de dados, foram consultados o Setor “INFORMS” da CONDER, o Levantamento de dados demográficos e econômicos da área de estudo no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Levantamento de imagens de satélite no *Google Earth*.

Foram construídos, ou capturados, mapas e figuras nos artigos referenciados, visando responder ao objetivo geral do trabalho, que é a influência do turismo na metropolização de Praia do Forte. As Figuras 26 e 27 mostram a grande evolução no desenvolvimento urbano de Praia do Forte.

Figura 26 – “Vila” da Praia do Forte, Mata de São João-BA, em 1975



Fonte: *Facebook*: Fotos antigas de Salvador (2024).

Figura 27 – “Vila” da Praia do Forte, Mata de São João-BA, em 2023



Fonte: Foto do Acervo Municipal (Mata de São João-BA, 2023).

Fica evidente a diferença entre as figuras. A Figura 26, de 1975, mostra uma vila típica de pescadores da década de 70. Pode ser notado o traçado irregular do alinhamento das casas, a maioria delas de taipa, algumas delas sem reboco, a rua sem qualquer calçamento e sem iluminação. Vale notar a curiosidade de que a autora acampou com os pais, em várias ocasiões, em Praia do Forte, quando a vila era justamente como mostra a foto. A barraca de *camping* era armada junto ao Farol ali existente, onde nada mais havia, senão o próprio farol, coqueiros e a praia.

Na época, o acesso para passar pelo Rio Pojuca, era feito colocando o carro em uma balsa (Figuras 28 a/b) onde só cabiam quatro carros por vez e que era acionada por dois homens com longas varas de madeira que tocavam o leito do rio, impulsionavam e assim faziam a balsa atravessar o rio. Era uma verdadeira aventura fazer o carro entrar e sair da precária balsa.

Figura 28 a – Travessia de balsa para acessar Praia do Forte



Fonte: Bruni (2022).

Figura 28 b – Travessia de balsa para acessar Praia do Forte



Fonte: *Fotos antigas de Salvador (Facebook, 2024)*.

Já na Figura 27, pode ser visto praticamente um *shopping* a céu aberto: construções modernas, rua calçada, iluminação moderna, árvores decorativas, lojas, restaurantes, vendedores ambulantes. Como ocorreu essa tamanha diferença, é o foco do nosso trabalho, que passaremos a relatar.

8.1 OCUPAÇÃO DO LITORAL NORTE DA BAHIA: O CASO DE PRAIA DO FORTE

Situaremos agora a ocupação de Salvador e sua região de influência imediata, o que pode ajudar a entender as transformações ocorridas, valendo-nos inicialmente nas Figuras 29 e 30, que apresentam o modelo modificado e ampliado de Lundgren, em quatro Fases.

O modelo de Lundgren, de 1974, se propõe a explicar o conceito de metropolização turística que ocorreu e que está em curso em Salvador e sua região de entorno. Esse modelo, adaptado por Silva, Silva e Carvalho (2009), não precisou ser atualizado, porque não houve mudanças tão expressivas no Litoral Norte, quanto as ocorridas nas décadas anteriores, principalmente por causa da instabilidade político-financeira do país.

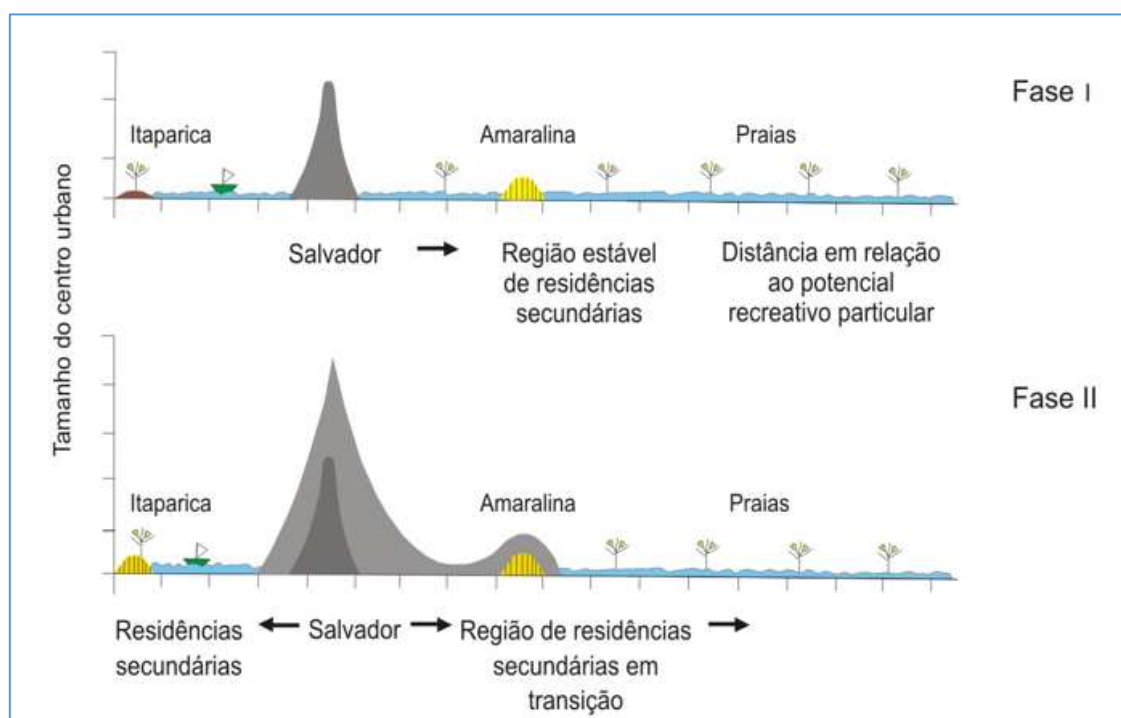
Historicamente, durante muito tempo Salvador manteve sua mancha urbana confinada a seu núcleo tradicional e arredores. A partir dos anos 20, surgiram loteamentos na orla atlântica, nos bairros de Rio Vermelho e Amaralina, com características de residências secundárias (Fases I e II da Figura 4).

Com a conclusão da estrada Amaralina-Itapuã na década de 40, a ocupação litorânea feita por residências secundárias foi progressivamente transformada em ocupação por residências principais ou em atividades comerciais e em outros serviços ligados ao uso das praias para turismo, recreação e lazer (Fase III). Esse mesmo processo expandiu-se para as praias de Lauro de Freitas, nas proximidades de Itapuã; em Vilas do Atlântico, por exemplo, no final dos anos 70, a ocupação era feita especialmente por residências secundárias, mas com a crescente integração metropolitana, sobretudo com Salvador e Camaçari, ocorreu igualmente a mudança para o *status* de residências principais.

É preciso também destacar a ilha de Itaparica, ao sudoeste de Salvador, como tradicional área de turismo, em função da atração de suas inúmeras praias. Isso motivou a construção de muitas casas de veraneio pelos habitantes de Salvador, particularmente nas décadas de 60 e 70, estimulados, a partir de 1970, pela implantação do projeto *ferry boat* Salvador-Itaparica. Atualmente, vive-se a expectativa da construção da ponte Salvador-Itaparica que, se realmente efetivada, irá mudar substancialmente a configuração desse eixo de crescimento metropolitano. A ilha provavelmente se tornará um bairro periférico de Salvador, como hoje é Vilas do Atlântico em Lauro de Freitas e Busca Vida em Camaçari.

Com a construção da estrada do Coco (1975) e da Linha Verde (1993), as residências secundárias expandiram-se para mais longe, especialmente com a recente entrada de empreendedores e compradores do exterior (Fase IV da Figura 4). Sendo assim, incorpora-se a dimensão externa, fora de Salvador, na expansão das residências secundárias, com destaque para o papel de grandes empreendimentos turísticos, instalados nas praias com forte potencial de atrativo natural (Silva; Silva; Carvalho, 2009). Para efeito didático, a Figura 29 foi dividida em duas, cada uma contendo duas Fases.

Figura 29 – Modelo modificado e ampliado de Lundgren para a Região de Salvador



Fonte: Silva, Silva e Carvalho (2009, p. 13).

Vê-se, na Figura 29, que na Fase I a Cidade do Salvador era bem separada da Ilha de Itaparica, como também de Amaralina. Depois de Amaralina, para o norte, nada mais havia. Na década de 60, por exemplo, o bairro de Amaralina era de veraneio.

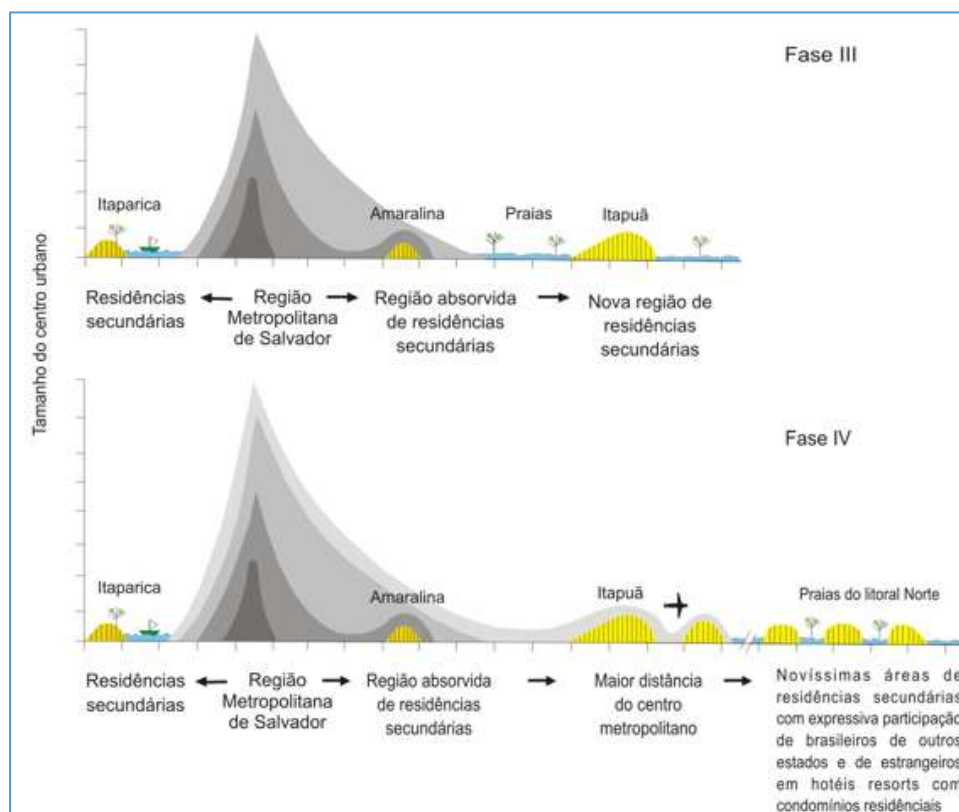
A Fase II mostra Itaparica maior, bem como Amaralina, já com uma maior ligação com Salvador. Pode-se dizer que foi uma fase áurea da Ilha de Itaparica, com grande contingente de soteropolitanos acessando as praias nos feriados, construindo casas de veraneio nos diversos loteamentos que ali surgiram.

O desenvolvimento da Ilha de Itaparica só não foi maior devido ao difícil acesso, pois nessa época só existiam os saveiros e dois *ferrys boats*. Pessoalmente, cheguei a vivenciar esses momentos quando criança, passando longas horas na fila. No entanto, ainda hoje, devido ao crescimento da população ocorrem grandes filas de carro, especialmente nos feriados prolongados.

Amaralina, nessa Fase II, foi sendo integrada a Salvador através do processo de conurbação e, em seguida, ocorreu um empobrecimento no seu território, tornando-se em uma das maiores invasões da cidade, a do Nordeste de Amaralina. Onde antes havia pequenos sítios, onde até se podia comprar leite tirado diretamente da vaca, em poucos anos, a localidade se tornou um grande bairro de características mais populares.

As Fases III e IV são mostradas na Figura 30 a seguir.

Figura 30 – Modelo modificado/ampliado de Lundgren-região de Salvador/Litoral Norte



Fonte: Silva, Silva e Carvalho (2009, p. 13).

A Fase III mostra a ampliação da influência de Salvador, ultrapassando Amaralina e, embora não mostrado na figura, é a fase do crescimento do Bairro da Pituba, que viria a ser um dos mais importantes da cidade. Nessa fase, Itapuã, uma vila de pescadores, com suas belas praias, um areal de areias brancas e uma lagoa escura, mote de canção famosa de Dorival Caymmi, rapidamente se transforma em ponto de veraneio. Loteamentos na região das praias são constituídos, bem como casas, *villages* e pequenos hotéis, à exceção de um grande investimento, o antigo Hotel 4 Rodas. Vale salientar que também Itapuã sofreu invasão repentina, sendo hoje uma das maiores invasões da cidade, estendendo-se até a Avenida Paralela.

A Fase IV já mostra Salvador abrangendo Itapuã, bem como, depois do aeroporto, a cidade de Lauro de Freitas, que não é detalhada na figura. Aparecem também as novíssimas áreas do Litoral Norte, que se desenvolveram a partir daí, como Arembepe, Jauá, Barra do Jacuípe, Guarajuba, Itacimirim, Praia do Forte.

A seguir, são apresentadas figuras que mostram a metropolização do Litoral Norte, chegando à Praia do Forte.

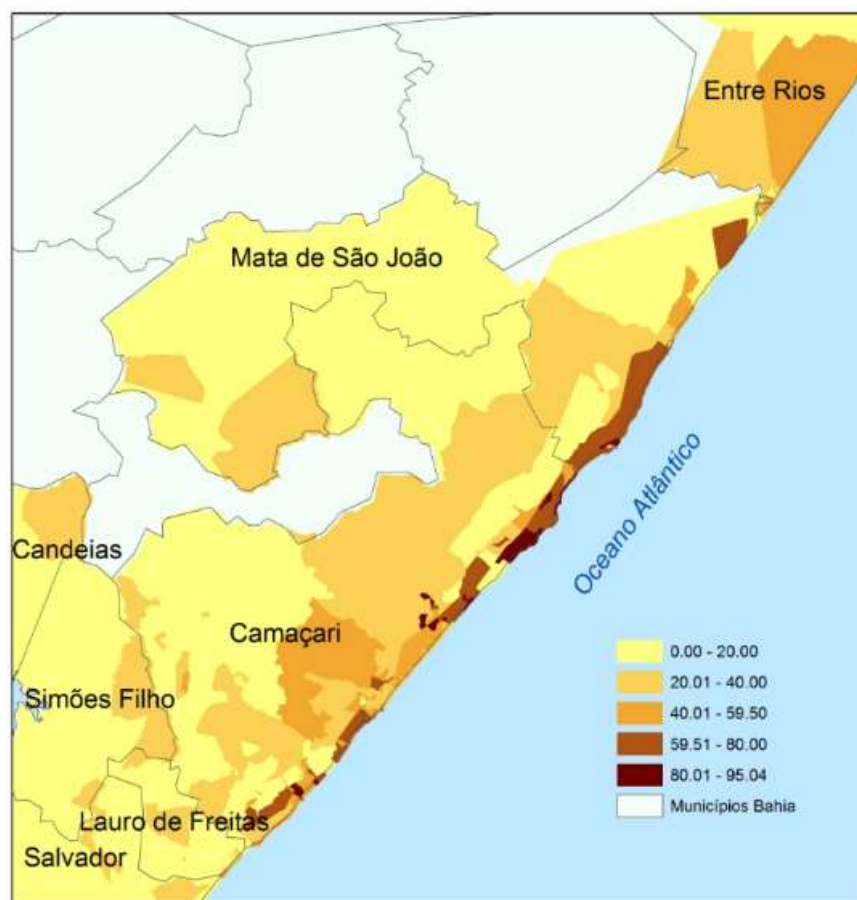
Figura 31 – Ocupação do Litoral Norte, 2010



Fonte: IBGE (2010).

A Figura 32 mostra o Litoral Norte de Salvador com os trechos mais densos em termos de residências secundárias.

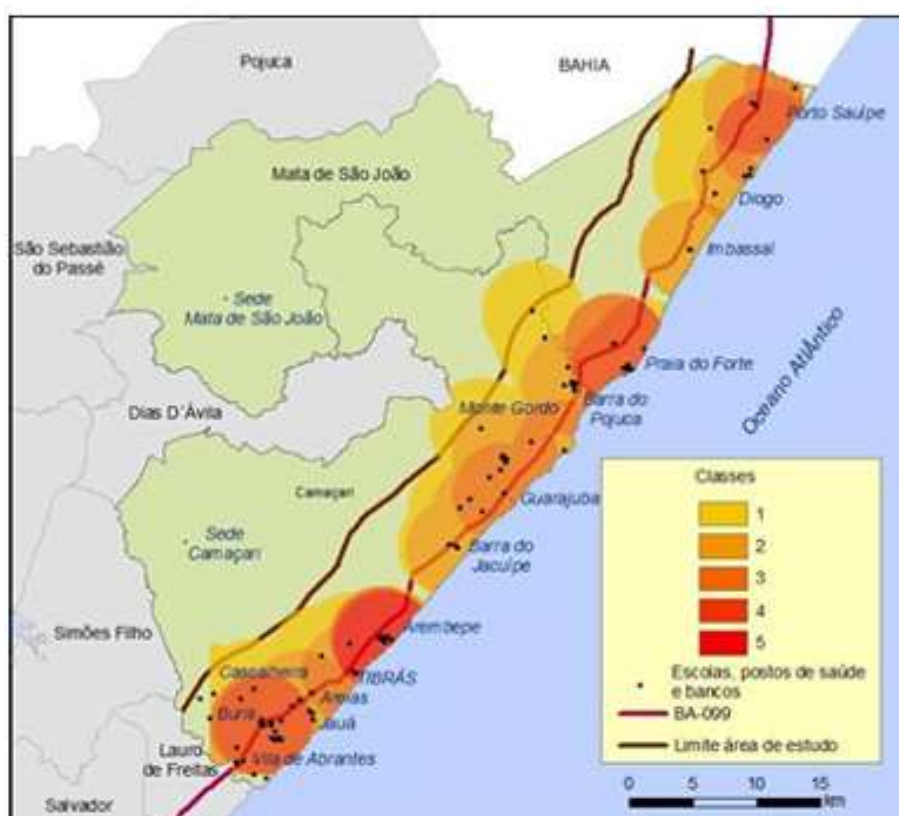
Figura 32 – Mapa sobre residências secundárias, 2010



Fonte: Silva, Silva e Carvalho (2009).

Na Figura 33, está registrado o volume de investimentos, em milhões de dólares, podendo ser visto que Praia do Forte/Mata de São João é um dos principais focos de investimentos. Alguns desses foram o Praia do Forte Eco Resort, Costa do Sauípe, Reserva Imbassaí, Ibero Star, entre outros.

Figura 34 – Síntese das áreas de proximidade – Camaçari e Praia do Forte



Fonte: Silva, Silva e Carvalho (2009).

Conforme Silva, Silva e Carvalho (2009), a localização dos pontos que representam as escolas, postos de saúde e postos bancários nas áreas litorâneas dos municípios de Camaçari e Mata de São João, e a criação das áreas de proximidade mostram um cenário de desequilíbrio em relação ao acesso por parte da população a serviços considerados básicos. No entanto esse contexto vem sendo melhorado nos últimos anos.

Existem algumas deficiências nas escolas do ensino médio, sendo assim compreensível que o setor hoteleiro tenha dificuldades para encontrar, nas proximidades, mão de obra qualificada para assumir postos de trabalho no setor turístico.

Quanto aos postos de saúde, a região é bem equipada quanto se trata de postos ambulatoriais de assistência à população, um pouco deficiente quando se trata de atendimento emergencial ou hospitalar, tendo os habitantes dessa área ou visitantes (turistas) que se dirigir para cidades próximas.

Quanto aos postos bancários, existem deficiências de agências bancárias, mesmo com pequenos núcleos urbanos já consolidados. A existência dos postos bancários está sempre associada a equipamentos turísticos ou à indústria. Esse aspecto é de menor importância atualmente, em face da enorme digitalização dos serviços financeiros hoje existentes.

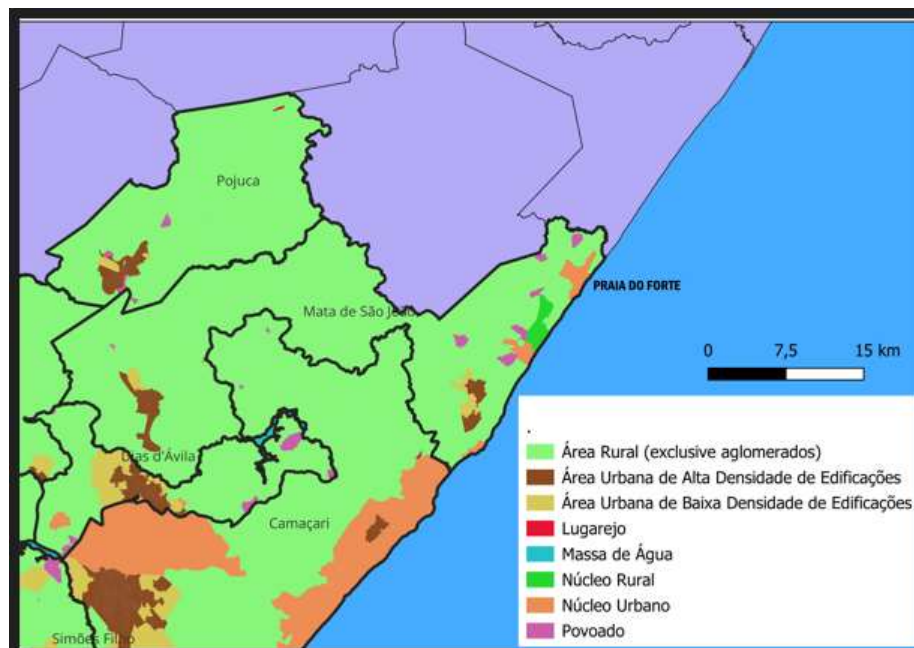
A Figura 35 evidencia o crescimento de trechos do litoral de Mata de São João, fazendo um comparativo entre os anos de 2005 e 2018.

Figura 35 – Imagens de satélite do litoral de Mata de São João em 2005 e 2018



Fonte: Google (2005; 2018).

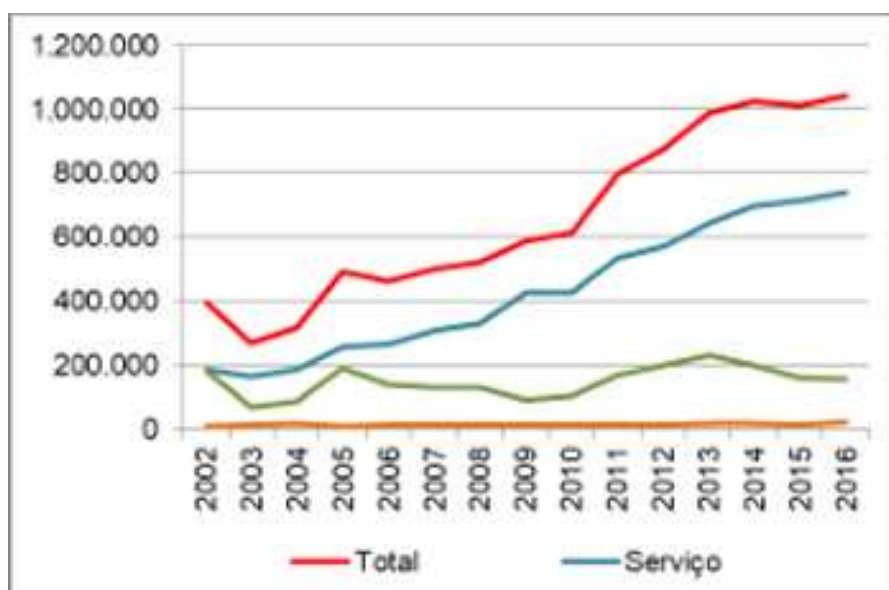
Figura 36 – Áreas em Mata de São João em 2021



Fonte: IBGE (2021).

Também visando mostrar o crescimento do PIB em Mata de São João, no período de 2002 a 2016, é apresentada a Figura 37, onde a curva do PIB (em vermelho) segue a curva dos serviços (em azul), evidenciando o impacto do turismo. A curva em verde é a da indústria e a marrom corresponde à da agricultura, segmentos que não evoluíram como o dos serviços.

Figura 37 – PIB total e por setores de atividades em Mata de São João



* Em mil reais.

Fonte: Santana, Silva e Guidice (2020).

Um mapa mais recente, de 2022 (Figura 38), mostra a área residencial já bastante construída, principalmente na zona costeira.

Figura 38 – Mapeamento do uso do solo – Praia do Forte



Fonte: Google Maps (2022).

As figuras apresentadas comprovam que houve o desenvolvimento urbano em Praia do Forte. Através da imagem de satélite (Figura 35), é possível perceber que houve um crescimento evidente entre 2005 e 2018. Analisando também a Figura 37 podemos perceber que o crescimento do PIB da região pesquisada foi totalmente decorrente dos serviços. Isso comprova que o desenvolvimento em Praia do Forte está sendo mais por serviços em geral, tanto para a população quanto relacionados ao turismo.

8.2 PESQUISA DE CAMPO

Foram realizadas visitas à região em dezembro de 2022 e constatado um aumento do número e tamanho das construções, incluindo serviços existentes, como mostram as figuras abaixo com fotos tiradas em Praia do Forte:

Figura 39 – Imagem de Bancos e correios em Praia do Forte



Fonte: A Autora.

Em Praia do Forte, existem alguns bancos como Bradesco, Caixa Econômica, Itaú, Santander. No entanto nem todos os estes têm agências completas ou ficam localizados na parte principal da Vila. Quanto aos supermercados, nas imediações da Vila existe apenas um de grande porte (Hiper Ideal) e outros de médio e pequeno porte. No que se refere à saúde pública, os residentes utilizam o posto de saúde da região, mas, para qualquer questão de maior complexidade, necessitam buscar hospitais em outras cidades.

Existem clínicas particulares de análises clínicas, veterinárias, clínicas de estéticas, alguns médicos, mas a localidade ainda não apresenta disponibilidade de oferta de serviços como na região de Vilas do Atlântico, um antigo condomínio da cidade de Lauro de Freitas

(cidade conurbada a Salvador) e de grande dimensão territorial, que hoje se tornou uma referência para toda a população residente nas imediações de Lauro de Freitas e adjacências para usufruto de serviços e lazer.

Os residentes em Praia do Forte e imediações, quando não querem percorrer uma maior distância para ir até o município de Salvador, costumam também se dirigir a Vilas do Atlântico que é onde se encontram diversos serviços já mais especializados sem a necessidade de ir até a capital.

Figura 40 – Serviço de Atendimento ao Cidadão (SAC)



Fonte: A Autora.

O fato de existir um Serviço de Atendimento ao Cidadão em Praia do Forte representa o fortalecimento da localidade. Sugere um aumento do número de habitantes ou a necessidade do fortalecimento dos serviços para a comodidade dos residentes de segunda temporada, quando o aumento da população é significativo. Após a pandemia, quando as pessoas passaram a modificar a sua relação com o trabalho, quando possível, observou-se um crescimento do setor imobiliário nas regiões que antes eram consideradas apenas de veraneio, através de pessoas que estavam optando em manter residência nesse local.

Em geral, são pessoas em busca de uma melhor qualidade de vida que querem deixar de lidar todos os dias com as questões advindas da urbanização das grandes cidades como Salvador, cuja população era estimada em 2.568.928 de habitantes em 2024. Considerando a

comparação do censo de 2010 como o censo de 2022, o município perdeu um número significativo de habitantes, passando da terceira para a quarta colocação no *ranking* das capitais mais habitadas do país. Essa informação foi bastante divulgada nos meios de comunicação.

O pesquisador Gilberto Pereira, que está sempre acompanhando as transformações espaciais da cidade bem como as suas consequências, participou de em trabalho com Claudia Fernandes e Carlos Mosquera, em que os autores afirmam:

As primeiras publicações dos resultados do Censo 2022 trouxeram dados considerados “surpreendentes” sobre a Região Metropolitana de Salvador (RMS): houve uma queda na população residente em relação a 2010. No entanto, estudos anteriores do Núcleo Salvador do Observatório das Metrôpoles já indicavam a estagnação do crescimento populacional. Comprovou-se com os dados censitários que a transformação foi ainda mais rápida e a população residente, na verdade, caiu bem antes de 2030, como havia sido projetado nos estudos do núcleo. (Pereira; Fernandes; Mosquera, 2023, p.01).

Muito interessante verificar que a cidade que sempre foi conhecida por ser a capital que atrai imigrantes, especialmente do interior e mesmo de outros estados nordestinos, agora está em outro tipo de movimento. Uma questão é que o Estado da Bahia possui extensa dimensão populacional e Salvador, sendo sua sede administrativa, detinha sempre as matrizes das grandes empresas, da gestão pública como um todo, os principais hospitais e centros de saúde e todo tipo de serviços que se possa imaginar. Por outro lado, a Bahia já esteve na vanguarda econômica em relação aos outros Estados do Nordeste.

O que ocorre hoje é que, com o advento das novas possibilidades de conexão, não é mais necessário as pessoas do interior se deslocarem para a capital para estudar, considerando ainda o grande investimento do Governo Federal em Institutos Federais também no interior. Quanto aos serviços de saúde, com o desenvolvimento das tecnologias e o investimento do Governo do Estado, especialmente após a pandemia, o atendimento à população interiorana da Bahia foi fortalecido, fazendo com que as pessoas do interior diminuam a necessidade do deslocamento para a capital.

As cidades do interior foram aos poucos apresentando pequena melhoria nos seus serviços. Com o excesso de oferta de mão de obra nos grandes centros, alguns profissionais também preferiram residir nas médias cidades em busca de uma vida que não tivesse a complexidade das questões metropolitanas e, ainda, oferecesse um mercado de trabalho favorável para algumas profissões. Dessa maneira, as interações e movimentos da população por motivo de trabalho e estudo, saúde e consumo foram muito reduzidas.

Somente entre os anos 2020 e 2024, foram inaugurados o Hospital Clériston Andrade em Feira de Santana, o Hospital Infantil em Ilhéus, as Policlínicas tiveram um aumento com a inauguração das unidades de Ilhéus e São Francisco do Conde, sendo entregue também uma Unidade de Alta Complexidade em Oncologia no Hospital Geral Prado Valadares em Jequié, além da reabertura do Hospital Piemonte do Paraguaçu, em Itaberaba, que estava sob gestão municipal e não ofertava atendimento há mais de uma década, entre outras ações. Além dessas ações com unidades hospitalares, o governo pretende investir também na melhoria da atenção primária com a proposta de expandir significativamente as Unidades Básicas de Saúde, os Centros de Atenção Psicossocial e os Laboratórios Regionais (Crescimento..., 2024).

Para compreender a dinâmica urbana, não se pode analisar o espaço individualizado, mas a dinâmica de um conjunto, da região de sua proximidade. A cidade perdeu 9,6% dos seus habitantes em comparação ao Censo de 2010, como já mencionado, caindo de posição. Alguns elementos são citados como a “[...] diminuição da taxa de fecundidade e consequente envelhecimento da população que costuma procurar locais mais agradáveis para se morar”. Esta “reacomodação das regiões no entorno das grandes capitais é um movimento demográfico que está ocorrendo em todo o mundo[...]” (Rodrigues, 2023).

No caso de Salvador, o que Lencioni (2015) considera “espraiamento da cidade” como característica da metropolização é visualizado na análise de um repórter da Agência Brasil (Rodrigues, 2023), que afirma que “no caso de Salvador não tem mais para onde a população ir às áreas mais periféricas e assim ela vai transbordando para as cidades vizinhas”. Às vezes, ocorrem conurbações urbanas como no caso de Lauro de Freitas e, por outras, com manchas de espaços vazios, mas que, ainda assim, sofrem a influência de uma metrópole em todas as suas expressões como uma “nebulosa urbana”.

No caso do objeto de estudo desta pesquisa, que trata sobre metropolização turística, essa questão corrobora o entendimento de que Praia do Forte é bastante estimulada pelo desenvolvimento de Salvador e por este espraiamento metropolitano, pois esta redução do número de pessoas significou um aumento do número de habitantes nas populações das cidades próximas como Lauro de Freitas e Camaçari, por exemplo, em Censo recente (IBGE, 2022). Quando se considera Salvador em relação ao conjunto das cidades do seu entorno, a sua perda do número de habitantes cai significativamente de 9,6% para 4,7% (IBGE, 2022).

Lencioni (2015) apresenta que, como uma nebulosa, o fenômeno urbano apresenta-se com porosidades e descontinuidades face a um quadro de volatilidade permanente. A autora ainda afirma que uma nebulosa urbana, seja ela considerada uma megalópole, uma metrópole ou uma cidade-região, constitui uma totalidade composta de fragmentos de uma unidade. É a

integração entre as partes do todo que se constitui na chave para apreensão dos limites dessas grandes extensões urbanas que, cada vez mais, se afiguram no mapa do mundo.

A relevância da retomada dessa conceituação da autora consiste na análise da apresentação da interação urbana de Praia do Forte com o município de Salvador e sua vizinhança. Observa-se que a população que se apresenta como foco maior desta pesquisa, que seria a que mais frequenta a localidade de Praia do Forte, tem maior poder aquisitivo do que o restante da população de Mata de São João. Ou mesmo se comparada com a média da renda da população brasileira, é coerente afirmar que pertence a um grupo de privilegiados. Dessa forma, este grupo de elite que frequenta os serviços de Praia do Forte para lazer ou veraneio utiliza também os serviços das praias próximas como Itacimirim, Guarajuba e Vilas do Atlântico, mas não costumam estar dispostos a reduzir o padrão do seu estilo de vida. Sendo necessário, retornam, então, para Salvador para consultas médicas, urgências, compromissos profissionais e sociais. Isso se aplica tanto a veranistas quanto a residentes na localidade.

Já os turistas, para que consigam se hospedar na localidade, por ser um destino requisitado, precisam disputar as vagas dos hotéis e pousadas, especialmente nos feriados e datas festivas, deixando parte do valor da reserva garantido e tendo que dispor de certo investimento para sua viagem.

Sabe-se que não é possível analisar transformações em um espaço de maneira isolada, sem verificar o contexto das suas regiões mais próximas. No caso do objeto de estudo desta tese, que é metropolização turística, esta questão corrobora o entendimento de que Praia do Forte é bastante estimulada pelo desenvolvimento de Salvador e por este “espraçamento metropolitano”, pois esta redução do número de pessoas significou um aumento do número de habitantes nas populações das cidades próximas como Lauro de Freitas e Camaçari, por exemplo, conforme o Censo de 2022 (Rodrigues, 2023).

Nas figuras a seguir, é possível verificar alguns serviços existentes na Vila de Praia do Forte.

Figura 41 – Pequeno Shopping



Fonte: A Autora.

Figura 42 – Clínica de Oftalmologia e Cirurgia



Fonte: A Autora.

Figura 43 – Tradicional sorveteria de Salvador instalada em PF



Fonte: A Autora.

Figura 44 – Área interna do Castelo Garcia D'Ávila



Fonte: A Autora.

Quadro 4 – Número de Estabelecimentos de serviços turísticos em PF de acordo com a Turisforte

Categoria	Quantidade
<i>Resorts</i>	2
Hotéis	5
Pousadas	13
<i>Albergue/Hostel</i>	1
Apart Hotéis	1
Bares	1
Restaurantes	24
Agências de Turismo	4

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Turisforte acessados em 20 nov. 2024.

A intenção inicial desta pesquisa, como informado na qualificação, seria fazer um mapeamento dos serviços oferecidos, tanto turísticos quanto de outros serviços, que pudessem demonstrar o seu crescimento e a melhoria da diversidade na localidade pesquisada. Como os dados do Censo de 2022 não foram inseridos na plataforma Arqgis, não foi possível fazê-lo, de forma que se optou em realizar uma mudança na proposta original do trabalho.

Para que fosse possível, ainda assim, apresentar um esboço dos principais atrativos turísticos de Praia do Forte, foi realizada uma pesquisa no *site* da Turisforte que apresenta a disponibilidade da oferta dos serviços turísticos. Vale ressaltar que existem também em Praia do Forte um cartório, um grande mercado (Hiper Ideal) e outros 4 de médio porte, Banco Bradesco, Caixa Econômica e Banco Santander, três imobiliárias, laboratórios de análise clínicas, dentistas, muitas lojas dos mais diversos tipos e porte (mas sempre primando pelo estilo praiano) e inúmeros serviços de grande diversidade, mas de baixa complexidade.

8.3 PRAIA DO FORTE HOJE

Praia do Forte foi eleita um dos três destinos mais acolhedores da Bahia. Na Região Nordeste, o Vale do Capão ficou em primeiro lugar entre os destinos baianos, seguido da Praia do Forte e Imbassaí.

Os destinos foram eleitos como parte do 11º *Traveller Review Awards*, que se baseia em mais de 240 milhões de avaliações verificadas de viajantes. Para receber o título, os parceiros de acomodação precisaram conquistar uma nota de avaliação média igual ou superior a 8 (de 10). Praia do Forte é um destino acolhedor por ser um lugar com praias belíssimas, natureza exuberante, história e cultura, além de ser um paraíso para quem gosta de paz, tranquilidade e atividades para fazer (Booking.com..., 2022).

O *site* do *123 Milhas* indica Praia do Forte como um dos destinos mais procurados para se visitar na Semana Santa.

Além do mar delicioso, o lugar garante a imersão na natureza com uma vasta vegetação preservada. Lá está uma unidade do Projeto Tamar, uma das maiores organizações de proteção marítima do mundo. É possível conhecer quatro das cinco espécies de tartarugas marinhas que existem no Brasil, com exemplares em diferentes estágios do ciclo de vida (123 Milhas..., 2022).

Críticas existem sobre erros e práticas existentes ao longo do caminho de Praia do Forte, mas hoje se trata de um dos lugares mais procurados da Bahia – e do Brasil. Nos últimos anos, o turismo aumentou bastante em Mata de São João e a expectativa é crescer ainda mais com a requalificação da Vila em 2023. A requalificação de Praia do Forte contou com:

- **Iluminação** – O projeto utilizou luminárias especiais para transmitir mais acolhimento e receptividade para passear pela região.
- **Mobiliário** – Novos mobiliários foram instalados, como bancos, todos em madeira, trazendo um visual mais rústico e acolhedor.
- **Paisagismo** – novos jardins, árvores, gramados.
- **Calçamentos** – Todo o calçamento da Vila de Praia do Forte passou por uma requalificação com um *design* mais contemporâneo e prático para trazer mais acessibilidade e facilitar o acesso aos pontos turísticos.
- **Novos comércios** – A Vila já era conhecida por abrigar diversos comércios locais que vendiam todo tipo de produto. Com a requalificação, o local ganhou também: dois novos restaurantes; Colônia dos Pescadores; Casa da Farinha; Palco para eventos.

Seguem as Figuras 45, 46 e 47, que mostram como estão hoje os motivos iniciais do sucesso de Praia do Forte (citados inicialmente neste trabalho): a pequena Vila, hoje um verdadeiro *shopping* a céu aberto; uma prainha que forma piscinas com águas cristalinas; e as ruínas de um castelo medieval, revitalizado e motivo de visitas de todos os turistas.

Figura 45 – A vila de Praia do Forte, um verdadeiro *shopping* a céu aberto



Fonte: Cerqueira e Baitz (2024).

Figura 46 – A costa de Praia do Forte



Fonte: Mata de São João-BA (2023).

Figura 47 – O Castelo Garcia D'Ávila



Fonte: Fundação Garcia D'Ávila (2024).

9 RESULTADOS

Observou-se, neste estudo, que o turismo é uma das principais atividades econômicas da localidade de Praia do Forte e o grande impulsionador das transformações urbano-espaciais, junto com o desenvolvimento imobiliário de segundas residências. Após estudo do referencial teórico sobre a temática da pesquisa, essas mudanças foram apresentadas no decorrer da tese através de depoimentos, figuras, imagens, tabelas e quadros e confirmadas mediante a observação direta *in loco* para a realização de sua análise.

Os empreendimentos turísticos em Açú da Torre (Praia do Forte, Imbassaí e Sauípe) – hotéis, *resorts*, pousadas, *flats*, residências de uso ocasional etc. – tiveram seu período de instalação acelerada a partir do momento em que o Estado forneceu condições de acesso à região, ou seja, a construção da BA-099, principalmente em sua segunda etapa.

Assim, o ano de instalação do primeiro *resort* e meio de hospedagem de maior porte de que se tem conhecimento na região, ocorreu, justamente, no período pós-construção da rodovia, iniciando, com isso, um grande fluxo de investimento de capital, turistas e instalações de instrumentos turísticos, conseqüentemente produzindo uma nova configuração espacial no município.

Nesse sentido, ressaltam-se os agentes analisados no estudo: a esfera pública – federal, estadual e municipal; e os agentes privados – grandes proprietários de terras, como Klaus Peters, e o capital construtor representado por grandes grupos nacionais, especialmente do setor internacional (Portugal e Espanha).

É relevante ressaltar que o turismo é seletivo, devido aos elevados valores gastos com o consumo dos seus serviços em geral, com destaque para os *resorts*, que são grandes consumidores do espaço, resultando em um processo de produção e reprodução desigual desse espaço. Como já tratado anteriormente, o turismo na localidade é usufruído por pessoas de médio e alto poder aquisitivo. Quem frequenta os bares e restaurantes são pessoas que podem dispor de um valor simbólico no seu consumo. Pessoas que têm pouca renda são “naturalmente” afastadas deste destino pela dificuldade de transporte público até as praias da Vila, pelos altos preços dos produtos e serviços da localidade e até mesmo pelo constrangimento de não pertencer àquele grupo social.

No que se refere ao desenvolvimento imobiliário, Praia do Forte hoje é um refúgio de consumo das classes A e B para segundas residências e tem um valor de metro quadrado equivalente ao dos bairros mais caros de Salvador. Nesse sentido, as opções de oferta são as mais diversas desde casas de alto luxo em condomínios cujo terrenos chegam perto de

R\$1.000.000 de reais a pequenos *villages* que possibilitam à classe média conseguir desfrutar dessa localidade a preços não tão acessíveis, mas possíveis para pessoas de um poder aquisitivo menor.

Foi essencial também o projeto de Praia do Forte, estabelecido por um empresário, cuja forma de lidar com a atividade turística teve desdobramentos que contribuíram para o desenvolvimento deste destino turístico, especialmente no sentido da proteção ao seu crescimento desordenado. A trajetória de Klaus Peter sempre estará presente na história de Mata de São João e de Praia do Forte por sua atuação firme no seu propósito de conservação ambiental e cuidado com o ordenamento do território, contribuindo para que Praia do Forte apresentasse um modelo de urbanização mais controlado, diferentemente de outras localidades turísticas que acabam por extrapolar a sua capacidade de carga ou permitir um turismo e desenvolvimento urbano desordenados, resultando em consequências desastrosas para o destino.

Obviamente, ele também é considerado como uma pessoa controversa. Muitas pessoas, como nosso entrevistado nesta pesquisa, acreditam que suas ações trouxeram grandes benefícios para o turismo, mas não se pode deixar de ressaltar que o entrevistado também pertence a um grupo de empresários, tal como o Klaus Peter, pois é proprietário de uma pousada no local. É bastante atuante na localidade, tem muitos projetos de interação com a comunidade, mas não se trata, por exemplo, de um representante de outro grupo social. Nesse sentido, vale ressaltar uma consequência das contradições do desenvolvimento turístico de Praia do Forte, ou uma situação que não tenha sido bem resolvida, que foi o que ocorreu com a comunidade da Tapera.

Quando foi instaurada a Reserva da Sapiroanga, a comunidade teve dificuldade em continuar com suas atividades de rotina diária e de seu sustento. Os mais jovens foram forçados a sair da comunidade para procurar trabalho em outros locais. A atividade turística acabou sendo o sustento desses jovens, mas a população madura teve dificuldade, pois as atividades tradicionais como a pesca, o artesanato, a agricultura foram cada vez mais desempenhando um papel complementar na renda das famílias. No entanto as pessoas de maior idade não conseguiam emprego na atividade turística pela falta de qualificação para a atividade. Por esse motivo, a Prefeitura de Mata de São João instaurou um incentivo para as empresas de meios de hospedagem e construção civil que, no seu contingente total de funcionários, tenham 65% de mão de obra originária do município (Brito, 2018).

Apesar dessas questões, é visível o impacto positivo da atuação do empresário na localidade, especialmente considerando que Praia do Forte está hoje em destaque como um

destino turístico de relevância nacional. No entanto, é importante ressaltar que, apesar do seu interesse genuíno demonstrado em diversas ocasiões pela conservação ambiental da localidade, ele enquanto empresário seria o maior beneficiado da conservação do local e destaque do destino como atrativo turístico de visibilidade.

Conforme abordado anteriormente, Peters vendeu a região para o atual prefeito da cidade de Mata de São João, que demonstra um estilo de gestão do urbano bastante distinto do que preconizava Klaus Peters. O cuidado que existia com a questão ambiental não é mais demonstrado e existe hoje uma tendência mais agressiva na forma de atuação do desenvolvimento imobiliário. Como forma de ilustração, uma região de grande vegetação que era muito preservada por Klaus Peters para não ser construída, hoje já está loteada e será vendida em lotes de 5.000 metros. Diante dos relatos que foram colhidos e da pesquisa de campo, apesar de algumas críticas e considerando o modelo capitalista em que as transformações urbanas também estão inseridas, é possível aferir que Praia do Forte estava mais bem protegida enquanto “gerenciada” por Klaus Peter do que atualmente.

Após a análise de todas as questões discutidas no decorrer desta tese, dois importantes Achados/Conclusões são apresentados a seguir.

10 ACHADOS E CONCLUSÕES

Neste capítulo, são apresentados os achados e conclusões da tese.

10.1 HOUVE METROPOLIZAÇÃO DE PRAIA DO FORTE?

A Região do Litoral Norte da Bahia vem passando por importantes transformações territoriais devido à metropolização da atividade turística. Um dos efeitos desta metropolização seria a urbanização dessas regiões, que constituiria o desenvolvimento de uma estrutura de serviços básicos e turísticos. A questão principal desta pesquisa se caracterizou como: “Foi observado o efeito do turismo na metropolização de Praia do Forte?”

Observou-se que a localidade de Praia do Forte está em um processo de metropolização, mas não inteiramente, uma vez que carece de uma infraestrutura de serviços que uma metrópole deve possuir. Ela depende ainda do município de Salvador para o acesso a serviços. Existe desigualdade no acesso a equipamentos urbanos, principalmente em áreas de maior vulnerabilidade, como hospitais, escolas e centros de lazer, faltando a promoção de políticas habitacionais inclusivas, que garantam o acesso da população de baixa renda às áreas com melhor infraestrutura. Esta questão é comprovada nas pesquisas realizadas anteriormente e aqui referenciadas.

10.2 O SUCESSO DE PRAIA DO FORTE DERIVOU DO CRESCIMENTO DA CIDADE DE SALVADOR?

Na verdade, o sucesso de Praia do Forte derivou de um projeto e uma execução muito bem realizados, bem como de algumas políticas públicas e não exclusivamente da expansão da Cidade do Salvador. A questão fundamental foi que o projeto e as políticas públicas conseguiram transformar a localidade de Praia do Forte em um destino turístico consolidado. No entanto Salvador, como toda cidade que passa por um processo de grande crescimento populacional, foi abraçando outros municípios próximos, através do processo de conurbação urbana, o que também promoveu significativa influência na produção do espaço dessas localidades.

Praia do Forte, inicialmente, teve um desenvolvimento gerado por um plano urbanístico bem executado, conforme anteriormente relatado, mas também atualmente recebe influência de Salvador, pois muitas segundas residências lá se instalaram. A pandemia do Covid pode ter fortalecido esse processo.

Concluindo, considera-se que foram atendidos os Objetivos Geral e Específicos, a saber: O Objetivo Geral deste trabalho foi analisar e compreender como a atividade de turismo e lazer interferiram na produção do espaço urbano ocorrida no litoral de Mata de São João, mais especificamente, em Praia do Forte; e se está provocando uma Metropolização Turística a partir da Cidade do Salvador.

Como visto anteriormente, a atividade de turismo e lazer de fato interferiu na produção do espaço urbano de Praia do Forte, que já possui atualmente uma estrutura turística consolidada, de forma que se configura, hoje, como uma destinação procurada por baianos, brasileiros e estrangeiros. Acredita-se que a influência para o desenvolvimento dessa estrutura de serviços não partiu exclusivamente da Cidade do Salvador, mas principalmente de projeto urbanístico de qualidade e bem executado, não se podendo considerar assim que este destino esteja num momento de metropolização já plenamente contemplada.

Quanto aos objetivos específicos, a saber:

- a) Pesquisar o histórico das grandes intervenções e políticas no Litoral Norte de Salvador;
- b) Caracterizar as ocupações turísticas e serviços do espaço litorâneo de Mata de São João, especificamente Praia do Forte;
- c) Analisar o papel dos atores sociais dentro do processo de metropolização (Estado, Poder privado, entre outras).

O histórico das intervenções e políticas foi realizado através da pesquisa do Referencial Teórico; a caracterização das ocupações turísticas e serviços foi apresentada através de coleta de dados em artigos, bases de dados e comprovações das visitas *in loco*; finalmente, o papel dos atores sociais dentro do processo de metropolização foi contemplado como: Estado – foram relatadas as grandes interferências urbanas como a Linha Verde, ponte de ligação Bahia/Sergipe, Via Metropolitana, entre outras; Poder privado – a influência da família Klaus Peters, das Associações do empresariado local, das construtoras/incorporadoras, dos proprietários de *resorts* e pousadas, dentre outras.

REFERÊNCIAS

- 123 MILHAS apresenta os 10 destinos mais procurados para a Semana Santa. *123 Milhas: Conexão 123*, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://blog.123milhas.com/123milhas-apresenta-os-10-destinos-mais-procurados-para-a-semana-santa>. Acesso em 4 dez. 2024.
- ALBAN, Marcus. A insustentabilidade do turismo no Brasil e o sucesso de Praia do Forte: uma análise exploratória com base na nova economia institucional. *Turismo em Análise*, São Paulo, v.19, n.1, p.1-22, maio 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rta/article/view/14139/15957>. Acesso em: 31 jul. 2023.
- ALBRECHT, Karl. *Revolução nos serviços*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.
- ALENCAR, Ygor de Carvalho. *Um método para integração e gerenciamento de redes de infraestrutura urbana*. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Transportes)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/48978/3/2019_dis_ycalencar.pdf. Acesso em: 4 dez. 2024.
- ARAÚJO, Luana Lima Bandeira. *Turismo regional no litoral do nordeste brasileiro*. 2018. 248f. il. Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/35604>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- AZEVEDO, Firmo. *Entrevista com o arquiteto e professor da UFBA Firmo Azevedo*. [Entrevista concedida a Andréa Araujo de Jesus]. Salvador, 2024.
- BAHIA. Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia. *Produtos Informis*. Salvador: CONDER, 2006 (1 CD-ROM).
- BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. *Consulta escolas*. Salvador, [S.d]. Disponível em: <http://www.sec.ba.gov.br>. Acesso em: 17 nov. 2009.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. *Relação de Agências e Postos de Atendimento das Instituições Financeiras e Filiais das Administradoras de Consórcio (transferência de arquivos)*. [S.l.]: BACEN, 2016. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/fis/info/agencias.asp?frame=1>. Acesso em: 20 out. 2024.
- BARREIRA, Yrlis Alencar. Cidades, atores e processos sociais: o legado sociológico de Lúcio Kowarick. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 72, p.1-11, fev. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/bx7gKTCdG5q54w58G6YvWZs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- BARRETO, Leilianne Michelle Trindade da Silva; LANZARINI, Ricardo (Coord.). *Turismo Responsável no Brasil*. Natal: SEDIS/UFRN; Brasília: MT, 1995. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/turismo-responsavel/copy2_of_TurismoResponsvelnoBrasil.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.
- BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Editora Senac, 2004.
- BENI, Mário C.; MOESCH, Marutschka. Do discurso da ciência do turismo para a ciência do turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, n.25, p. 1-22, 2016. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/10857/7071>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- BISSOLI, Maria Ângela Marques A. *Planejamento turístico municipal com suporte em sistemas de informação*. São Paulo: Futura, 1999.
- BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel. *Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid: Ed. Taurus, 1997.

BOOKING.com revela os destinos mais acolhedores de cada Estado do Brasil. Estado do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://news.booking.com/pt-br/bookingcom-revela-os-destinos-mais-acolhedores-de-cada-estado-do-brasil/>. Acesso em 4 dez. 2024.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. De Tatuapara à polinésia brasileira: territorialidades e temporalidades do turismo em Praia do Forte (BA). *Revista Entre-Lugar*, Dourados-MS, v. 6, n.11, p.9-29, 2015. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/article/view/5147/2656>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BRASIL. Departamento de Informática do SUS. *Cadastro nacional de estabelecimento de Saúde*. Brasília: DATASUS, [S.d.]. Disponível em: <https://cnes.datasus.gov.br/>. Acesso em: 17 nov. 2009.

BRITO, Francisco Emanuel Matos. *Praia do(s) forte(s): onde os fracos lutam para ter vez: (eco) turismo, quilombolas e mudanças no litoral norte baiano*. Salvador: Assembleia Legislativa da Bahia, 2018.

BRITO, Vivian. Turismo, desenvolvimento regional e sustentabilidade: o caso do projeto Tamar em Praia do Forte-Bahia. *Revista Orbis Latina*, v.3, n.1, p.16-36, jan./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/461/410>. Acesso em: 31 jul. 2023.

BRUNI, Adriano Leal. *Wilhelm Hermann Klaus Peter*. Salvador: UFBA, 2022 (Coleção Gestões empresariais empreendedoras, organização de Horácio Nelson Hastenreiter Filho). Disponível em: www.gestoesinspiradoas.ufba.br. Acesso em: 21 set. 2024. [Cf. p.89 e 112]

BUTLER, Richard W. The Concept of a Tourist Area Cycle of Evolution: Implications for management of Resources. *Canadian Geographer*, n.24, p.5-12, 1980. Disponível em: <https://turismoadministracaoehospitalidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/10/resumo-butler-1980.pdf> Acesso em: 31 jul. 2023.

CANO, Wilson. *Ensaio sobre a crise urbana do Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2011.

CAMARGO, Haroldo L. *Uma pré-história do turismo no Brasil*. São Paulo: Aleph, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007. 123p.

CARNEIRO, Juliana; ALLIS, Thiago. Como se move o turismo durante a pandemia da COVID-19? *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo/RBTUR*, São Paulo, v. 15, n. 1, jan./abr., p.1-23, 2021. Doi: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v15i1.2212>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/rmSVQFWCd3CXdDJvqcYBRpt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2023.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; PEREIRA, Gilberto Corso (Org.). *Como anda Salvador e sua Região Metropolitana*. 2. ed. Salvador: Edufba, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/1724/1/Como%20anda%20Salvador_RI.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

CARVALHO, Silvana Sá de. Impactos econômicos do turismo nas metrópoles: um estudo comparativo. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, v. 12, n. 1, p.100-112, 2018.

CARVALHO, Silvana Sá de. Políticas públicas e a sustentabilidade no turismo metropolitano. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 16, n. 3, p. 89-102, 2016.

CARVALHO, Silvana Sá de. Turismo e transformações culturais nas metrópoles globais. *Revista Brasileira de Turismo e Cultura*, v. 6, n. 2, p. 83-92, 2015.

CARVALHO, Silvana Sá de; SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e Silva. Cartografia da acessibilidade a equipamentos urbanos no Litoral Norte de Salvador: um estudo com análise de proximidade. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, v. 12, n.1, p. 25-34, 2010. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/30/32>. Acesso em: 31 jul. 2023.

CERQUEIRA, João Pedro Costa; BAITZ, Ednice de Oliveira Fontes. Capital internacional como agente social produtor do espaço urbano: um estudo de caso de Praia do Forte - Mata de São João-Ba. *Revista Espaço & Geografia*, v.27, [p.58-91], 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/2236-56562024e49216>. Acesso em: 16 nov. 2024.

CHRISTALLER, Walter. *Central places in Southem Germany*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1966.

COLEÇÃO Iterpa. *Acervo Sesmarias*. 2024. Disponível em: <https://www.rosepepe.com.br/hotsiteacervo/sesmarias/conteudo/Livro01/apresentacao.ht>. Acesso em 5 jul. 2024.

CORIOLOANO, Luzia Neide. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: LEMOS, Amalia I. G. de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura. (Org.). *América Latina: cidade, campo e turismo*. São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2006. p.367-378. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/21coriol.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

COUTINHO, Alberto. *Via Metropolitana facilita acesso de baianos e turistas ao Litoral Norte*. [S.l.] Redação, 2018. Disponível em: <https://estradas.com.br/via-metropolitana-facilita-acesso-de-baianos-e-turistas-ao-litoral-norte/>. Acesso em 4 dez. 2024.

CRESCIMENTO do turismo baiano volta a superar média nacional. *Portal da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia*, Salvador, 2024. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/turismo/noticia/2024-07/4368/crescimento-do-turismo-baiano-volta-superar-media-nacional>. Acesso em: 20 out. 2024.

CRICK, Malcolm. Representations of international tourism in the social sciences: Sun, sex, sights, savings, and servility. *Annual Review of Anthropology*, v. 18, p.307-344., 1989.

CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. Políticas de turismo e construção do espaço turístico-litorâneo no Nordeste do Brasil. In: LEMOS, Amalia Inês G. de (Org.). *Turismo: impactos socioambientais*. São Paulo: Hucitec, 2020. p 263-272.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; ALVES, Larissa da Silva Ferreira. *Nordeste turístico e políticas de ordenamento do território*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; PANIZZA, Andrea de Castro; PEREIRA, Alexandre Queiroz. Vilegiatura marítima no nordeste brasileiro: diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA, 10. 2008. *Anais eletrônicos ...* Barcelona, Universidad de Barcelona, 26 a 30 de mayo de 2008. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/-xcol/302.htm>. Acesso em: 31 jul. 2023.

DANTAS, Eustógio W.C.; PEREIRA, Alexandre Q. (Org.). *Especialidades turísticas: do regional à globalização*. Rio de Janeiro: Letra Pitel, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/>

[books?hl=en&lr=&id=M9k2EAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA19&dq=Desenvolvimento+do+turismo+e+metropoliza%C3%A7%C3%A3o+na+cidade+de+Praia+do+Forte,+Bahia+na+doutorado&ots=FaI4EYXbGT&sig=LILDrT_VXOKknYJyFEpWyhOmTd0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=M9k2EAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA19&dq=Desenvolvimento+do+turismo+e+metropoliza%C3%A7%C3%A3o+na+cidade+de+Praia+do+Forte,+Bahia+na+doutorado&ots=FaI4EYXbGT&sig=LILDrT_VXOKknYJyFEpWyhOmTd0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 18 dez. 2023.

DE MASI, Domenico. *A sociedade pós-industrial*. São Paulo: Editora do SENAC, 1998.

ELITE RESORTS: Central de operadoras de turismo. *Homepage*, 2024. Disponível em: <https://eliteresorts.com.br/>. Acesso em: 25 out. 2024.

ENDRES, Ana Valéria; PAKMAN, Elbio Troccoli. A governança das políticas de turismo: o papel dos espaços de participação na perspectiva da análise de redes e da teoria institucional. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 13, n. 1, p. 1-8, 2019. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1431/842>. Acesso em: 7 out. 2024.

ESTEVEZ JUNIOR, Milton; NUNES, Orlando Vinicius Range; PASSOS, Rafael de Melo. Grandes projetos, grandes eventos, turistificação do território: da produção cultural à mercantilização e espetacularização da cidade e da cultura urbana. *R. B. Estudos Urbanos e Regionais*, v.16, n.1, p.125-138, maio, 2014. Disponível em: <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/bitstream/123456789/705/1/IU024.pdf>. Acesso em: 8 out. 2024.

FARIA, Gabriela Almeida de; ALVA, Juan Carlos Rossi; CARVALHO, Silvana Sá de. Ocupação territorial e impactos ambientais em Mata de São João: efeitos da metropolização turística no litoral norte de Salvador. In: CARVALHO, Inaiá M. M de; SILVA, S. B. de M. e; SOUZA, A. G.; PEREIRA, G. C. (Org.). *Metrópoles na atualidade brasileira*. Salvador: Edufba, 2012. v. 1, p. 203-230.

FARIA, Vilmar E. Cinquenta anos de urbanização no Brasil. tendências e perspectivas. *Novos Estudos-CEBRAP*, n. 29, p.1-2, 1991. Disponível em: https://professor.ufrgs.br/dagnino/files/faria_vilmar_1991_cinquenta_anos_urbanizacao_brasil.pdf. Acesso em: 31 ago. 2023.

FERREIRA, Álvaro. *A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço*. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

FERREIRA, Álvaro. Caminhando em direção da metropolização do espaço. *Geosp: Espaço e Tempo*, v. 20, n. 3, p. 441-450, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/123824/124664>. Acesso em: 22 set. 2024.

FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini de Freitas; MOURA, Rosa. *Aula 2: Metropolização e a rede urbana*. [s. l.]: INCT Observatório das Metrópoles, 2020. 1 vídeo (2: 46 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hbc1-PdJxz8&t=504s>. em: 12 maio 2021.

FITZSIMMONS, James A.; FITZSIMMONS, Mona J. *Administração de serviços: operações, estratégia e tecnologia da informação*. Porto Alegre: Bookman, 2000.

FOTOS antigas de Salvador [e da Bahia]. *Facebook*, 2024.

FUNDAÇÃO GARCIA D'ÁVILA. *Mata de São João*. 2024. Disponível em: <https://fgd.org.br/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FUNDAÇÃO PROJETO TAMAR. *História: Projeto Tamar*. Mata de São João, 2024. Disponível em: <https://www.tamar.org.br/interna.php?cod=64>. Acesso em: 4 dez. 2024.

GASTAL, Susana A.; MOESCH, Marutschka. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph, 2007.

GAVILAN, Simone *et al.* (Org.). *Educação ambiental: para conservação de tartarugas marinhas no Nordeste do Brasil*. Mossoró, RN: Edições UERN, 2022. Disponível em: https://www.tamar.org.br/publicacoes_html/pdf/2022/2022_Livro_de_Educacao_Ambiental.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023

GIANESI, Irineu G. N.; CORRÊA, Henrique L. *Administração estratégica de serviços: operações para a satisfação do cliente*. São Paulo: Atlas, 1996.

GOELDNER, Charles *et al.* *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. Tradução de Roberto C. Costa. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOOGLE Maps. *Mapeamento do uso do solo – Mata de São João*. Acesso em: 20 out. 2022.

GOVERNO do Estado amplia o cuidado com a saúde dos baianos. Salvador: Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 27 dez. 2023. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/2023/12/27/balanco2023/#:~:text=Em%202023%20foram%20entregues%20duas,entrega%20de%2049%20novas%20ambul%C3%A2ncias>. Acesso em: 31 jul. 2023.

GUIA VIAGENS BRASIL. *Fotos da Praia do Forte*. Mata de São João, 2024. Disponível em: <https://www.guiaviagensbrasil.com/galerias/ba/fotos-da-praia-do-forte/> Acesso em: 04 dez. 2024.

HARVEY, David. O direito à cidade. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf. Acesso em: 07 out. 2024.

HASTENREITER FILHO, Horácio Nelson *et al.* (Org.). *Gestões empresariais inspiradoras*. Salvador: Ed. dos Autores, 2022.

IANNI, Aurea Maria Zöllner; COSTA, Maria Izabel Sanches; TRAVAGIN, Leticia Bona; SERRA, Isabela Licata. Individualização e trabalho no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. *Saúde em Debate*, v.46, n.134. p. 1-13, jul./set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213419>. Disponível em: <https://scielo.br/j/sdeb/a/Yr5mYkZfxCXfRSGFndyzRQn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 out. 2024.

INNOVARE Consultoria e Serviços Ltda. *I Pesquisa de Demanda Atual Presencial Destino Praia do Forte*. Consultor Técnico Responsável Fernando Augusto Melo do Amaral Oliveira. Bahia: SESAB, 2018. Acesso em 30/10/2024.

INSTITUTO BALEIA JUBARTE. *Galeria de Fotos*. Mata de São João, 2024. Disponível em: <https://baleiajubarte.org.br/galeria-de-fotos>. Acesso em: 4 dez. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Boletim de Análise Conjuntural do turismo na Bahia*. Salvador, 2023. (1º Trimestre).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2010*. Brasília, 2025. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/materiais/guia-do-censo/glossario.html>. Acesso em: 5 maio 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cidades e Estados: Bahia – Mata de São João*. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/mata-de-sao-joao.html>. Acesso em: 13 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Pesquisa Mensal de Serviços: janeiro a novembro de 2023*. Brasília-DF, 2024. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/42451-volume-dos-servicos-recua-0-9-em-novembro#:~:text=Frente%20a%20novembro%20de%202023%2C%20a%20expans%C3%A3o%20do%20volume%20de,Federal%20\(7%2C%205\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/42451-volume-dos-servicos-recua-0-9-em-novembro#:~:text=Frente%20a%20novembro%20de%202023%2C%20a%20expans%C3%A3o%20do%20volume%20de,Federal%20(7%2C%205).). Acesso em: 14 ago. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. *Governança metropolitana no Brasil: relatório de pesquisa*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://ipea.gov.br/redeipea/images/pdfs/governanca_metropolitana/151228_relatório_analise_salvador_2.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

JESUS, Marcus Henrique Oliveira de. *Políticas territoriais no litoral norte da Bahia: entre os meios geográficos e a avaliação ambiental estratégica*. 2021. 164 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2021.

JOHNSTON, Charles Samuel. Shoring the foundations of the destination life cycle model, part 1: Ontological and epistemological considerations. *Tourism Geographies*, v.3, n.1, p.2-28, 2001.

KOTLER, Philip. *Administração de marketing: análise, planejamento e controle*. São Paulo: Atlas, 1980.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. São Paulo, Paz e Terra, 1983.

KRIPPENDORF, Jost. *A sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph, 2000. p.43.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César. *Economia do turismo*. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEMONS, Chélen Fischer de. Audiências públicas, luta social e participação democrática. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, UFRJ, v. 8, n.1, p. 163-184, 1999.

LENCIONI, Sandra. *Metrópole, metropolização e regionalização*. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

LENCIONI, Sandra. *Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da Metrópole de São Paulo, a indústria têxtil*. 1991. 295p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1991. Disponível em: <https://lergeo.fflch.usp.br/sites/lergeo.fflch.usp.br/files/u97/LENCIONI%2C%20Sandra.%20Reestrutura%C3%A7%C3%A3o%20Urbano-Industrial.%20Centraliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20capital%20e%20desconcentra%C3%A7%C3%A3o%20da%20metr%C3%B3pole%20de%20S%C3%A3o%20Paulo.%20A%20ind%C3%BAstria%20t%C3%AAtil.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

LENCIONI, Sandra. *Região e geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.

LENCIONI, Sandra. Urbanização difusa e a constituição de megarregiões: o caso de São Paulo-Rio de Janeiro. *e-metropolis*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 22, p. 6-15, 2015. Disponível em: http://emetropolis.net/system/edicoes/arquivo_pdfs/000/000/022/original/emetropolis_n22.pdf?1447896390. Acesso em: 31 jul. 2023.

LEOPOLDO, Eudes. A produção do pensamento sobre a metrópole e o metropolitano na escola de geografia urbana de São Paulo: o lugar de Sandra Lencioni. *Geosp: Espaço e Tempo*, v. 20, n. 3, p. 1-24, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geosp/article/view/124497/124668>. Acesso em: 31 jul. 2023.

LIMA, Marcos Castro de. *Quando o amanhã vem ontem: a institucionalização da região metropolitana de Manaus e a indução ao processo de metropolização do espaço na Amazônia ocidental*. 2014. 298p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) -Universidade de São Paulo, Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06042015-191044/publico/2014MarcosCastroDeLima_VOrig.pdf. Acesso em: 31 jul. 2023.

LIMONAD, Ester. Urbanização dispersa é mais uma forma de expansão urbana? *Revista Formação*, v.1, n. 14, p. 31-45, 2007. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/Limonad.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

LIPIETZ, Alain. Fordismo, fordismo periférico e metropolização. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v.10, n. 2, p.1-33, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4073014/mod_resource/content/1/Lipietz%20fordismo%20perif%C3%A9rico%20e%20megalopoliza%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.

LOHMANN, Guilherme; LOBO, Heros A. S.; TRIGO, Luís Gonzaga G.; VALDUGA, Vander; CASTRO, Rafael; COELHO, Mariana de F.; CYRILLO, Marina W.; DALONSO, Yoná; GIMENES-MINASSE, Maria Henriqueta; GOSLING, Marlusa DE S.; LANZARINI, Ricardo; LEAL, Sérgio R.; MARQUES, Osiris; MAYER, Verônica F.; MOREIRA, Jasmine C.; MORAES, Lauro A. de; PANOSSO NETTO, Alexandre; PERINOTTO, André R. C.; QUEIROZ NETO, Ambrozio; RAIMUNDO, Sidnei; SANOVICZ, Eduardo; TRENTIN, Fabia; UVINHA, Ricardo R. O futuro do turismo no Brasil a partir da análise crítica do período 2000-2019. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, n.16, p.1-20, e-2456, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2456>. Acesso em: 16 out. 2023.

LOHMANN, Guilherme. PANOSSO NETTO, Alexandre. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph, 2012.

MAGALHÃES, Denise Silva. *Fragmentação e segregação socioespacial no processo de urbanização do Litoral Nordeste da Bahia: os dois lados da Rodovia BA-099 – “Estrada do Coco”*. 332f. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) -Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

MATA DE SÃO JOÃO-BA. Prefeitura Municipal. *A cidade: dados municipais*. 2024. Disponível em: <https://www.matadesaojoao.ba.gov.br/Site/dadosmunicipais>. Acesso em: 4 dez. 2024.

MATA DE SÃO JOÃO-BA. Prefeitura Municipal. *Fotos do Acervo Municipal*. 2023.

MATA DE SÃO JOÃO-BA. Prefeitura Municipal. *Plano Diretor Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal de Mata de São João*. Mata de São João, 2006.

MATA DE SÃO JOÃO-BA. Prefeitura Municipal. *Vista aérea da Praia do Forte* [fotografia]. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/search/2/image?Frase=praia%20do%20forte&sort=mostpopular&license=rf%2Crm&page=2>. Acesso em: 21 set. 2024.

MÉO, Guy Di. Introdução ao debate sobre a metropolização: Uma chave de interpretação para compreender a organização contemporânea dos espaços geográficos. Tradução Aniel Lima dos Santos. *Revue Franco-Brésilienne de Géographie*, n. 4, p. 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/5433>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MENEZES, Pedro. Praias brasileiras estão entre as melhores do mundo de 2024: veja top 55. *PANROTAS*, 17 jul. 2024. Disponível em: [https://www.panrotas.com.br/destinos/pesquisas-e-estatisticas/2024/07/5-praias-brasileiras-estao-entre-as-melhores-do-mundo-de-2024-veja-top-55_207270.html#:~:text=Outras%20praias%20brasileiras%20apareceram%20no,de%20S%C3%A3o%20Jo%C3%A3o%20\(BA\)](https://www.panrotas.com.br/destinos/pesquisas-e-estatisticas/2024/07/5-praias-brasileiras-estao-entre-as-melhores-do-mundo-de-2024-veja-top-55_207270.html#:~:text=Outras%20praias%20brasileiras%20apareceram%20no,de%20S%C3%A3o%20Jo%C3%A3o%20(BA)). Acesso em: 18 set. 2024.

METRÓPOLE. In: DICIONÁRIO MICHAELIS, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/metr%C3%B3pole>. Acesso em: 15 jun.2023.

MILAN, Betty. Praia do Forte e da Ecologia. Resort adota o lema “usufruir sem destruir”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 1996. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/a-bahia-da-praia-do-forte/>. Acesso em 15 jan. 2014.

MOURA, Rosa. O complexo diálogo entre o urbano e o regional. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, Blumenau-SC, v. 4, n. 2, p. 5-26, dez. 2016. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/rbdr/article/view/5654/3493>. Acesso em: 31 jul. 2023.

OLIVEIRA, Josildete; TRICÁRIO, Luciano. O destino turístico da Praia do Forte - Bahia: análise sob a ótica da hospitalidade urbana. *Turismo, Visão e Ação*, v. 25, n. 3, p.1-18, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tva/a/9shx5mtBGDrZDqyvNB6m5hJ/?Format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2023.

OBSERVATÓRIO DataMPE BRASIL. *Mata de São João*: município. Mata de São João: SEBRAE, 2024. Disponível em: <https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/mata-de-sao-joao>. Acesso em: 4 dez. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO – OMT. 2017: Ano Internacional do Turismo Sustentável. Disponível em: <https://www.unwto.org/tourism4development2017>. Acesso em 30/09/2024.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília (Org.). *Turismo de Experiência*. São Paulo: Editora do Senac, 2010.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcelino C. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo- RBTUR*, v.8, n.1, p.120-144, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/719/632>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcelino C. *Turismo, perspectiva crítica: textos reunidos*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2016. 264p.

PANOSSO NETTO, Alexandre; TOMILLO NOGUERO, Félix; JÄGER, Margret. Por uma visão crítica nos estudos turísticos. *Revista Turismo em Análise*, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 539-560, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14262>. Acesso em 20 set. 2024.

PEREIRA, Alexandre Queiroz; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia.; GOMES, Iara Rafaela. *Lazer na praia: segunda residência e imobiliário turístico no Nordeste*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016. (Estudos da Pós-Graduação). Disponível em: https://researchgate.net/publication/308201835_Lazer_na_praia_segunda_residencia_e_imobiliario_turistico. Acesso em: 18 dez. 2023.

PEREIRA, Aliger dos Santos; BARRETO, Maria Raidalva Nery; OLIVEIRA, Fabiano Viana; NANO, Rita Maria Weste; LEBRES, Vera Alexandre Ferro. Ciclo de Vida Organizacional (CVO) com o uso da Inteligência Competitiva (IC). *Revista Foco*, v. 17, n. 5, p. e4972, 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4972>. Acesso em: 30 set. 2024.

PEREIRA, Gilberto Corso; FERNANDES, Claudia Monteiro; MOSQUERA, Carlos Andres Diaz. *Salvador em transformação: a dinâmica populacional recente da região metropolitana no Censo 2022*. Rio de Janeiro: Observatório das Metrôpoles, 2023. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/salvador-em-transformacao-a-dinamica-populacional-recente-da-regiao-metropolitana-no-censo-2022/>. 4 dez. 2024.

PETERS, Klaus. *Praia do Forte*: Klaus "Cacau" Peters explica criação de um dos principais destinos turísticos do Brasil. s. l.]: ADIT Brasil, 2023. 1 vídeo (1: 04 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=StXw0r3IaGI>. em: 12 maio 2021.

PEZZI, Eduardo; SANTOS, Rafael José dos. A experiência turística e o turismo de experiência: aproximações entre a antropologia e o marketing. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 7., 2012, Caxias do Sul-RS. *Anais eletrônicos...*, Caxias do Sul-RS, 16 a 17 de novembro, 2012. Caxias do Sul-TS: UCS, 2012.

PEZZI, Eduardo; VIANNA, Silvio L. G. A experiência turística e o turismo de experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. *Turismo em Análise*, v.26, n.1, especial 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/89169/99437>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PIMENTEL, Mariana C. P. Sistematização da disciplina do turismo. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos – ABET*, Juiz de Fora, v.7, n.2, p.8-19, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/3167/1148>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PRESIDENTA Dilma e Governador Marcelo Deda inauguram ponte Gilberto Amado. *Portal do Governo do Estado de Sergipe*: Notícias. Aracaju, 29 jan. 2013. Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias> [https://www.se.gov.br/noticias /Governo/presidenta-dilma-e-governador-marcelo-deda-inauguram-ponte-gilberto-amado](https://www.se.gov.br/noticias/Governo/presidenta-dilma-e-governador-marcelo-deda-inauguram-ponte-gilberto-amado). Acesso em: 30 out. 2024.

QUEIROZ, Renan. *As implicações dos investimentos do Prodetur no processo de produção do espaço em Imbassai (Mata de São João-BA)*. 2016. 165f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/22575/1/Disserta%c3%a7%c3%a3%20de%20mestrado%20-%20VERS%20FINAL.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

RABAHY, Wilson Abrahão. Análise e perspectivas do turismo no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 14, n.1, p. 1-13, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/9BTf68LkqpcDDsKFvNxYSs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 out. 2024.

RIBEIRO, D. M. S. Do Brasil Colônia aos dias atuais: os impactos do Regime Morgado. *Aventuras na História*. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/do-brasil-colonia-aos-dias-atuais-os-impactos-do-regime-morgado.phtml>. Acesso em: 22 mar.2025.

RIBEIRO, Luiz C. *A metrópole em questão*: desafios da transição urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

RIBEIRO, Luiz C.; SILVA, Érica; RODRIGUES, Juciano. Metrôpoles brasileiras: diversificação, concentração e dispersão. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n.120, p.177-207, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://ipardes.emnuvens.com.br/revistaparanaense/article/view/232/674>. Acesso em 14 fev. 2022.

RIBEIRO, Willame de Oliveira. Belém: urbanização regional policêntrica e cidade-região. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 20, n. 70, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/download/54687/31377/258399>. Acesso em: 18 dez. 2023.

RODRIGUES, Adyr B. Lugar, não lugar e realidade virtual no turismo globalizado. *Revista do Departamento de Geografia – RDG*, v. 10, p. 73-78, 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdg/article/view/53705/57668> Acesso em 14 fev. 2022.

RODRIGUES, Frederico do Nascimento; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Resorts no Nordeste Brasileiro: da inserção ao discurso empresarial verde no Porto das Dunas, Aquiraz/CE. *GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais*, v. 8, n 15, p. 1-18, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5528/552860957001/552860957001.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023.

RODRIGUES, Léo [repórter]. *Censo 2022: o que explica a queda populacional em diferentes capitais*. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro: 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/censo-2022-o-que-explica-queda-populacional-em-diferentes-capitais#:~:text=%22O%20principal%20fator%20por%20tr%C3%AAs,aumento%20da%20expectativa%20de%20vida>. Acesso em: 4 dez. 2023.

RUSCHMANN, Doris. *Marketing turístico: um enfoque promocional*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1990.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene; REJOWSKI, Mirian; CACCIAMALI, Maria Cristina. Cursos e programas de ensino em Turismo: realidade de cinco cidades brasileiras. *Revista Turismo em Análise*, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 1, p. 7-25, 1996.

SANTANA, Mariana de Oliveira; SILVA, Máina Pirajá; GUIDICE, Dante Severo. O papel do turismo nas transformações espaciais no litoral da região metropolitana de Salvador: o caso de Mata de São João. *RBTUR*, São Paulo, v.14, n.3, p. 1-21, set./dez. 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbtur/a/6mSsYmgV8q6fxzsyLSLy_5kP/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 31 jul. 2023.

SANTOS, Glauber E. de Oliveira; PANOSSO NETTO, Alexandre; WANG, Xuanyi. Análise de citações de periódicos científicos de turismo no Brasil: subsídios para a estimação de indicadores de impacto. *Rev. Bras. Pesq. Tur.*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 61-88, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/sQh6MRszt4K8VdsDrSrVwZR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. 2. ed. São Paulo: Editora Hucitec/ANPUR, 1996.

SANTOS, Telma Maria Sousa dos. Urbanização turística e a produção do espaço nos centros do lazer: um estudo sobre Praia do Forte - Bahia. *Revista Geográfica de América Central*, Costa Rica, v. 2, n. 47E, p. 1-16, jul./dic., 2011.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

SERPA, Ângelo. Periferização e metropolização no Brasil e na Bahia: o exemplo de Salvador. *GeoTextos*, v.3, n.1, p.31-46. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3044/2147>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SEVERINO, Antônio. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ccaaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Methodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso em: 18 dez. 2023.

SILVA, Ana Licks Almeida; MELLO, Marcia M. Couto; MILANEZ, Joanna Lima de Almeida. Coexistência entre o passado e o futuro: transformações urbano-estratégica da Praia do Forte-

BA. *Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE*, ano. 21, v. 2, n. 43, p.1-21, ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/6273/3955>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Barbara-Christine Marie Nentwig; CARVALHO, Silvana Sá de; SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Globalização, turismo e residências secundárias: o exemplo de Salvador-Bahia e de sua região de influência. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, v.4, p.1-16, 2009. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/raoit/article/view/3547/1674>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, João Paulo da; ARAÚJO, Cristina Pereira de. Turismo no Brasil, desigualdade social e o discurso das políticas públicas. *Revista Sociedade e Estado*, v. 37, n.3, p. 1-22, set./dez., 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Tw5T3XBCTKkMkr4ZbxNnmk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Máina Pirajá. *O papel dirigente nas regiões metropolitanas de Salvador, Recife e Fortaleza: dinâmicas e limitações*. 2017. 297f. il. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25645>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Maria da Glória Lanci da. *Cidades turísticas: identidades e cenários de lazer*. São Paulo: Aleph, 2004.

SILVA, Sylvana K. M.; GOUVEIA, Zwyła A. C. “Tour” teórico com Panosso Netto: quando tudo parece frustração e expectativa gerada é momento de olhar o passado, enfrentar o presente e construir. *Revista de Turismo Contemporâneo – RTC*, Natal, v. 4, (Edição Especial), p.96-115, abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/6729/6416>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. A dinâmica do turismo em metrópoles globais. *Caderno Virtual de Turismo*, v. 15, n. 3, p. 70-89, 2015.

SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e. Cartografia da acessibilidade e da interação no Estado da Bahia. *Geografia*, v. 7, n. p. 13-14, 1982. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14797/11436>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Metropolização e raízes da periferização turística. *Revista Turismo em Análise*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 7-16, 1996. Doi: 10.11606/issn.1984-4867.v7i2p7-16. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63300>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Metropolização e turismo: análise comparativa entre São Paulo e Rio de Janeiro. *Revista Turismo & Sociedade*, v. 10, n.2, p. 112-130, 2017.

SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e. Teorias de localização e de desenvolvimento regional. *Geografia*, v.1, n.2, p.1-23, 1976. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14748/11378>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Turismo e metropolização: desafios e perspectivas para o planejamento urbano. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 12, n. 1, p. 45-64, 2010.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; CARVALHO, Silvana Sá de. O marketing territorial público e privado de Salvador e sua região de influência imediata. In: SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e (Org.). *Estudos sobre dinâmica territorial, ambiente e planejamento*. Salvador: Grafset, 2011. p.69-84.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; CARVALHO, Silvana Sá de. Vende-se uma região: o marketing territorial público e privado do litoral norte da Bahia. *Revista Desenbahia*, v. 7, p. 99-114, 2011. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/vende-se-uma-regio/18756867>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e; LEÃO, Sônia de Oliveira; SILVA, Barbara-Christine Nentwig. *Urbanização e metropolização no Estado da Bahia: evolução e dinâmica*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Barbara-Christine Nentwig; CARVALHO, Silvana Sá de. Globalização, turismo e residências secundárias: o exemplo de Salvador-Bahia e de sua região de influência. In: GMÜNDER, Ulich (Org.). *Salvador Hamburgo: passado e presente da globalização*. Salvador: Goethe-Institut, 2010. v. 1, p. 83-91.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Barbara-Christine Nentwig; CARVALHO, Silvana Sá de. Globalização, turismo e residências secundárias: o exemplo de Salvador-Bahia e de sua região de influência. *Observatório de Inovação do Turismo*, Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.1-15, 2009.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Barbara-Christine Nentwig; CARVALHO, Silvana Sá de. Metropolização e turismo no Litoral Norte de Salvador: de um deserto a um território de enclaves? In: PEREIRA, Gilberto Corso; CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de (Org.). *Como anda Salvador*. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008. p.189-211.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Barbara-Christine Nentwig. *Estudos sobre globalização, território e Bahia*. 2. ed. Salvador: UFBA, 2006.

SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e; SILVA, Barbara-Christine Nentwig; SILVA, Máina Pirajá. Organização social e indicadores socioeconômicos no Brasil: um estudo exploratório. *Caderno CRH*, v. 22, n. 57, 2010. Doi: 10.9771/ccrh.v22i57.18997. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18997>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SOARES, Luís Severo. O fio de Ariadne e o desatar dos nós do turismo urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto (Org.). *A cidade como negócio*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 227-246.

SOUZA, Marcelo J. L.; CARLOS, Ana Fani A.; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOUZA, Silvana do Rocio de; BAHLL, Miguel; KUSHANO, Elizabete Sayuri. O espaço do turismo: produção, apropriação e transformação do espaço social. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v.10, n.2, p.313-331, dez. 2013. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/531/546>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Org.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 61-94.

TAKASAGO, Milene; MOLLO, Maria de Lourdes R. A Economia do turismo e a redução da pobreza e da desigualdade no Brasil: o papel do Estado. *Turismo em Análise*, v.19, n.2, p.1-23, ago., 2008. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rta/article/view/14156/15974>. Acesso em: 31 jul. 2023.

TEMPORADA PRAIA DO FORTE. Quem foi Klaus Peters? e porque ele é tão importante na Praia do Forte. 2024. Disponível em: <https://temporadapraiadoforte.com.br/page/NDk2/quem-foi-klaus-peters-#>. Acesso em: 4 dez. 2024.

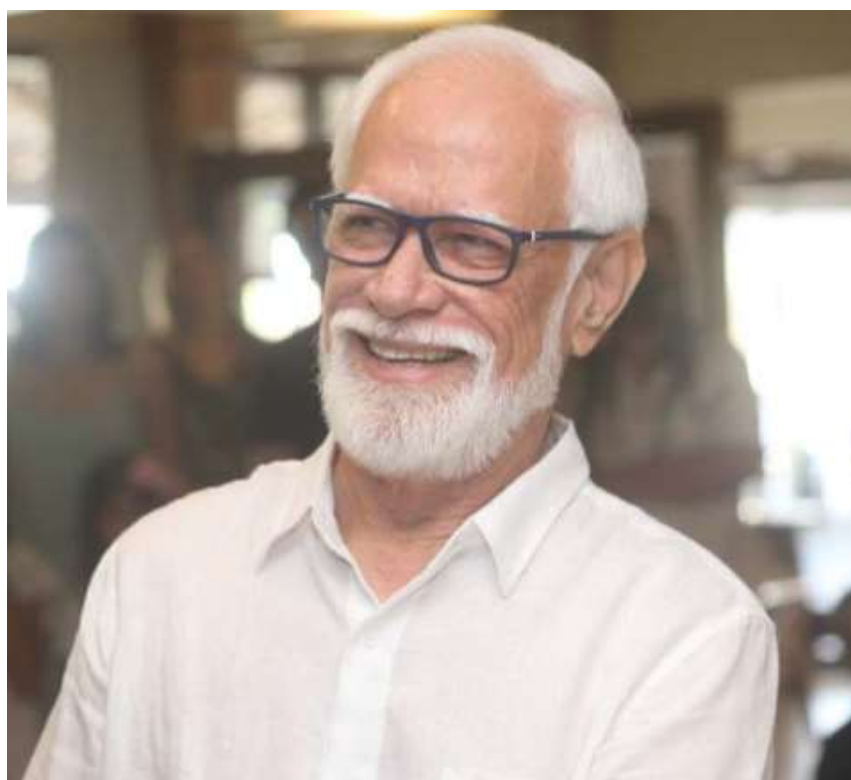
- TEIXEIRA, A.; CHRISTOFOLETTI, A. *Sistema de informações geográficas: dicionário ilustrado*. São Paulo: Hucitec, 1997. 244p.
- TINOCO, Achel. *O Castelo de Wilhelm Hermann*. 2.ed. São Paulo: Garimpo Literário, 2019.
- TOMLIN, C. D. *Geographic information systems and cartographic modeling*. New Jersey: Prentice Hall, 1990. 249p.
- TURISFORTE. *Boletim Informativo*, Mata de São João-BA, 2024. Disponível em: https://www.turisforte.com.br/files/ugd/658612_b73922f7e0594ae28799cb074d05c5aa.pdf. Acesso em: 4 dez. 2024.
- TRIPADVISOR LLC [Site de turismo]. *Fotos de divulgação da Reserva Sapiranga*. Mata de São João-BA, 2024.
- URRY, John. *O olhar do turista* [1990]. São Paulo: Nobel, 1996.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade, o urbano, o lugar. *GEOUSP Espaço e Tempo*, v.3, n.2, p.11-15, 1999. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/123359/119695>. Acesso em: 31 jul. 2023.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Org.). *A cidade contemporânea: segregação espacial*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-38.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. *Dois séculos de pensamento sobre as cidades*. Salvador: Edufba, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16838>. Acesso em: 20 set. 2024.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Salvador: permanências e transformações (1549-1996). *Rev. Inst. Geogr. Hist. Bahia*, Salvador, n. 92, p. 287-300, 1996.
- VOLOCHKO, Danilo. A moradia como negócio e a valorização do espaço urbano metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto (Org.). *A cidade como negócio*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 97-120.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Entrevista com Firmo Azevedo, 77 anos de idade, arquiteto conhecido na região, professor aposentado da Faculdade de Arquitetura da UFBA, projetou e construiu cerca de 30 residências e pousadas, proprietário da Pousada Sobrado da Vila, em Praia do Forte.

Figura 1 – Entrevista com Firmo Azevedo



Fonte: A Autora.

O tema da conversa é a influência do turismo na metropolização de Mata de São João, especificamente Praia do Forte.

Já construiu cerca de 30 casas durante os 40 anos em que desenvolve suas atividades profissionais naquela região.

Firmo informa que, antes de Praia do Forte, a Goes Coabita comprou uma área em Guarajuba, construiu lá uma pousada, que era menor, mas que já começou a contribuir para a região.

Klaus Peters comprou uma área enorme com 12 km de praia, do Rio Pojuca a Imbassaí. Construiu primeiramente uma pousada e, posteriormente, um hotel que hoje é o Tivoli.

Um arquiteto que trabalhou com ele aqui no Brasil foi o Wilson Reis Neto, que diz ter sido colega de Lúcio Costa e Niemeyer. Ele participou da elaboração do primeiro plano piloto.

Klaus manteve a área com mão de força, delimitou a Vila e a área da residência dos pescadores.

O plano piloto criou toda uma legislação para o uso do solo, para a Vila. Por exemplo, não permitindo o uso de materiais modernos como mármore, granito, alumínio, acrílico, etc. A ideia foi preservar a cultura do lugar, utilizando os materiais de construção originalmente lá usados.

O turismo de Praia do Forte não veio de Salvador. O hotel não fazia propaganda em Salvador, mas na Europa, São Paulo e Rio de Janeiro. O baiano era quase proibido de ir lá. Ele vendia terrenos só para quem construísse a casa em um ano e vendia em dólar.

Firmo fez para Klaus um projeto chamado Açuzinho. A ideia do Klaus era dar para as famílias dos funcionários de Praia do Forte e para a Prefeitura. Esse projeto seria do outro lado da estrada, sendo que foi colocada a restrição de não construir nada antes de 200 metros da estrada, para quem passasse por ela não visse os telhados.

Os compradores de Praia do Forte contribuíam, pois isso fazia parte da compra, para a Fundação Garcia Dávila, mantenedora da área do castelo. As vendas eram feitas em dólar, valorizando muito a região.

Até hoje, não existem favelas. Há populações pobres, mas com certa integridade, o que é um diferencial. A valorização chegou a Imbassaí e a Diogo. Chegaram também os grandes projetos Sauipe e Iberostar.

Hoje, são poucas as casas originais na Vila, mesmo o Klaus tendo sido muito rigoroso; por exemplo, não era permitido tanque de água nos telhados, nem antena de TV a vista.

Houve uma mudança de mentalidade no Klaus Peters quando ele se casou com a dona Angélica, que era uma funcionária dele, que veio com 2 filhos. A visão empresarial ficou diferente. Antes, ele andava pela rua, o que ela começou a não deixar. Creio que ela foi como que o isolando ele aos poucos. Firmo informa que foi amigo dele, mas, quando ele se aproximava, ela o puxava pelo braço; não queria que ele ficasse perto. Ela não gostava dele por ser amigo do passado. Ela foi trocando os funcionários também por gente nova, isso na década de 90. Klaus passou a ter uma visão mais imediatista da vida, diferente do que ele era antes, que era uma visão mais de longo prazo. Por exemplo, ele tinha também cerca de 30 km de

margem do Rio Pojuca, que ele queria retalhar em pequenas fazendas para produzir insumos para o turismo. No projeto, era definido o que plantar em cada lote, para haver diversidade.

Klauss mantinha contatos com secretários de Segurança para que não entrassem na vila pessoas indesejáveis, havendo também alguns seguranças que identificavam pessoas suspeitas para não entrarem na vila, como traficantes, por exemplo. Ficou, assim, um destino sofisticado.

Depois, ele vendeu tudo para João Gualberto e foi morar no Panamá.

Firmo implantou a Turisforte – Associação Comercial de Praia do Forte, que abrange toda a cadeia produtiva de Praia do Forte. Hoje, são 150 associados e é uma espécie de segunda prefeitura. Ele já foi presidente dessa associação por diversos mandatos. Pessoas até brincam com ele dizendo que ele é o dono da Turisforte. Existe também a Associação dos Pescadores, a Associação dos Condomínios e um Conselho de Segurança.

A Turisforte cuida dos turistas e dos residentes tratando de coisas como, por exemplo, se existe transporte para funcionários que deixam o trabalho à noite, como melhorar a entrega do gás GLP e diversos outros itens. Certa feita, ele foi até à Prefeitura de Mato de São João levando 80 reivindicações para Praia do Forte.

A Covid e a dinâmica da gestão de João Gualberto trouxeram velocidade nas construções; há condomínio hoje com 400 e 600 lotes. Imbassá e Guarajuba sofrem influências. Está em construção o parque temático de águas.

O governo de Sergipe construiu a ponte de quase 1 km entre Bahia e Sergipe, o que contribuiu enormemente para o acesso a Praia do Forte. Isso porque Salvador é praticamente um “cul-de-sac”, uma ponta com um só acesso. A capital mais perto do sul do país é Vitória no Espírito Santo, que é mais de 1,000 km de distância, enquanto, para o Nordeste, há capitais muito mais perto.

Há anos, Firmo tenta influenciar os políticos a criarem uma cidade para dentro, completa, entre Guarajuba e Sauípe, a cerca de 5 km no interior, na direção de Praia do Forte. Isso porque, entre Guarajuba e Sauípe, existem cerca de 40.000 segundas residências. As pessoas não vão morar lá porque não existe estrutura urbana como escolas, hospitais, etc., tudo de que uma estrutura urbana necessita. Essa cidade poderia ser planejada para isso, uma cidade planejada, toda organizada. Essa cidade para dentro de Praia do Forte poderia esvaziar um pouco Salvador, porque muitas dessas 40.000 segundas residências poderiam ser moradias para essas pessoas. Existe a escola Vila, em Praia do Forte, que será inaugurada em 2025.

Imbassá tem terrenos maiores, que possibilitaram construir pousadas com mais áreas verdes.

Firmo teve, no passado, uma empresa chamada Urplan e viu acontecerem iniciativas como as de Rômulo Almeida, a Nova Dias d'Ávila, etc.

O sucesso de Praia do Forte é porque não existe uma população muito pobre que, não participando da sociedade, iria se drogar, praticar crimes, etc.

Em Búzios, Parati e outros destinos turísticos, há favelas. Brasília construiu as cidades satélites, que não se desenvolveram, reforça o entrevistado.

Ele lembra que havia uma escolinha, e a professora Vilma informava que 50% dos alunos eram pagos pelos hotéis a fim de aprenderem inglês. Os outros 50% eram filhos dos residentes para crescerem profissionalmente.

No turismo, os funcionários ganham menos do que na construção e na indústria, e o governo não ajuda. Existem cidades na Europa e em outros locais que têm de 30 a 40% dos empregos vindos do turismo, como a Grécia; e o Chile também está se desenvolvendo nesse sentido. O Brasil tem muitas oportunidades para serem aproveitadas.

Firmo fez um projeto para a Conder, do Governo da Bahia, em Imbassaí, de uma escola para formar profissionais de turismo. Tinha auditório, restaurante, locais para treinamento de garçons, quarto para treinamento das camareiras, etc. Nunca foi colocado em prática.

Existiu o Instituto da Hospitalidade da Odebrecht, e o Paulo Gaudencio foi um ótimo promotor do turismo em sua época como gestor.

João Gualberto é sobrinho de Mamede Paes Mendonça, empresário do ramo de supermercados, ele trabalhava como fiscal de caixa. Montou uma empresa de sabão líquido e outros produtos químicos para limpeza. Depois, montou o Peti Preço, que vendeu, mas ficou com as lojas. Foi obrigado a sair do mercado, foi para Minas Gerais e criou o Hiper Ideal.

Firmo, como presidente da Turisforte, várias vezes esteve com João Gualberto, que citou não estar ali pelo salário de Prefeito, pois já tinha muitos aluguéis, isso há 20 anos atrás. Foi colocado na cidade toda um calçado moderno, o que não teria ocorrido se PF tivesse sido tombada, conforme sugeriu no passado que Klaus Peters o fizesse.

Praia do Forte não tinha canalização de água nem de esgotos, e a Associação conseguiu muita coisa. O uso de lâmpadas amarelas dá um toque especial em vez de lâmpadas modernas brancas, por exemplo. Arembepe e Jauá eram vilas lindas e, hoje, é como se fossem São Caetano e outros bairros periféricos degradados de Salvador.

Firmo construiu uma pousada que começou com 5 apartamentos, era como se fosse mais para a família. Depois aumentou para 8, 12, 15, chegando a 37 apartamentos, número que a pousada tem hoje. Também fez o projeto da Pousada Vila dos Corais, com 50 apartamentos.

Segundo ele, o Brasil tem um problema básico que é o da educação, pois o Ensino Médio não forma profissionais.

Hoje, Praia do Forte é um destino caro, por isso não tem farofeiro, mas existe muito emprego – cerca de 4.000 empregos só dentro da Vila. E possibilita conforto para quem chega. Existe iluminação pública, não há assaltos, roubos, nem violência. Pode ocorrer um pequeno furto, algum garoto pegar algo, mas nada maior.

Klaus sempre dificultou grandes festas, mas Firmo Azevedo acha que a festa com jovens, traz alegria, podendo criar futuros clientes para Praia do Forte. Existe a festa tradicional de São Francisco.

Um problema atual do turismo é o AirBNB, pois pessoas alugam, levam muitas pessoas, bandas, fazem barulho. Barcelona, por exemplo, quer proibir AirBNB.

Firmo já participou de programas como o Qualitur, o Produtur, etc., mas diz que são iniciativas sazonais, e sua continuidade depende do dirigente político da época.

Foi perguntado se a Associação sabe a quantidade hoje de hotéis, escolas e equipamentos de saúde, tendo respondido que teríamos que ver com a Associação.

Sugeri à autora que, quando viesse a Salvador, irem juntos a Praia do Forte, conversar com outras pessoas da localidade.

APÊNDICE B

Entrevista no *YouTube* com Klaus Peters Filho, filho de Klaus Peters, um visionário no desenvolvimento do turismo no Brasil, especialmente na Praia do Forte. A entrevista explora sua experiência no setor turístico, a criação e o desenvolvimento da Praia do Forte, o pioneirismo de sua família no setor de marinas, e o impacto do turismo planejado no Brasil. (<https://youtu.be/StXw0r3IaGI?si=rV9NsFiH60r7Wqoq>)

Figura 2 – Foto da Entrevista com Klaus Peters Filho



Fonte: A Autora.

Klaus Peters Filho, conhecido como Cacau, participou de uma entrevista em que discutiu a história de sua família e seu papel crucial no desenvolvimento da Praia do Forte, uma área inicialmente agrícola, transformada em um destino turístico de renome no Brasil. O ponto de partida da história foi a aquisição da fazenda Praia do Forte por Klaus Peters, o pai, nos anos 60. Sem planos claros do que fazer com a propriedade, Klaus foi gradualmente percebendo o potencial da região para o turismo.

A ideia de desenvolver Praia do Forte como um destino turístico começou a ganhar forma na década de 70, quando um arquiteto americano foi contratado para avaliar o potencial turístico da propriedade. Naquela época, muitos duvidavam que o turismo na região fosse viável, especialmente devido à falta de infraestrutura adequada e à localização remota.

Entretanto a visão do arquiteto e o incentivo de figuras políticas, como o então governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, foram decisivos para o desenvolvimento da região.

A família Peters, com a colaboração de arquitetos e urbanistas, projetou um plano diretor que visava preservar a cultura local e integrar a população de pescadores que vivia na área. Klaus Filho comenta que um dos grandes sucessos do projeto foi manter a vila original e garantir que os moradores locais se beneficiassem do desenvolvimento, sem serem deslocados.

Desafios e Aprendizados

Durante a entrevista, Klaus Filho destacou os desafios enfrentados no processo de desenvolvimento. A infraestrutura, especialmente a falta de estradas e de um aeroporto adequado, era um dos maiores obstáculos. Para superar isso, a família Peters se comprometeu a investir em melhorias na região, em parceria com o governo.

Outro ponto importante foi o compromisso com a preservação ambiental. O projeto da Praia do Forte incluiu a criação de áreas de preservação, garantindo que o desenvolvimento não prejudicasse o ecossistema local. Klaus Filho também mencionou a introdução de leis locais para proteger elementos naturais, como os coqueirais.

No aspecto social, o foco era manter os pescadores e suas famílias na vila, garantindo que eles não fossem forçados a vender suas terras. Para isso, a família Peters estabeleceu acordos com a prefeitura, assegurando que os moradores locais tivessem direitos sobre suas propriedades e pudessem continuar a viver na região, mesmo com o aumento do turismo.

A Importância do Turismo Planejado

Klaus Filho refletiu sobre a importância do turismo planejado, ressaltando que o sucesso da Praia do Forte foi resultado de uma visão de longo prazo e de um planejamento cuidadoso. Ele acredita que um dos maiores erros que podem ser cometidos em projetos turísticos é a falta de planejamento, o que pode resultar em superlotação e degradação do meio ambiente.

A visão da família Peters não era apenas desenvolver a área como um destino de luxo, mas criar um ambiente sustentável onde o turismo pudesse coexistir com a cultura local e o meio ambiente. Klaus Filho ainda ressaltou que muitos dos princípios aplicados no desenvolvimento da Praia do Forte são relevantes hoje e podem servir como modelo para outras regiões turísticas do Brasil.

Legado e Continuação

No final da entrevista, Klaus Filho falou sobre seu legado e o impacto que o projeto da Praia do Forte teve em sua vida e na de sua família. Ele refletiu sobre as mudanças que ocorreram ao longo dos anos e como a Praia do Forte se transformou em um dos principais destinos turísticos do Brasil.

Ele também comentou sobre sua transição para o setor de marinas, outro campo em que sua família se destacou. Assim como na Praia do Forte, Klaus Filho vê nas marinas uma oportunidade para promover o desenvolvimento sustentável e criar novas oportunidades para o turismo no Brasil, sempre com foco na preservação ambiental e na valorização das comunidades locais.

Conclusão

A entrevista com Klaus Peters Filho fornece uma visão detalhada do processo de desenvolvimento da Praia do Forte e dos desafios enfrentados ao longo do caminho. Com uma abordagem baseada na preservação ambiental, no planejamento a longo prazo e na valorização da cultura local, a família Peters criou um modelo de turismo sustentável que continua a inspirar novos projetos no Brasil.

O legado de Klaus Peters, tanto na Praia do Forte quanto no setor de marinas, serve como um exemplo de como o turismo pode ser uma força transformadora, não apenas para a economia, mas também para as comunidades e o meio ambiente.

APÊNDICE C

Entrevista com o casal Nobbi e Débora – 4 de dezembro de 2024

Já no final da redação da tese, houve a oportunidade de conseguir um contato com um alemão que veio para Praia do Forte logo no início e conviveu com a família Peters e pôde vivenciar todas as etapas do projeto

Seu nome é Norbert Leitsch (Nobbi), 64 anos, veio em 1985 trabalhar no hotel do Klaus Peters, que tinha contratado uma rede alemã, similar ao Club Med. O hotel chamava-se

Robinson Clube, atual Tivoli, que foi o primeiro hotel da região. Estava na Itália, na mesma rede, na área náutica e veio como chefe desta área.

Figura 3 – Norbert Leitsch (Nobbi)



Fonte: A Autora

Sua esposa, Débora, conheceu a família Peters por muitos anos e foi amiga do filho Cacau e do arquiteto Wilson Reis, em 1980. Acompanhou o projeto, estudou alemão. Conheceu e se casou com Nobbi. É natural de Salvador, Bahia, os pais tinham agência de turismo, ligada à Pan American British Caledônia.

Figura 4 – O casal Nobbi e Débora



Fonte: A Autora.

Foi comentado que Klauss poderia não gostar do que se tornou a Praia do Forte, um crescimento tão grande como está agora, com um nível de ocupação muito alto. E ver que áreas que eram de preservação permanente, reservas naturais, viraram condomínios.

Atualmente, o nível de construção é do tipo “piru no pires”, isto é, construções que tomam uma parte substancial do terreno, em vez de 30% como previsto inicialmente. O Condomínio dos Pássaros e o da Laguna, por exemplo, chegaram a desmatar bastante. Ficam do lado do rio e deveriam deixar livre uma área de 40 metros para o rio, o que não foi atendido.

Mas não resta dúvida de que Praia do Forte é muito bonita, tem uma população nativa ganhando dinheiro, pois se beneficia do turismo.

Praia do Forte era uma fazenda imensa e de um só proprietário, que mandava em tudo, por isso ficou mais preservada. Já Itacimirim e Guarajuba pertenciam a vários donos.

Sobre não ter encontrado ainda o Master Plan original, de 1977, Débora informou que uma sobrinha do arquiteto Wilson Lins Reis Neto pode ter um exemplar. Ela está criando um museu com as obras do tio e mora em Araras, no Rio de Janeiro.

Klaus faleceu há cerca de 10 anos, e um livro intitulado *O castelo de Wilhelm Hermann*, de Achel Tinoco, publicado pela Editora Ipê das Letras, conta muito da vida da família Peters.

A segunda esposa do Klaus chamava-se Angélica, que ele conheceu em São Paulo. Ele a conhecia há anos. Ele se separou da primeira esposa, e ela também se separou do marido. Klaus adotou os dois filhos adultos do primeiro casamento dela.

Com o tempo, ela conseguiu separar Klaus dos amigos que tinha em Praia do Forte. Em seguida, venderam o que restava da propriedade. O novo proprietário tem ligações na Prefeitura e facilidades para desenvolver os seus projetos.

Klaus tinha uma fazenda, do outro lado da pista, com Mata Atlântica, que ele queria conservar intacta, mas que agora está sendo transformada em sítios de 5.000 metros quadrados cada um. Havia brilho dos olhos dele ao expressar o desejo de manter a mata atlântica original. A Reserva Sapiranga, que era especial, também está sendo transfigurada.

Na visão do casal entrevistado, como destino turístico ainda é sensacional, não existe nada como Praia do Forte. A vegetação está muito boa, maravilhosa.

Não havia necessidade, porém, de colocar o piso na vila, embora não tenha ficado ruim. Daqui a pouco tempo, a vila dos pescadores será a “cidade” de Praia do Forte, pois já existem pessoas morando. Está sendo construída a Escola Vila Global, que terá três idiomas, com mensalidade de 7.000,00 reais.

O casal mora em Praia do Forte há 40 anos. Trabalham com Turismo Receptivo. Atendem a operadoras do exterior e fazem roteiros em todo o Brasil. Por exemplo, uma

operadora do exterior tem um grupo que vai passar 15 dias no Brasil e quer conhecer o Rio Amazonas, passear de barco lá, ver as Cataratas do Iguaçu, conhecer Brasília, etc. Eles montam todo o programa e têm parceiros nos locais, empresas e pessoas registradas na Embratur com certificações de excelência. Fazem as reservas dos hotéis, os passeios, etc., só não da parte aérea, que, segundo informam, “é muito complicada”.

Eles possuem também um Chalé em Santo Antônio, localidade que fica depois de Diogo, onde foi realizada a entrevista *on-line*.

Informaram, ainda, que existe um enorme empreendimento de 5,5 bilhões de reais, em Baixio, mas não conhecem ainda o projeto.